



UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

MARITANA CORAZZA

**AS REDES SOCIAIS DIGITAIS E A AMPLIAÇÃO DO HORIZONTE
VALORATIVO**

Passo Fundo, fevereiro de 2019

Maritana Corazza

**AS REDES SOCIAIS DIGITAIS E A AMPLIAÇÃO DO HORIZONTE
VALORATIVO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de Passo Fundo, como requisito para a qualificação do grau de mestre, sob a orientação da Prof^a. Dra. Marlete Sandra Diedrich.

Passo Fundo

2019

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, e acima de todas as coisas, agradeço a Deus por ter me concedido saúde e perseverança para a realização deste trabalho. Por várias vezes, olhando para o céu, pedi, em forma de oração, força e luz.

Aos meus pais, minha verdadeira riqueza, que sempre com muito amor e carinho incentivaram minha carreira acadêmica, e, com muito esforço, proporcionaram as melhores condições para que eu seguisse este caminho.

À minha irmã Veridiana, que não optou pela carreira acadêmica, mas que manuseia com suas mãos a criatividade artesanal que lhe vem da alma e que me fez, sem querer, perceber muitos valores daí advindos.

Aos meus sobrinhos, Bruno e Breno, que, ao me visitarem aos sábados, despertavam em mim a beleza de ser criança e ver as coisas com simplicidade.

À minha amiga, companheira, ‘mãe’ de coração, Cristiane, que dividiu comigo as viagens, os quartos de hotéis, os lanches, os materiais e, por muitas vezes, as lágrimas. Criamos um laço muito forte nesses dois anos de Mestrado, o qual penso fortalecer, cada vez mais, por muitos e muitos anos de pesquisa, trabalho e amizade.

À minha amiga Édina, que dividiu comigo autorias, coautorias, risadas e broncas, sempre com muita calma, seriedade, inteligência e cautela.

Aos colegas e amigos, que dividiram comigo todos os momentos.

Às minhas amigas Daniela e Débora, irmãs de coração, que estavam sempre prontas para me motivar sobre meus estudos e diziam, com muita paciência, que iria dar tudo certo.

Aos meus alunos, que, por muitas vezes, deixaram de ser alunos para serem amigos. Obrigada por acreditarem em mim e em meu trabalho.

À professora e companheira Marlete Sandra Diedrich, por sempre acolher minhas produções e com muita paciência e afeição apoiar minha trajetória com seriedade e profissionalismo, orientando-me para a vida de pesquisadora. Seu olhar sensível e cuidadoso, sua pontualidade e dedicação se encontram em cada palavra deste trabalho. Tive a oportunidade de, com sua orientação, aprender a ser um pouco melhor como aluna, professora, pesquisadora e ser humano.

Aos professores Dr. Ernani Cesar de Freitas e Dra. Patrícia da Silva Valério, pelo olhar atento ao trabalho e às suas valiosas contribuições no exame de qualificação.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Letras da UPF, pelas maravilhosas aulas, pela motivação e exigência, pelos risos, pela atenção, pelo carinho e amizade.

À professora Dra. Claudia Stumpf Toldo, pelo exemplo de profissional e ser humano. Sempre com um sorriso acolhedor e humilde, percorreu, por muitas vezes, um caminho diferente de repensar os conceitos enunciativos, o qual me emocionou por vários momentos. Afinal, segundo ela, “Só se faz bem quando se faz com o coração”.

À Karine Castoldi, por sua amizade e por seu profissionalismo, lembrando-me sempre das datas e dos prazos importantes. Pelas risadas.

Aos sujeitos, participantes desta pesquisa, cinegrafistas sociais por meio das palavras, que oportunizaram um olhar mais apurado sobre a enunciação.

À Catita, que percebia quando eu estava com o coração apertado.

À CAPES, pela bolsa de estudo a mim concedida.

“No combate entre você e o mundo, prefira o mundo”.

Franz Kafka.

RESUMO

Esta pesquisa propõe reflexões delimitadas sobre a enunciação de dois sujeitos que participam ativamente das redes sociais digitais por meio do discurso, apropriando-se de palavras com novos temas e novas significações em diferentes contextos, ampliando, dessa forma, o seu horizonte valorativo, e, a partir desse, constituindo-se como sujeito. O objetivo que mobiliza esta pesquisa consiste em analisar a ampliação do horizonte valorativo em interações vividas por um casal interiorano. As concepções de enunciação, interação, signo ideológico, tema e significação são ponderadas, essencialmente, por Volóchinov/Bakhtin (2017) e, para melhor compreendê-lo, ancoramo-nos em seus estudiosos Brait e Melo (2017), Faraco (2009), Ponzio (2009) e Sobral (2017), sendo o arcabouço teórico que compõe o primeiro e o segundo pilar sobre o qual abarca este estudo. Para explorarmos a relevância do estudo dos gêneros discursivos, a base teórica é guiada, principalmente, por Bakhtin (2016) e seus estudiosos, Faraco (2009), Machado (2017), Marcuschi (2008) e Sobral (2017), compondo o terceiro pilar desta pesquisa, esse que explicita a presença e o uso de signos ideológicos em diferentes suportes interativos que, por meio do tema, do estilo da linguagem e da construção composicional, encontram as diversas formas de significar. O *corpus* desta pesquisa é proveniente do discurso composto em alguns recortes enunciativos representativos dos sujeitos desta pesquisa, que abarcam a ampliação do horizonte valorativo por meio de palavras advindas da interação nas redes sociais digitais que são fundamentais para a constituição desses sujeitos. A pesquisa caracteriza-se, quanto aos objetivos, como exploratória e descritiva; pesquisa de campo no que se refere aos recortes enunciativos a serem explorados; bibliográfica, quanto aos procedimentos técnicos. Por sua abordagem, classifica-se como qualitativa. Os resultados mostram que a ampliação do horizonte valorativo dos sujeitos não consiste, apenas, na exploração de algumas palavras e no compartilhamento dessas, mas, sim, na nova forma de significar que cada indivíduo desempenha ao fazer uso do signo ideológico para se comunicar, ajustando-se ao tema de cada enunciado para compreender a significação da palavra. Admitimos que as redes sociais são responsáveis pela constituição do sujeito, de forma que os enunciados presentes nos ambientes digitais contribuem, por meio da interação entre os usuários, para a ampliação do horizonte valorativo, e faz com que tal horizonte influencie na construção do discurso compartilhado pelos sujeitos interactantes de uma sociedade que se caracteriza pela mesma ideologia.

Palavras-chave: Enunciação. Redes sociais. Horizonte valorativo. Tema. Significação.

ABSTRACT

This research proposed reflexions delimited on the enunciation of two subjects that actively participate in social networks through discourse, appropriating new layers of words and new meanings in different contexts, thus broadening its value horizon, from this, constituting itself as subject. The objective that mobilizes this research is to analyze the magnification of the value horizon in interactions experienced by an interior couple. The conceptions of enunciation, interaction, ideological sign, theme and signification are essentially pondered by Volóchinov/Bakhtin (2017) and to better understand it, we anchor ourselves in their scholars Brait and Melo (2017), Cherry (2017), Faraco (2009), Ponzio (2009) and Sobral (2017), being the theoretical framework that composes the first and second pillar on which this study covers. To explore the relevance of the study of discursive genres the theoretical basis is guided mainly by Bakhtin (2016) and his scholars Faraco (2009), Machado (2017), Marcuschi (2008) and Sobral (2017) forming the third pillar of this research, which explains the presence and use of ideological signs in different interactive supports that through the theme, language style and compositional construction, find the different ways of meaning. The corpus of this research comes from the discourse composed in some representative enunciative cuts of the subjects of this research, which encompasses the extension of the value horizon through words arising from the interaction in digital social networks that are fundamental for the constitution of these subjects. The research is characterized, as far as the objectives, as exploratory and descriptive; field research with regard to enunciative cuts to be explored; bibliographical, as for the technical procedures and is classified, by its approach, as qualitative. The possible results show that the magnification of the value horizon of the subjects does not only consist in the exploration of some words and their sharing, but rather in the new way of meaning that each individual performs by making use of the ideological sign to communicate, adjusting to the theme of each statement to understand the meaning of the word. For the moment, we admit that social networks are responsible for the constitution of the subject, so that the statements present in the digital environments contribute, through the interaction between users, an extension of the value horizon, and causes this to participate in discourse shared by the interacting subjects of a society that shares the same ideology.

Keywords: Enunciation. Social networks. Valuation horizon. Theme. Meaning.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - QUADRO-SÍNTESE	53
QUADRO 2 - PRINCÍPIOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS	64
QUADRO 3 - OBJETIVOS ESPECÍFICOS E CONSIDERAÇÕES	89
QUADRO 4 - OBJETIVO GERAL	90

LISTA DE RECORTES

RECORTE 1 - JAIR ESTÁ NAS IMEDIAÇÕES...	67
RECORTE 2 - EU NÃO SEI MEXER.....	69
RECORTE 3 - AH, DAÍ TERIA QUE TER INTIMIDADE DEMAIS.	70
RECORTE 4 - NÃO! NÃO É ASSIM QUE SE ESCREVE.....	74
RECORTE 5 - ESSAS COISAS QUE A GENTE NÃO SABE!	75
RECORTE 6 - UHUM... ..	77
RECORTE 7 - NÃO DEU CERTO O EXPERIMENTO.	79
RECORTE 8 - VÃO ACHAR QUE NÃO PRESTA!	81
RECORTE 9 - DEVE SER DE VERDADE.	83
RECORTE 10 - NÃO SABE QUE AS PESQUISAS DIZEM QUE TOMAR MUITO CHÁ FAZ MAL?!.....	85

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 - INSERÇÕES REALIZADAS DO INÍCIO (27.02.2018) AO FIM (20.06.2018) DAS IDAS A CAMPO	59
TABELA 2 - NORMAS DE TRANSCRIÇÃO	62

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 ENUNCIÇÃO E DISCURSO À LUZ DA FILOSOFIA DA LINGUAGEM.....	16
2.1 DIALOGISMO: A TROCA ENUNCIATIVA.....	18
2.2 A INSERÇÃO DO DISCURSO DE UM NO DISCURSO DO OUTRO.....	23
3 TEMA E SIGNIFICAÇÃO: A AMPLIAÇÃO HORIZONTE VALORATIVO	28
4 OS GÊNEROS DISCURSIVOS: SUPERANDO AS NOÇÕES SIMPLISTAS SOBRE A VIDA DO DIZER.....	38
4.1 OS GÊNEROS NA MÍDIA VIRTUAL: REDES SOCIAIS.....	51
5 TRILHANDO OS CAMINHOS METODOLÓGICOS.....	55
5.1 DESCREVENDO O PERCURSO DA PESQUISA: UM OLHAR VOLTADO PARA A METODOLOGIA.....	56
5.2 EM BUSCA DA CONSTRUÇÃO DO <i>CORPUS</i> : OS BASTIDORES.....	59
5.3 CONSTITUINDO O CORPUS: ANTECIPAÇÃO E ELABORAÇÃO DA ANÁLISE.....	61
6 ANÁLISE: A AMPLIAÇÃO DO HORIZONTE VALORATIVO.....	66
6.1 LÍNGUA E SOCIEDADE: INTERAÇÃO.....	66
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	87
REFERÊNCIAS.....	92

1 INTRODUÇÃO

Nossa atenção neste trabalho se volta para o uso das palavras, essas que passam a fazer parte da vida do sujeito desde os primeiros anos de sua existência devido à interatividade enunciativa presente no meio social em que está inserido e que constituem o discurso. A interação é guiada pela mente, originada da observação e compreensão dos enunciados compartilhados pelos sujeitos sociais que habitam uma sociedade específica.

A sociedade é constituída pelo ato de enunciar. É por meio da palavra que se presentificam e cristalizam-se os signos ideológicos de acordo com seu uso. Encontrei¹ nos estudos da Enunciação possíveis respostas para perguntas em mim internalizadas há muito tempo, percebendo que o sujeito constitui-se por meio da enunciação presente no ambiente social, dessa forma, tem acesso ininterrupto à palavra, interpretando-a e compreendendo-a para que possa, também, enunciá-la. Esse sujeito, que sofre influência da ideologia de um grupo social, muda junto com esse grupo e, com isso, muda seu entorno social, numa vivência de experiências marcadas pela reciprocidade.

As mudanças sociais são adotadas pelos sujeitos pertencentes a uma sociedade específica, os quais compartilham costumes, tradições, novas formas comunicativas, novos enunciados – esses, ancorados em outros já existentes, mas que, polidos pelo uso, modificam-se – dentre outros. Início as considerações a respeito do estudo desta dissertação de mestrado contextualizando, de forma sucinta, minha caminhada acadêmica, que desde seu início vem compondo e recompondo minha identidade a todo instante.

Letras foi o curso que escolhi! Tinha um apreço pela área e questionava-me sobre como poderia alguém ensinar um sujeito a ler e escrever, e o mais importante, a desvendar os pressupostos e subentendidos tecidos pelas palavras encontrados em diversos suportes comunicativos. Outras perguntas materializavam a minha reflexão: como esse sujeito seria capaz de compreender e interpretar enunciados? Seria por meio de uma simples soma de letras que se desvendaria o poder da palavra?

Admirava minha professora de Língua Portuguesa e Língua Inglesa; privilégio tive eu em tê-la como mestre em grande parte de minha caminhada escolar. Sua competência e perspicácia em ensinar a língua me deixavam inspirada para seguir esse caminho. A Língua Inglesa era desafiadora e cativante. Como fascinava a ideia de poder falar, ler, ouvir e escrever em outro idioma. A Língua Portuguesa buscava abarcar os mistérios da palavra, tanto os

¹ Faremos o uso da primeira pessoa do singular em função do caráter subjetivo do texto.

sintáticos quanto os semânticos, esses últimos, presumo, faziam com que eu, por várias vezes, tivesse a certeza de estar trilhando o caminho certo. O caminho das Letras!

Foi então que iniciei a pós-graduação, para que algumas perguntas e dúvidas pudessem ser esclarecidas. Conheci novos campos de estudo e adorei a experiência! O trabalho final foi construído sob os marcos teóricos da área de Leitura e Formação do Leitor, percorrendo pelas entrelinhas do multiletramento, da multimodalidade e dos gêneros discursivos, orientado pelo Prof. Dr. Ernani Cesar de Freitas. A pós-graduação foi vista por mim como um leque, que me mostrou os diversos caminhos pelos quais eu poderia seguir, e, a partir disso, resolvi prestar a prova do Mestrado, grande desafio.

O caráter investigativo que agora habitava em mim e os estudos relacionados ao trabalho final da pós-graduação contribuíram para que emergissem mais e mais perguntas e questionamentos, afinal, precisava saber um pouco mais sobre outras teorias e outros conceitos. Fui aprovada. Foi então que, com a ajuda da Prof. Dra. Marlete Sandra Diedrich, minha orientadora, encontrei na *Linguística Moderna*² um viés para que minha futura pesquisa fosse possível. As teorias da área passaram a me interessar muito, principalmente as que tratam dos estudos enunciativos.

Propus-me, então, a estudar a *Enunciação*. Era um querer advindo já há algum tempo, e que agora seria estudado sob uma perspectiva específica. Passei a observar e registrar a interação entre dois sujeitos interioranos³, e tentar perceber como o discurso presente nas redes sociais contribuía para a ampliação do horizonte valorativo⁴ desses sujeitos. Tinha eu a certeza de que nesse instante todas as perguntas que me intrigavam seriam respondidas com exatidão, mas logo vi que estava enganada em pensar dessa forma. Abriu-se uma porta para um novo universo, e fui lançada a muitas outras perguntas. Perguntas essas que deram início à concretização desta dissertação na busca de se encontrarem possíveis respostas para minhas inquietações.

Dessa forma, a temática deste trabalho compreende a ampliação do horizonte valorativo dos sujeitos envolvidos no ato enunciativo marcado por signos oriundos das redes sociais digitais. Na delimitação de tal tema, somos movidos pelo que diz Volóchinov/Bakhtin (2017)

² Linguística Moderna: corresponde ao estudo científico da linguagem humana.

³ Sujeitos interioranos: dois sujeitos que nasceram e construíram suas vidas no campo; as atividades que desenvolvem voltam-se para a agricultura e a pecuária. Esses sujeitos tiveram uma caminhada escolar muito limitada, frequentando apenas as séries iniciais, e apenas há pouco tempo passaram a utilizar um smartphone que possibilita o acesso às redes sociais.

⁴ Trabalharemos com o conceito de *horizonte valorativo* apresentado por Volóchinov/Bakhtin (2017, p. 237) em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. Esse conceito será aprofundado no capítulo 3: *Tema e significação: a ampliação do horizonte valorativo*.

ao abordar tema e significação no capítulo 4, inserido na II parte de *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. O autor coloca em destaque o problema da significação na enunciação viva e teoriza acerca de tema e significação. O tema é entendido como o sentido da enunciação completa, individual e não reiterável, e é determinado não só pelas formas linguísticas, mas também pelos elementos não verbais da situação. Já a significação é composta pelos elementos reiteráveis e idênticos a cada vez que são repetidos. Não nos enganemos, no entanto.

Pautados em Bakhtin (2016), lembramos que não é possível traçar uma fronteira clara entre os dois conceitos, pois eles estão sempre em inter-relação, constituindo a enunciação viva, o que nos leva a destacar, em nossa temática de pesquisa, o dinamismo e a complexidade da enunciação marcada por discursos anteriores, advindos de outras interações dos sujeitos em questão, as quais revelam uma participação ativa nas redes sociais Facebook e WhatsApp.

Identificamos como contribuição possível deste estudo o olhar para a evolução social via discurso, aproximando-se do que Volóchinov/Bakhtin (2017, p. 237) aponta como “[...] formação do horizonte valorativo do grupo social”. Na pesquisa em questão, as mudanças sociais provenientes da interação entre os sujeitos revelam uma evolução semântica. Muitas palavras novas são compartilhadas entre os indivíduos sociais, resultado da constante interação que faz com que uma nova significação seja descoberta na anterior e por ela, mas sempre com a capacidade de contradizê-la e reconstruí-la. Assim, a contribuição social desta pesquisa é decorrente do fato de que este estudo possibilita a compreensão das relações sociais e dos discursos dos sujeitos que enunciam em diferentes grupos. Será indispensável compreender como se dá a socialização da palavra e como essa é capaz de relacionar temas e significações em cada novo contexto social.

Este trabalho integra a linha de pesquisa de Constituição e Interpretação do Texto e do Discurso, do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade de Passo Fundo (UPF). Em nosso percurso investigativo, observamos a ampliação do horizonte valorativo dos sujeitos envolvidos no ato enunciativo marcado pelo uso de signos oriundos das redes sociais digitais, e percebemos que o signo é compreendido pelo indivíduo de acordo com o uso desse no contexto interativo. As questões interpretativas e compreensivas da palavra derivam das combinações sociais exteriores proporcionadas pela interação e pelo uso da palavra em sociedade. Isso significa que cada sujeito é responsável pelo entendimento da palavra e pela sua socialização.

Os mesmos indivíduos de uma sociedade específica compartilham do mesmo signo, compreendem seu significado e o utilizam, mas nem todos interpretam a palavra de igual maneira, isso é, o uso da palavra dependerá do contexto enunciativo no qual os interactantes

estiverem inseridos no momento da comunicação, e também do conhecimento linguístico de cada indivíduo.

É a interação, portanto, responsável pela socialização dos signos. Em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, o exemplo mais fidedigno a respeito da interação encontra-se nas considerações de Volóchinov/Bakhtin (2017) quando afirma que os signos fazem parte da consciência individual de cada sujeito, e essa só passa a existir quando é preenchida pelo conteúdo ideológico emergente do processo de interação social.

Por se tratar de um estudo sobre o horizonte valorativo, esta pesquisa tem como pilar principal a interação que abarca as mudanças sociais e a socialização enunciativa de signos que se dá em prol dessas mudanças. O discurso proveniente das redes sociais – que, na contemporaneidade, são as maiores propagadoras de compartilhamento de informações e opiniões para um grande grupo de usuários – é observado com atenção nesta pesquisa. Nos espaços tecnológicos, os sujeitos partilham ideologias diversas e encontram a possibilidade de compreender e interagir com outras culturas e saberes, o que amplia o universo cultural.

Nessa direção, esta pesquisa visa responder às seguintes perguntas: como se caracteriza a ampliação do horizonte valorativo dos sujeitos envolvidos no ato enunciativo marcado pelo uso de signos oriundos das redes sociais digitais? Como se constituem tema e significação nesses atos enunciativos? Para buscar as respostas que queremos, investigamos as interações de um casal constituídas por discursos marcados pelo uso de signos oriundos das redes sociais digitais. Procuramos responder a esse questionamento ancorados nas seguintes hipóteses:

- a) o sujeito é vigorosamente dominado pelos novos recursos tecnológicos de interação social e, junto com esses, emergem novos signos ideológicos, realidade que é investigada e compreendida por meio dos estudos discursivos;
- b) ao interagir em redes sociais digitais, o sujeito se apropria de signos característicos desses meios e passa a usá-los também em outros contextos, o que implica um movimento de constituição de novos temas e significações;
- c) ao experienciar o uso dos signos oriundos das redes sociais digitais em outros contextos, o sujeito vivencia a ampliação do horizonte valorativo que marca a enunciação.

O objetivo geral desta pesquisa consiste em analisar a ampliação do horizonte valorativo dos sujeitos envolvidos no ato enunciativo marcado por signos oriundos das redes sociais digitais. São objetivos específicos:

- a) identificar, no discurso analisado, a influência dos novos recursos tecnológicos como possibilitadores de novas interações verbais nas redes sociais digitais e fora delas;

- b) reconhecer, no discurso analisado, os signos advindos das redes sociais digitais e o modo como eles constituem novos temas e significações nos novos contextos em que passam a figurar;
- c) investigar como a experiência marcada pelo uso de signos oriundos das redes sociais digitais possibilita a vivência da ampliação do horizonte valorativo que marca a enunciação.

Definimos as referências teóricas a partir dos estudos sobre enunciação, interação e signo ideológico, tomando por base, em especial, Volóchinov/Bakhtin (2017), e, para melhor compreendê-lo, ancoramo-nos em seus estudiosos Brait e Melo (2017), Faraco (2009), Fiorin (2016), Pires (2002), Ponzio (2009) e Sobral (2017). Para refletirmos sobre gêneros discursivos, a fim de identificar o gênero, em especial o estilo, como responsável pelas diversas formas de dizer, a base teórica é guiada pelos estudos de Bakhtin (2016), Faraco (2009), Marcuschi (2008), Machado (2017), Ponzio (2009) e Sobral (2017). Os estudos sobre a metodologia são ancorados em Bragagnolo (2016), Diedrich (2015, 2017), Diedrich e Rigo (2017) e Sobral (2016, 2017). A pesquisa revela-se como exploratória e descritiva, pois é caracterizada pelo registro de dados em um contexto no qual se revela a interação entre dois sujeitos interioranos. No que se refere aos recortes enunciativos a serem explorados, é classificada como pesquisa de campo. Os procedimentos técnicos dão a ela uma natureza bibliográfica; e, por sua abordagem, classifica-se como qualitativa.

Além da introdução e das referências, esta dissertação é desenvolvida em seis capítulos. O primeiro, denominado *Enunciação e discurso à luz da filosofia da linguagem*, contextualiza os trabalhos do Círculo de Bakhtin e sua contribuição para os estudos da linguagem. Essa seção divide-se em duas subseções; a primeira diz respeito ao dialogismo, voltando-se para a troca enunciativa entre os sujeitos; a segunda reflete acerca da palavra e ao modo como o discurso de um sujeito se insere no discurso do outro. O segundo capítulo, denominado *Tema e significação: a ampliação do horizonte valorativo*, compreende a importância do tema no que refere à contribuição para a significação da palavra. O terceiro capítulo, intitulado *Os gêneros discursivos: superando as noções simplistas sobre o dizer*, abarca a relevância dos gêneros discursivos, vistos como responsáveis pela ampliação do horizonte valorativo. Essa seção divide-se em uma subseção sobre gêneros na mídia virtual.

O quarto capítulo, intitulado *Trilhando os caminhos metodológicos*, traça uma trajetória teórica acerca da metodologia utilizada nesta pesquisa. Esse capítulo divide-se em três subseções: a primeira está voltada a descrever o percurso geral da pesquisa; a segunda é responsável por observar como o *corpus* foi construído nas interações com os sujeitos da

pesquisa; a terceira refere-se à constituição do *corpus*, um pequeno ensaio antes da análise. O quinto capítulo, denominado *Análise: a ampliação do horizonte valorativo*, no qual são apresentadas as análises do *corpus* composto por recortes enunciativos representativos dos sujeitos desta pesquisa, divide-se em uma subseção responsável por pontuar a interação na sociedade por meio da observação do uso do signo ideológico atentando para o tema e a significação das palavras. O sexto capítulo, intitulado *Considerações Finais*, trata das possíveis relações estabelecidas entre o sujeito, o signo ideológico e as redes sociais em favor da ampliação do horizonte valorativo na interação.

2 ENUNCIÇÃO E DISCURSO À LUZ DA FILOSOFIA DA LINGUAGEM

Onde não há signo também não há ideologia
Volóchinov/Bakhtin

Este capítulo apresenta o percurso teórico a partir das concepções de interação verbal, enunciado concreto, signo ideológico e dialogismo. Ancoramo-nos nos estudos do Círculo de Bakhtin para compor os princípios que nos conduzirão nesta jornada, e desde já definimos o viés desta pesquisa.

Em primeira instância, questionamos: por que o Círculo de Bakhtin? Que princípios fundamentados pelos estudiosos podem contribuir para que este estudo seja possível? Encontramos, de fato, elementos que nos guiam em direção à abordagem de nossa temática? Para que possamos dar início às possíveis respostas para tais questionamentos, nossa abordagem será sobre o conjunto de obras do Círculo que ancoram alguns pilares sobre os quais se ergue a concepção da linguagem: a interação verbal, o enunciado concreto, o signo ideológico e o dialogismo.

De acordo com Faraco (2009, p. 120), “podemos dizer que o círculo parte da asserção de que a realidade fundamental da linguagem é o fenômeno social de interação verbal”. Os então chamados Círculos, promovidos acerca de tais desafios, viabilizavam a associação coletiva entre intelectuais da época que cultivavam os mesmos propósitos, como expõe Zandwais (2016, p. 100): “[...] objetivos consistiriam, sobretudo, em contribuir para a construção de uma sociedade mais emancipada, liberta de desigualdades sociais e alicerçada em bases marxistas de ciência”. O grupo de autores que constituía o Círculo de Bakhtin reunia-se, informalmente, integrado por componentes intelectuais bolcheviques da época, que produziam conhecimentos científicos sobre Filologia, Filosofia, Literatura, Arte, Biologia e Linguística.

O Círculo de Bakhtin produziu diversos escritos durante sua existência, uma das obras mais citadas entre os linguistas brasileiros, que ancora nossa pesquisa, intitula-se *Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*⁵, traduzida diretamente da primeira edição russa de 1929 por Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo e publicada no ano de 2017. A obra é redigida no âmbito do Círculo de Bakhtin por Valentin N. Volóchinov e assinada por Bakhtin, que analisa as principais tendências dos estudos da linguagem do século XIX e início do século XX⁶, como as escolas

⁵ O primeiro livro a ser publicado em português no ano de 1979 (FARACO, 2009, p. 15).

⁶ De acordo com Faraco (2009, p. 23), no livro *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, Voloshinov “[...] funda a teoria do signo e do significado, bem como sua crítica ao objetivismo abstrato em linguística nos mesmos

de Humboldt e Saussure, e, a partir dessas, propõe um método sociológico no qual os gêneros do cotidiano ocupam lugar em destaque.

A autoria é, de certa forma, polêmica. Considerações feitas por Faraco (2009) atestam que *Marxismo e Filosofia da Linguagem* foi, originalmente, publicado com a assinatura de Valentin N. Voloshinov: “[...] o linguista Viatcheslav V. Ivanov, sem apresentar argumentos efetivos, afirmou que o livro **Marxismo e filosofia da linguagem** tinha sido escrito por Bakhtin e não por Voloshinov [...]” (FARACO, 2009, p. 11, grifo do autor). Mesmo trazendo os apontamentos de Ivanov, Faraco (2009) afirma que, até hoje, nenhum argumento convincente conseguiu resolver essa dúvida. Dessa forma, a obra é atribuída ao próprio Bakhtin, que dedicou sua trajetória à definição dos conceitos, noções e categorias de análise da linguagem com base na ideologia e no cotidiano. As tradutoras esclarecem que os originais russos foram a fonte da tradução, a primeira em 1929 e a segunda em 1930, e que a autoria é de Valentin Nikoláievitch Volóchinov, destacando que, juntamente com essa, entre parênteses, está o Círculo de Bakhtin.

Nos parênteses, o Círculo de Bakhtin sinaliza ao leitor o âmbito em que foi produzida a obra, o que ainda nos remete aos variados debates acerca da autoria, sobretudo no Ocidente, desde que os trabalhos bakhtinianos começaram a ser reconhecidos na Europa e nas Américas (PISTORI, 2018, p. 196).

Ao final do livro, uma parte dedicada ao autor, intitulada *Sobre o autor*, com os dados biográficos de Volóchinov (1895-1936), possibilita ao leitor conhecer um pouco de sua trajetória de vida: na Universidade de Leningrado, no Instituto de História Comparada das Literaturas e Línguas do Ocidente e do Oriente, e no Círculo de Bakhtin, como linguista, crítico de música, de arte e literatura. Todos esses apontamentos nos aconselham a referir a obra *Marxismo e Filosofia da Linguagem* como Volóchinov/Bakhtin (2017), a fim de concordar com a autoria de Volóchinov e sua atribuição da obra a Bakhtin.

Dessa forma, com a pretensão de trilhar alguns possíveis caminhos que nos auxiliarão na interpretação e na compreensão dos conceitos apontados pelo filósofo,⁷ observamos como outros pesquisadores conduzem e compreendem os escritos bakhtinianos, em especial Brait e Melo (2017), Faraco (2009), Fiorin (2016), Pires (2002), Ponzio (2009) e Sobral (2017).

Esclarecida a posição que assumimos frente à questão da autoria e contextualizada a produção intelectual do Círculo, o que, neste trabalho, não representa uma problemática a ser

pressupostos: a consciência do falante não se orienta pelo sistema da língua, mas pelo novo, pelo irrepitível do enunciado, pelo concreto de sua singularidade, pelo seu horizonte social avaliativo”.

⁷ “Bakhtin era, antes de mais nada, um filósofo, face à abrangência de sua temática e os objetivos de sua reflexão” (FARACO, 2009, p. 35).

focalizada em maiores detalhes, nosso olhar se volta, na sequência, aos grandes conceitos derivados da leitura que fazemos das contribuições do Círculo para iluminar a questão a que nos propomos nesta investigação, que consiste em compreender a ampliação do horizonte valorativo dos sujeitos envolvidos no ato enunciativo marcado por signos oriundos das redes sociais digitais.

2.1 Dialogismo: a troca enunciativa

O conceito de dialogismo é de suma importância em nosso trabalho, uma vez que compreendemos, com Bakhtin (2016, p. 76, grifo do autor), a comunicação humana a partir do seguinte viés: “acontecimento da vida do texto, isto é, a sua verdadeira essência, sempre se desenvolve *na fronteira de duas consciências, de dois sujeitos*” (BAKHTIN, 2016, p. 76, grifo do autor). Segundo o autor, toda enunciação é uma resposta a outras enunciações e não se encontra em nenhuma enunciação o caráter monológico.

Ao focalizarmos a ampliação do horizonte valorativo dos sujeitos envolvidos no ato enunciativo marcado por signos oriundos das redes sociais digitais, temos clareza do quão marcadas pelas relações dialógicas podem ser as enunciações produzidas pelos sujeitos cujo discurso analisamos e o quanto representam inscrições da vida em sociedade desses sujeitos, caracterizada pela ampliação do universo cultural via ferramentas tecnológicas.

Pires (2002, p. 39) declara que, conforme Bakhtin, o fundamento de toda a linguagem é o dialogismo e a relação com o outro: “todo enunciado é apenas um elo de uma cadeia infinita de enunciados, um ponto de encontro de opiniões e visões de mundo”. A compreensão de uma enunciação que se dá por meio dos interlocutores que ocupam um território comum permite que a linguagem seja colocada frente a um indivíduo e a outro, produzindo um movimento dialógico. A palavra-chave da teoria bakhtiniana é o diálogo, isso é, as relações dialógicas.

É necessário lembrar que Faraco (2009) nos motiva a refletir sobre a palavra *diálogo* no uso corrente que esse tem também em uma significação social marcadamente positiva, que remete a solução de conflitos, a entendimento, a geração de consenso. Pires (2002, p. 40) contribui com a concepção de dialogismo em Bakhtin a fim de frisar a relevância de atentar para o seu significado:

[...] como um princípio geral da linguagem, de comunhão solidária e coletiva, mas sem passividade e não apenas como a comunicação ou a troca de opiniões vis-à-vis entre parceiros. Também é preciso frisar que o grande mérito de Bakhtin para os estudos do discurso foi introduzir o sujeito e seu contexto social via dialogismo interativo, trazendo com ele a história.

De acordo com Bakhtin (2016), é no encontro de dois textos, do texto que já está pronto e do texto que será criado, que são elencados dois sujeitos, dois autores. Cada indivíduo possui liberdade de expressão diante da enunciação apresentada, a réplica ocorre depois da compreensão do texto: “toda compreensão é um processo ativo e dialógico, portanto tenso, que traz em seu cerne uma resposta, já que implica sujeitos” (PIRES, 2002, p. 42). Cada enunciação é única e jamais se repete da mesma maneira, no mesmo contexto e na mesma situação: “todo texto verdadeiramente criador é sempre, em certa medida, uma revelação do indivíduo livre e não predeterminado pela necessidade empírica” (BAKHTIN, 2016, p. 77). Um enunciado em sua plenitude é enformado como tal pelos elementos dialógicos, também chamados por Bakhtin (2016) de extralinguísticos, ligados a outros enunciados. Para Fiorin (2016), todo enunciado possui uma dimensão dupla, pois revela duas posições, a sua e a do outro.

A compreensão do enunciado alheio, na concepção de Bakhtin (2016), significa ver e compreender outra consciência, isso é, a consciência do outro e de seu mundo:

Na *explicação* existe apenas uma consciência, um sujeito: na *compreensão*, duas consciências, dois sujeitos. Não pode haver relações dialógicas como o objeto, por isso a explicação é desprovida de elementos dialógicos [...]. Em certa medida, a compreensão é sempre dialógica (BAKHTIN, 2016, p. 83, grifo do autor).

De acordo com Bakhtin (2016), para compreender o enunciado, é necessário estabelecer limites essenciais e precisos, isso é, a alternância dos sujeitos do discurso, a capacidade de definir uma resposta e a responsividade de princípio de qualquer compreensão. De acordo com Fiorin (2016), o dialogismo se dá sempre entre discursos e o interlocutor só existe enquanto discurso.

Faraco (2009) nos faz refletir sobre a ideia de que, para haver relações dialógicas, é preciso que qualquer material linguístico tenha entrado na esfera do discurso, ou, em outras palavras, que tenha sido transformado num enunciado e “[..] **tenha fixado a posição de um sujeito social**” (FARACO, 2009, p. 66, grifo do autor). Só assim é possível responder, ou seja, replicar o dito, podendo confrontar posições, acolher a palavra do outro para confirmá-la ou rejeitá-la, buscar-lhe um sentido profundo, para ampliá-la: “em suma, estabelecer com a palavra de outrem relações de sentido de determinada espécie, isto é, relações que geram significação

responsivamente a partir do encontro de posições avaliativas” (FARACO, 2009, p. 66). Em Volóchinov/Bakhtin (2017), vemos que há sempre um conflito tenso e sem interrupção que une em interação os contextos de comunicação. Ou seja, ao enunciar em um determinado contexto, outros contextos comparecem, estabelecendo relações dialógicas permanentes.

O texto é visto como expressão da consciência que reflete algo: “quando o texto se torna objeto do nosso conhecimento podemos falar de reflexo do reflexo” (BAKHTIN, 2016, p. 86). A interpretação de um texto sempre é vista como um reflexo, o reflexo de outro texto, ou seja, o reflexo através do outro no sentido do objeto que está sendo refletido. Dessa forma, observamos a importância do significado e o modo como esse reflete no signo, e lembramos Bakhtin (2016, p. 86): “nenhum fenômeno da natureza tem ‘significado’, só os signos (inclusive as palavras) têm significado”. Por isso, qualquer estudo dos signos, seja qual for o sentido em que tenha avançado, começa obrigatoriamente pela compreensão.

Bakhtin (2016) atesta que, quando o homem é estudado, são encontrados signos em toda parte e deve haver empenho para interpretar o seu significado: “em relação ao homem, o amor, a compaixão, o enternecimento e quaisquer outras emoções sempre são dialógicas nesse ou naquele grau” (BAKHTIN, 2016, p. 87). Mesmo observando as relações dialógicas presentes no emocional do homem, interessam-nos as formas concretas dos textos e nas condições concretas da vida dos textos, sua inter-relação e interação: “o nome dialogismo é mantido em relação à interação entre sujeitos por ser o próprio princípio constituidor da vida e do social. A relação intersubjetiva, estabelecida pela enunciação, constrói tanto os sujeitos quanto os sentidos do discurso” (PIRES, 2002, p. 41).

Dois enunciados alheios sendo confrontados, mesmo nada sabendo um do outro, querem tocar o mesmo tema, ainda que de leve, entrando em relações dialógicas entre si. Eles se tocam no território do tema e do pensamento comum. Nesse sentido, Bakhtin (2016, p. 91, grifo do autor) define relações dialógicas:

As relações dialógicas são de índole específica: não podem ser reduzidas a relações meramente lógicas (ainda que dialéticas) nem a meramente linguísticas (sintático-composicionais). Elas só são possíveis entre enunciados integrais de diferentes sujeitos do discurso (o diálogo mesmo é secundário e representado na maioria dos casos).

Onde não existem palavras, não existe linguagem e não pode haver, de forma alguma, relações dialógicas. Conforme Bakhtin (2016), as relações dialógicas pressupõem linguagem, mas elas não existem no sistema da língua enquanto abstração, pois são impossíveis entre seus elementos. As relações dialógicas são aquelas que estabelecem sentido entre qualquer espécie

de enunciados na comunicação discursiva, isso é, dois enunciados, quaisquer que sejam, se confrontados no plano do sentido, são constituídos por relações dialógicas.

“A língua, a palavra são quase tudo na vida humana” (BAKHTIN, 2016, p. 93). Bakhtin (2016) questiona se as línguas, os dialetos, os estilos de linguagem, o discurso familiar do cotidiano e a linguagem científica podem entrar em tais relações dialógicas, ou seja, se podem conversar entre si. Para o autor, cabe, nesse aspecto, a crítica ao objetivismo abstrato e a necessidade de se dar um enfoque não linguístico aos enunciados representativos de tais realizações, isso é, ele destaca a necessidade desses enunciados serem transformados e analisados como visões de mundo, como pontos de vista e representações de vozes sociais.

A natureza dialógica é original, voltada para o dialogismo interior traçando um limiar das fronteiras entre os enunciados para que seja possível a sua compreensão: “Aqui chegamos ao extremo da filosofia da linguagem e do pensamento das ciências humanas em geral, às terras virgens” (BAKHTIN, 2016, p. 95). Para melhor compreendermos as relações dialógicas, citemos Faraco (2009, p. 67):

[...] relações dialógicas são também possíveis em relação a seu próprio enunciado como um todo, em relação a suas partes separadas e em relação a uma só palavra em seu interior, se nós de algum modo nos afastamos deles, falamos com uma ressalva interior, se nós os observamos a certa distância, como se estabelecêssemos limites à nossa própria autoria, ou a dividíssemos em duas.

A relação com o sentido é sempre dialógica, pois a própria compreensão já é dialógica. Recorremos a Bakhtin (2016) para afirmar que a palavra é interindividual, tudo o que é dito e expresso se encontra fora da alma do falante, pois não pertence somente a ele. O autor da enunciação tem os seus direitos inalienáveis sobre a palavra, mas o ouvinte também goza dos mesmos direitos, aqueles cujas vozes estão na palavra têm também os seus direitos. De acordo com Pires (2002, p. 40, grifo do autor), “o sentido do enunciado é também engendrado pelas condições reais da enunciação e distribui-se *entre as diversas vozes* que habitam o tecido da linguagem”.

O enunciado, quando visto como uma totalidade de sentidos, evoca uma tríade viva, pois a relação com os enunciados dos outros não pode ser separada da relação com o objeto, nem da relação com o próprio falante. Quando há um encontro dialógico entre duas consciências, prevalece uma molduragem do enunciado do outro pelo contexto dialógico, quando uma explicação causal do enunciado do outro é dada, por exemplo, estamos rejeitando-o de antemão.

Todo o enunciado pretende a justiça, a veracidade e a beleza, elementos que são vistos por Bakhtin (2016) como valores dos enunciados e não são determinados por sua relação com a língua, mas por diferentes formas de relação com a realidade, com o sujeito falante e com outros enunciados alheios. Faraco (2009) aponta que as relações dialógicas são relações entre índices sociais de valor que constituem, no conceito do Círculo de Bakhtin, parte inerente de todo enunciado entendido como uma unidade da interação social e como um complexo de relações entre pessoas socialmente organizadas. Bakhtin (2016, p. 101-102, grifo do autor) disserta sobre as relações dialógicas:

Essas relações são profundamente originais e não podem se reduzir a relações lógicas, ou linguísticas, ou psicológicas, ou mecânicas ou a quaisquer outras relações naturais. É o novo tipo de relações *semânticas*, cujos membros só podem ser *enunciados integrais* (ou vistos como integrais ou potencialmente integrais), atrás dos quais estão (e nos quais *exprimem* a si mesmos) sujeitos do discurso reais ou potenciais, autores de tais enunciados. O diálogo real (a conversa do cotidiano, a discussão científica, a discussão política, etc.). A relação entre as réplicas de tal diálogo são o tipo mais externamente notório e simples de relações dialógicas. Contudo, as relações dialógicas jamais coincidem com as relações entre réplicas do diálogo real, são bem mais amplas, diversificadas e complexas. Dois enunciados distantes um do outro, tanto no tempo quanto no espaço, que nada sabem um sobre o outro, tanto no tempo quanto no espaço, que nada sabem um sobre o outro, no confronto dos sentidos revelam relações dialógicas, se entre eles há ao menos alguma convergência de sentidos (ainda que seja uma identidade particular do tema, do ponto de vista, etc.). [...] A compreensão do enunciado pleno é sempre dialógica.

Fica clara, nessa citação, a complexidade das relações dialógicas e o quanto o conceito de dialogismo é definidor da perspectiva teórica assumida nesta investigação. Ao afirmar que “dois enunciados distantes um do outro” revelam relações dialógicas em meio a confrontos e convergências de sentido, Bakhtin apresenta um pressuposto extremamente rico para nossa compreensão do fenômeno da ampliação do horizonte valorativo dos sujeitos envolvidos no ato enunciativo marcado por signos oriundos das redes sociais digitais. Isso porque entendemos a presença dos signos oriundos de tais redes como um fenômeno dialógico, capaz de estabelecer confrontos e divergências de sentido nos novos contextos interacionais em que são mobilizados pelos sujeitos, mas, sem dúvida alguma, prendem-se – nem que seja por meio de uma tênue linha – ao sentido assumido nos contextos de origem. Revela-se aí o acordo ou desacordo da significação, constituindo em seu mover a ampliação do horizonte valorativo dos sujeitos que interagem.

Nesse mover, é importante lembrar que “a compreensão dos enunciados integrais e das relações dialógicas entre eles é de índole inevitavelmente dialógica [...]” (BAKHTIN, 2016, p. 103). De acordo com Fiorin (2016, p. 178), quando se fala em dialogismo:

[...] pensa-se em relações com enunciados já constituídos e, portanto, enunciados anteriores, passados. No entanto, o enunciado está relacionado não só aos que o precedem, mas também aos que lhe sucedem na cadeia da comunicação verbal. Com efeito, na medida em que um enunciado é elaborado em função de uma resposta, está ligado a essa resposta, que ainda não existe. O locutor sempre espera uma compreensão responsiva ativa e o enunciado se constitui para essa resposta esperada.

A compreensão responsiva, de acordo com Bakhtin (2016), está diretamente relacionada ao enunciado concreto, pois o que um dia foi ouvido e compreendido será compartilhado nos discursos posteriores ou no comportamento do ouvinte. Em uma relação dialógica entre dois sujeitos, um não espera que o outro responda passivamente, mas espera uma concordância, uma discordância, uma execução... pois “cada enunciado é um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados” (BAKHTIN, 2016, p. 27).

De acordo com Bakhtin (2016), o enunciado é uma unidade real, delimitada pela alternância dos sujeitos do discurso e que termina com a transmissão da palavra ao outro:

Essa alternância dos sujeitos do discurso, que cria limites precisos do enunciado em diversos campos da atividade humana e da vida, dependendo das diversas funções da linguagem e das diferentes condições e situações de comunicação, tem uma natureza diferente e assume formas várias (BAKHTIN, 2016, p. 29).

Os enunciados integrais são irreprodutíveis e estão ligados entre si por relações dialógicas. No centro dessas relações, somos levados a refletir sobre a participação dos sujeitos envolvidos, tema da seção seguinte.

2.2 A inserção do discurso de um no discurso do outro

Ao nos propormos a analisar a ampliação do horizonte valorativo, acreditamos ser importante refletir sobre a inserção do discurso de um no discurso do outro, uma vez que entendemos o uso de signos reconhecidos como pertencentes às interações nas redes sociais digitais em enunciações para além dessas redes como fenômeno representativo de tal inserção. Esclarecemos, no entanto, que no *corpus* de análise com o qual trabalhamos não temos a preocupação em delimitar a ocorrência de discursos diretos ou indiretos, pois a concepção que temos de tal fenômeno é mais abrangente do que comumente se apresenta.

Entendemos que a presença, nas interações cotidianas do casal sujeito da pesquisa, de determinados signos advindos dos contextos das redes sociais digitais, ora marcadas

verbalmente como citação do discurso de outrem, ora simplesmente incorporadas à enunciação, possam ser concebidas como inserção do discurso de um no discurso do outro. Acreditamos que nossa concepção está em acordo com o que diz Volóchinov/Bakhtin (2017) acerca da enunciação, ao afirmar, no capítulo sobre *A interação verbal*, que toda enunciação é apenas uma fração, uma pequena parte de uma grande corrente ininterrupta de comunicação verbal, a qual, por sua vez, representa apenas uma parte da evolução social.

Com essa compreensão de que o fenômeno que estamos analisando em nossa investigação representa apenas uma pequena fração de um grande movimento dialógico que marca a evolução das interações verbais no quadro das relações sociais, concebemos que tal evolução se marca nas formas da língua. E, dessa forma, cada discurso carrega consigo outros discursos, de outras épocas, de outras situações e de outras relações sociais estabelecidas e vividas pelos sujeitos. Lembrando Bakhtin (2016), os participantes imediatos da comunicação, que se orientam pela situação e pelos enunciados anteriores, abarcam fácil e rapidamente a intencionalidade discursiva do falante, e desde o início do discurso percebem a totalidade do enunciado que se desdobra.

Reiteramos, de acordo com Bakhtin (2016), que a realidade é complexa, e todo o enunciado concreto é um elo na cadeia da comunicação discursiva de um determinado campo. Os limites do enunciado são determinados pela alternância dos sujeitos do discurso:

Os enunciados não são indiferentes entre si nem se bastam cada um a si mesmos; uns conhecem os outros e se refletem mutuamente uns nos outros. Esses reflexos mútuos lhes determinam o caráter. Todo enunciado é pleno de ecos e ressonâncias de outros enunciados com os quais está ligado pela identidade da esfera de comunicação discursiva. Todo enunciado deve ser visto antes de tudo como uma *resposta* aos enunciados de um determinado campo [...] (BAKHTIN, 2016, p. 57, grifo do autor).

Conforme disserta Bakhtin (2016), é impossível o sujeito definir sua posição sem relacioná-la com outras posições, dessa forma, todo enunciado é repleto de variadas atitudes responsivas a outros enunciados de um dado campo da comunicação discursiva. Os enunciados do outro e as palavras isoladas do outro, apreendidas e destacadas como do outro e introduzidas no enunciado, inserem nele algo que é irracional, isto é, as relações recíprocas entre o discurso introduzido do outro e o restante (meu discurso) não têm qualquer analogia com nenhuma relação sintática, em compensação, essas relações são análogas (não idênticas) às relações das réplicas ao diálogo: “o discurso do outro tem uma dupla expressão: a sua, isto é, a alheia, e a expressão do enunciado que acolheu esse discurso” (BAKHTIN, 2016, p. 60).

Ao estudarmos o enunciado com mais profundidade em situações concretas de comunicação discursiva, é possível observar uma série de palavras do outro, as quais, de acordo com Bakhtin (2016), são semilattes e latentes, de diferentes graus de alteridade, ou seja, o enunciado é representado por ecos como que distantes e mal percebidos das alternâncias dos sujeitos do discurso e pelas tonalidades dialógicas.

Também Ponzio (2009), em seus estudos sobre a obra bakhtiniana, nos dá o respaldo teórico para entender o fenômeno. O autor frisa que o discurso reproduzido ou o discurso citado, em suas diferentes formas, não representa apenas um tipo especial de discurso, mas está também constantemente presente no sentido de que todo o discurso é um discurso reproduzido, isso é, que recorre ao discurso alheio. De acordo com o autor, falamos sempre através das palavras dos outros, imitando-os, citando-os, traduzindo outros discursos ou até mesmo através de diferentes formas de transposição, que comportam diferentes formas de distanciamento da palavra alheia: “a palavra entre aspas, o comentário, a crítica, o repúdio etc” (PONZIO, 2009, p. 101).

Bakhtin (2016, p. 61) afirma que uma visão de mundo, uma corrente, uma opinião sempre tem uma expressão verbalizada: “tudo isso é discurso do outro (em forma pessoal ou impessoal), e este não pode deixar de se refletir no enunciado”. O discurso alheio é visto pelo falante como um enunciado de outro sujeito, que carrega um determinado ponto de vista sobre diversos assuntos, considerado autônomo e finalizado do ponto de vista da construção. É uma forma de relação ativa de um enunciado com o outro, a que as formas construtivas estáveis da própria língua permitem. Esse fenômeno é chamado por Volóchinov/Bakhtin (2017, p. 251, grifo do autor) de “*reação da palavra à palavra*”.

Quando avaliamos o enunciado alheio, percebemos alguma significação ideológica que se expressa no material do discurso interior. Volóchinov/Bakhtin (2017, p.254) afirma que “o enunciado alheio é percebido não por um ser mudo, que não sabe falar, mas por um ser humano repleto de palavras interiores”. As palavras interiores são formadas por todas as vivências do sujeito que são dadas na linguagem do seu discurso interior, e é dessa forma que elas passam a pertencer ao discurso exterior. De acordo com Ponzio (2009), a apropriação linguística é um processo que pode ser percebido desde uma mera repetição da palavra alheia, até sua reelaboração, fazendo-a ressoar de forma diferente, concedendo-lhe uma nova perspectiva expressando um novo ponto de vista diferente: “a propriedade sobre a palavra não é exclusiva e total” (PONZIO, 2009, p. 101).

As palavras entram em contato umas com as outras, discurso interior em que ocorre a percepção, a avaliação e a orientação ativa do falante perante o enunciado alheio. Os estudiosos apontam para o verdadeiro objeto de estudo que deve ser justamente a inter-relação dinâmica

entre o discurso transmitido (alheio) e o discurso transmissor (autoral), pois esses na realidade existem, vivem e se formam nas inter-relações, e não isoladamente, ou seja, existem, vivem e se formam na interação do seio social. Ponzio (2009, p. 125, grifo do autor) destaca:

Os signos verbais, como dito no *Marxismo e filosofia da linguagem*, estão tecidos com inúmeros fios ideológicos e servem como trama a todas as relações sociais em qualquer campo: as relações de trabalho, as de intercâmbio econômico, as relações familiares, os contatos casuais da vida cotidiana, as relações políticas etc. O processo de constituição de novas formas ideológicas, a organização ideológica correspondente às mudanças sociais que estão em desenvolvimento, mas que ainda não foram organizadas em sistemas ideológicos definidos, se realizam sobretudo no material sógnico verbal.

A primeira e principal tendência de reação ativa ao discurso alheio pode preservar a alteridade e a autenticidade. Quando isso ocorre, o discurso é seguido de uma estratificação mais rígida do discurso alheio, protegendo-o de entonações autorais ou réplicas criativas⁸, ou “[...] o discurso alheio é compreendido apenas como um ato social íntegro, como uma posição semântica indivisível do falante, ou seja, percebe-se apenas o *que* do discurso, enquanto o *como* fica fora dos limites da percepção” (VOLÓCHINOV/BAKHTIN, 2017, p. 256, grifo do autor). A segunda tendência aponta para um caráter oposto à primeira, uma vez que a língua elabora um meio de introdução mais sutil e mais flexível da resposta e do comentário autoral do discurso alheio: “[...] o próprio discurso é muito mais individualizado e a percepção dos diferentes aspectos do enunciado alheio pode ser extremamente aguçada” (VOLÓCHINOV/BAKHTIN, 2017, p. 258). Aqui, se permite expressar entoações, humor, ironia, ódio, amor; desenvolvendo um colorido do enunciado alheio que nos permite diminuir o aspecto semântico das palavras. De acordo com Ponzio (2009, p. 101):

Evidentemente as palavras que usamos não estão capturadas do vocabulário: provêm do discurso alheio e não são palavras isoladas, mas sim peças que formam parte de enunciações completas, de textos. Não são palavras neutras, vazias de valorações, mas já alheias e com uma determinada direção ideológica, ou seja, expressam um projeto concreto, um determinado nexos com a práxis.

A língua só passará a existir por si só quando combinada com o organismo individual do enunciado concreto, ou seja, do discurso verbal concreto. Ela entra em contato com a comunicação apenas por meio de enunciados, tornando-se repleta de forças vivas e reais, pois as forças vivas e reais refletem as condições da comunicação discursiva. Sendo assim, suas

⁸ Réplicas criativas são entendidas como as variadas possibilidades de resposta para os enunciados, a ausência de réplicas criativas se dá nos gêneros discursivos mais formais, como por exemplo, atas, leis, dicionários, etc...

formas e os meios de diferenciação são determinados pelas premissas socioeconômicas da época: “[...] parece-nos que, nessas formas em que a própria língua percebe a palavra alheia e a individualidade falante, expressam-se de modo mais proeminente e saliente os tipos de comunicação socioideológica que se alternam na história” (VOLÓCHINOV/BAKHTIN, 2017, p. 262). Ponzio (2009) lembra que toda palavra que se expressa de forma concreta, isso é, toda enunciação, nunca é unidirecional, pois expressa seu próprio objeto, expressa direta ou indiretamente sua própria posição acerca da palavra alheia:

Não se trata da palavra alheia como matéria inerte, mas como palavra viva, que renova a própria manipulação, e com a qual tem que estar relacionada, prevendo e prevenindo suas possibilidades de retroação, de resistência, de recusa ou de eliminação de novos sentidos que lhe são atribuídos e que instrumentalizam (PONZIO, 2009, p. 102-103).

O autor da enunciação fala com a palavra alheia, tomando distâncias, e introduz nessa palavra uma intenção, que é completamente oposta à intenção alheia: “ao construir o meu enunciado, procuro defini-lo de maneira ativa; por outro lado, procuro antecipá-lo, e essa resposta antecipável exerce, por sua vez, uma ativa influência sobre o meu enunciado” (BAKHTIN, 2016, p. 63). Da mesma forma como nos colocamos em relação à palavra alheia, depende também o diálogo interior dentro de uma mesma enunciação: “situar-se diante da palavra alheia pode significar utilizá-la com a finalidade de reproduzir a palavra alheia, de representar seu estilo” (PONZIO, 2009, p. 103). Dessa forma, o objeto da palavra é a mesma palavra, nesse caso, o autor tem seu próprio estilo e já não se identifica com a palavra alheia, construindo uma nova enunciação.

Dessa forma, vemos a presença de signos advindos das redes sociais digitais no discurso do casal de sujeitos de nossa pesquisa como a manifestação das relações desses sujeitos com a palavra alheia. Compreendemos essas como relações altamente responsivas e responsáveis pelo delineamento de novos valores, o que, em nossa investigação, é revelado como ampliação do horizonte valorativo dos sujeitos envolvidos no ato enunciativo. Para melhor entendermos essa questão, precisamos dar conta de um outro elemento como presença teórica nesta pesquisa: o tema e a significação. Deles nos ocuparemos no próximo capítulo.

3 TEMA E SIGNIFICAÇÃO: A AMPLIAÇÃO DO HORIZONTE VALORATIVO

Os conceitos de tema e significação são extremamente importantes em nossa investigação, uma vez que concorrem para o estudo do que de fato representam a enunciação e a compreensão como efeitos da interação. Por essa razão, ocupamo-nos, neste capítulo, de tais conceitos e de como, a partir deles, comparece a ideia de horizonte valorativo, central em nossa pesquisa. Esses conceitos são definidos por Volóchinov/Bakhtin (2017) a partir de sua concepção de signo como elemento ideológico, por isso, também dele nos ocupamos neste capítulo.

Cada signo é apresentado em algum material, podendo ser um som, uma cor, uma massa física ou até mesmo o movimento do corpo. Volóchinov/Bakhtin (2017) afirma que o signo é um fenômeno externo e explica tal afirmação destacando que tanto o signo quanto os futuros efeitos por ele produzidos e os novos signos que serão gerados em função disso ocorrem na experiência externa, ou seja, no meio social.

Podemos dizer que o signo é envolto por seu corpo exterior, mas a realização do seu efeito interno ocorre ao relacionarmos um signo com o outro: “essa cadeia da criação e da compreensão ideológica, que vai de um signo a outro e depois para um novo signo, é única e interrupta: sempre passamos de um elo sógnico, e portanto material, a outro elo também sógnico [...]” (VOLÓCHINOV/BAKHTIN, 2017, p. 95). Os signos, em suma, estão presentes em nossa consciência individual, essa que só passa a existir à medida que é preenchida pelo conteúdo ideológico no processo de interação social.

Observamos a presença de signos em todos os lugares que diariamente frequentamos, pois fazem parte da ideologia que norteia o meio social: “[...] como a significação dos signos envolve sempre uma dimensão axiológica, nossa relação com o mundo é sempre atravessada por valores” (FARACO, 2009, p. 49). De acordo com Volóchinov/Bakhtin (2017), o ideológico tem seu lugar na existência e se encontra em um material sógnico específico, que é o social, isso é, ele é criado pelo homem. Conforme Pires (2002, p. 38, grifo do autor), o signo linguístico tem uma:

[...] plurivalência social” que se refere ao seu valor contextual e ressalta: “o fato de diferentes grupos sociais empregarem o mesmo sistema linguístico faz com que as palavras manifestem valores ideológicos contraditórios, tendo seu sentido firmado no contexto em que ocorrem. É a situação social imediata a responsável pelo sentido.

Assim sendo, os indivíduos de uma sociedade específica partilham ideologias, ao mesmo tempo que divergem em relação a outras, e isso faz com que a comunicação se estabeleça entre eles de formas variadas. Não podemos deixar de mencionar que os indivíduos compõem uma coletividade ao estar socialmente organizados, pois somente dessa forma um meio sógnico pode ser formado entre eles. De acordo com Ponzio (2009, p. 157-158):

[...] A ideologia não pode existir fora do material sógnico e, como o signo, tem um caráter social. O social em seu conjunto está repleto de signos, e também de ideologias. O ideológico e o signo não representam extratos separados, uma esfera isolada na qual se reflete a ordem social. Signos e ideologia intervêm ativamente em todas as formas de relação social [...] Isso significa também que o signo ideológico não reflete passivamente as desigualdades e as contradições sociais, mas que forma parte da organização social em suas diferentes formas [...] O signo é a expressão viva das contradições de classe (e não somente sua mera representação). É ideológico por si mesmo, contraditório, ambíguo, plurivocal, e o é mais quanto maiores são as contradições sociais e quanto mais peso tem o sistema sógnico-ideológico na organização social e no desenvolvimento das forças produtivas.

Acreditamos que dois indivíduos que pertencem ao mesmo meio social são capazes de interagir e compreender o que for enunciado por ambos. No entanto, esses indivíduos podem considerar o uso de um novo signo ideológico, acessado em suas novas experiências enunciativas, e compartilhá-lo por meio da enunciação. O novo signo passa a fazer parte do repertório já interiorizado pelo sujeito, e enraíza-se na sociedade conforme seu uso, isso é, depende, acima de tudo, da interação.

A nossa consciência individual se forma e se realiza no material sógnico criado quando estamos inseridos e nos comunicamos em uma coletividade organizada. Os signos nutrem a consciência individual, que não pode ser privada de seu conteúdo sógnico ideológico, pois, se assim for, nada sobrar dela. Essa consciência se aloja em uma imagem, palavra ou gesto. O signo materializa-se por meio da comunicação que se dá através da palavra, determinando a realidade: “[...] *é um fenômeno ideológico par excellence*” (VOLÓCHINOV/BAKHTIN, 2017, p. 98, grifo do autor), visto que a realidade é integralmente absorvida na sua função de ser signo. É por meio da palavra que podemos explicar, do melhor modo possível, as principais formas da comunicação sógnica.

Entretanto, não se esgota nisso. A palavra não é apenas o mais representativo e puro dos signos, mas também um *signo neutro*. Todos os demais materiais sógnicos são especializados em campos particulares da criação ideológica. Cada campo possui seu próprio material ideológico e forma seus próprios signos e símbolos específicos inaplicáveis a outros campos. Nesse caso, o signo é criado por uma função ideológica

específica e é inseparável dela. Já a palavra é neutra em relação a qualquer função ideológica específica. Ela pode assumir *qualquer* função ideológica: científica, estética, moral, religiosa (VOLÓCHINOV/BAKHTIN, 2017, p. 99, grifo do autor).

Com base em Ponzio (2009, p. 123, grifo do autor), refletimos que Bakhtin considera o signo verbal como signo ideológico por excelência, pois o signo verbal – isso é, a palavra – é resgatado em sua concreta e viva totalidade. Dessa forma, a palavra não pode ser estudada a partir de perspectivas monológicas: “[...] pois se coloca na “esfera da relação dialógica”, ou seja, na “esfera da autêntica vida da palavra”. Também Pires (2002) compreende a palavra como um fenômeno ideológico por excelência, pois carrega uma carga de valores culturais que expressam divergências e contradições sociais, tornando-se, assim, um palco de conflitos.

O signo neutro estabelece-se, por sua vez, no sentido de que a palavra pode assumir funções diferenciadas, o que se justifica pela sua propriedade de neutralidade. Podemos dizer também que o signo neutro recebe carga significativa a cada momento de seu uso. Exemplificamos isso da seguinte maneira: um adolescente pode pedir ao seu amigo: “Você navegou no Facebook ontem para ver as novidades?”. Nesse enunciado, a palavra navegar pode significar “visitar o ambiente social”; mas se o mesmo adolescente perguntasse: “Você navegou com seu pai ontem?”, a palavra “navegou” teria o significado de velejar, navegar no mar.

Tudo isso desencadeia um processo interno de interpretação na consciência do adolescente; o resultado desse processo de confronto e interpretação faz compreender a palavra exterior em seu contexto, proporcionando uma reavaliação, uma modificação, ou até mesmo o surgimento de um novo signo. Com base em Ponzio (2009, p. 90, grifo do autor), a noção de signo pode ser melhor compreendida e evidencia que o signo caracteriza-se pela sua pluricidade, pela indeterminação semântica, pela fluidez expressiva e porque se adapta a situações sempre novas e diferentes. Em outras palavras, “o signo não requer uma mera identificação, já que estabelece uma relação dialógica que comporta uma tomada de posição, uma atitude responsiva; o signo requer, além da identificação, o que Bakhtin chama de ‘compreensão responsiva’”.

De acordo com Volóchinov/Bakhtin (2017), compreendemos que os signos ideológicos não podem permanecer isolados se forem compreendidos. Ao tempo em que isso ocorre, passam a fazer parte da unidade da consciência verbalmente formalizada e sempre que houver compreensão e interpretação do que se está sendo visto ou dito, a palavra estará presente. De acordo com Ponzio (2009, p. 113), o processo de compreensão do signo deve proceder da introdução do objeto de estudo em totalidades sempre mais amplas: “[...] a partir da totalidade

da forma ideológica à qual está diretamente vinculado, sem perder de vista o processo global de reprodução social [...]”.

Pensando no material palavra, o que nos interessa nesse momento é saber como a existência real determina o signo e como o signo reflete e refrata a existência em formação, ou seja, os diferentes modos de dar sentido ao mundo; não atentaremos aqui para a natureza sígnica da palavra, mas para a sua *onipresença social* (VOLÓCHINOV/BAKHTIN, 2017, p. 106). De acordo com Ponzio (2009, p. 116, grifo do autor):

Os signos ideológicos refletem – “refratam” – a realidade segundo projeções de classe diferentes, e em contraposição a elas, as quais tentam manter as relações sociais de produção, inclusive quando as mesmas se convertem em um obstáculo para o desenvolvimento das forças produtivas ou, ao contrário, propõem-se como instrumento de luta e de crítica do sistema.

A onipresença, segundo Ponzio (2009, p. 124), é vista como a linguagem da comunicação social, onde todos os sistemas sígnicos não verbais, que encontram utilidade em uma determinada cultura, estão ligados à linguagem verbal e estão introduzidos no elemento do discurso: “segundo Volochinov, a onipresença do signo verbal na comunicação social não exclui a autonomia dos signos verbais nem comporta a auto-suficiência da palavra em relação ao resto do sígnico-social”.

É por meio da palavra que se dá toda a interação e contato entre as pessoas, ou seja, no trabalho, nos eventos políticos, nas reuniões eventuais, dentre outras. A ideologia firma-se na palavra e penetra em todas as áreas da comunicação social. Isso implica dizer que é bastante evidente que a palavra sempre causará as mudanças sociais, onde estão se formando e onde elas ainda não se constituíram em sistemas ideológicos organizados.

O signo ideológico realiza-se no processo da comunicação social, esse é determinado pelo horizonte social, como afirma Volóchinov/Bakhtin (2017). Abordaremos, então, o conteúdo do signo e a ênfase valorativa que acompanha todo esse conteúdo. Um objeto apenas provocará uma reação ideológica sígnica e entrará no horizonte social de um grupo se estiver relacionado com as premissas socioeconômicas que são essenciais para sua existência, é preciso que ele pertença às bases de existência material. Obviamente, o signo só é criado no meio social, exclui-se aqui o seu arbítrio individual, apenas assim o objeto poderá adquirir uma forma sígnica: “*somente aquilo que adquiriu um valor social poderá entrar no mundo da ideologia, tomar forma e nele consolidar-se*” (VOLÓCHINOV/BAKHTIN, 2017, p. 111, grifo do autor).

Conforme Ponzio (2009), para Bakhtin, qualquer valor que uma ideia possa ter nunca dependerá de sua neutralidade, ao contrário disso, é a sua forma ideológica, isso é, é a expressão

de determinados interesses sociais que lhe dá importância, consistência e duração. Além disso, coloca em circulação e concede-lhe qualquer possibilidade de incidência prática sobre os comportamentos e sobre as coisas. O reconhecimento social inicial e individualmente formado da palavra é realizado no exterior, no material ideológico, quando o signo está representado na realidade. O tema e a forma do signo ideológico estão ligados entre si de modo indissolúvel, e podemos perceber tal fato no material da palavra, que consiste no processo de inserção da realidade na ideologia, pois a palavra reflete sensivelmente as mudanças mais sutis da existência social.

Encontramos em Volóchinov/Bakhtin (2017) algumas linhas fundamentais para o estudo do tema e, por conseguinte, da significação da palavra. A significação única e determinada, como aponta o autor, pertence a qualquer enunciado como uma totalidade. O sentido dessa totalidade será chamado de seu tema, o qual deve ser único, individual e irrepetível, pois, como o próprio enunciado, “ele expressa a situação histórica concreta que gerou o enunciado” (VOLÓCHINOV/BAKHTIN, 2017, p. 228).

O enunciado pode ter uma significação desigual a cada vez que é pronunciado e, conseqüentemente, tem um tema díspar a depender da situação histórica concreta a qual pertence em sua essência. Além das formas linguísticas que o constituem, o tema do enunciado é definido pelos aspectos situacionais, sem os quais se torna incompreensível, como se as palavras mais importantes tivessem sido retiradas de sua estrutura. Nessa direção, Volóchinov/Bakhtin (2017, p. 228, grifo do autor) assegura que “o tema do enunciado é tão concreto quanto o momento histórico ao qual ele pertence. *O enunciado só possui um tema ao ser considerado um fenômeno histórico em toda a sua plenitude concreta.* É isso que constitui o tema do enunciado”.

Dentro do tema, o enunciado possui também sua significação. Volóchinov/Bakhtin (2017) compreende a significação como aspectos do enunciado que são repetíveis e idênticos a si mesmos em todas as situações. Como ratifica o autor, o tema do enunciado é essencialmente indivisível, já a significação se decompõe em uma série de significações, conforme os elementos linguísticos do enunciado. De acordo com Volóchinov/Bakhtin (2017, p. 229, grifo do autor), “o tema é *um complexo sistema dinâmico de signos que tenta se adequar ao momento concreto da formação.* O tema é *uma reação da consciência em constituição para a formação da existência.* A significação é *um artefato técnico de realização do tema*”.

É impossível traçarmos um limite absoluto e mecânico entre o tema e a significação, isso é, não é possível mostrar a significação de uma palavra isolada sem torná-la um elemento do tema, sem construir um enunciado-exemplo: “não há tema sem significação, como não há

significação sem tema” (VOLÓCHINOV/BAKHTIN, 2017, p. 229). Caso não se ancore em alguma significação estável, o tema perderá sua conexão com aquilo que veio antes e o que veio depois, ou seja, perderá totalmente o seu sentido.

O homem primitivo compartilhava da mesma palavra para designar os mais variados fenômenos, que, ao nosso ver, não têm nenhuma correlação. Como exemplifica Volóchinov/Bakhtin (2017), a mesma palavra podia designar conceitos totalmente opostos, tal como: acima e abaixo, terra e céu, bem e mal, etc.: “*a pluralidade de significações é uma propriedade constitutiva da palavra*” (VOLÓCHINOV/BAKHTIN, 2017, p. 230, grifo do autor). A significação das palavras é inseparável da situação concreta de sua realização, a significação altera-se conforme a mudança da situação, então, o tema consome, dissolve em si a significação, não deixando que se solidifique nem estabilize.

Como nos lembra Volóchinov/Bakhtin (2017), à medida que a língua se desenvolve e se amplia, a reserva dos conjuntos sonoros e as significações começam a solidificar-se, juntamente com as linhas gerais e mais recorrentes da vida da coletividade que definem o uso temático das diferentes palavras. Já que o tema pertence somente à totalidade do enunciado, uma palavra vista isoladamente só adquire um tema na medida em que figura na qualidade de um enunciado completo: “[...] se abstraímos totalmente a relação com o todo (isto é, com o enunciado), perderemos por completo a significação. É por isso que não se pode traçar um limite rígido entre o tema e a significação” (VOLÓCHINOV/BAKHTIN, 2017, p. 213).

Volóchinov/Bakhtin (2017) formula uma relação entre o tema e a significação e descreve, como mencionamos na introdução deste trabalho, que o tema é o limite superior do significar linguístico. Infere-se, disso, que apenas o tema pode designar algo determinado e que o significado é visto como o limite inferior do significar linguístico. A significação somente é possível quando vista dentro de um tema concreto, eis que “[...] a mudança da significação sempre é uma *reavaliação*: a transferência das palavra de um contexto valorativo para o outro. A palavra ou é elevada a uma potência superior, ou é degradada a uma inferior” (VOLÓCHINOV/BAKHTIN, 2017, p 237, grifo do autor).

Ponzio (2009) qualifica o tema como o sentido completo e unitário do signo verbal, e é considerado concretamente, isso é, o signo verbal que se apresenta em contextos comunicativos concretos, na interação social como expressão completa. É um ato do discurso que se realiza como resposta de um diálogo implícito ou explícito:

O tema é o sentido geral, unitário de uma enunciação ligada a uma situação concreta e que, portanto, está determinado não só por fatores verbais (as palavras que compõem, as estruturas morfológicas e sintáticas, a entonação, o conteúdo linguístico), mas também por fatores extraverbais, sógnicos e não sógnicos, que formam parte do contexto de interação verbal. O tema tem um caráter valorativo e requer uma compreensão ativa, uma relação de interação dialógica, dado que pressupõe sempre o intercâmbio sógnico em determinadas situações comunicativas. O tema, além de ser algo unitário, é também algo único e irrepetível, como consequência de sua relação com uma interação comunicativa especial (PONZIO, 2009, p. 91).

O significado, por conseguinte, pertence ao signo, então, a significação sem o signo é uma ficção, somente acerca da significação podemos exteriorizar o que estava em nosso interior, não podendo de forma alguma ver isoladamente signo e significação. Faraco (2009, p. 54) disserta que:

Voloshinov, em seu livro *Marxismo e filosofia da linguagem* [...], ao discutir a significação, voltará a enfatizar o pressuposto forte do Círculo de que a enunciação de um signo é sempre também a enunciação de índices sociais de valor, isto é, a enunciação de um signo tem efeitos de sentido que decorrem da possibilidade de sua ancoragem em diferentes quadros semântico-axiológicos, em diferentes horizontes sociais de valores.

Já para Ponzio (2009) a significação é tudo aquilo que dentro da expressão apresenta-se com o caráter do reproduzível, do estável e do que está sujeito a um processo de identificação. Na significação, permeiam aspectos que produzem efeitos comuns para diferentes enunciações. Nesse contexto, enquanto o tema de uma enunciação não pode ser decomposto e é visto de maneira unitária, a significação pode ser decomposta em elementos significativos que a compõem e em unidades distintas não significativas:

A significação é “o aparato técnico” para realizar o tema e consiste em tudo aquilo que, na mensagem verbal, pode-se atribuir, por abstração, ao código linguístico, ao sistema unitário da língua. Também a distinção entre tema e significação subsiste evidentemente somente por abstração, no nível teórico, na análise. Na realidade linguística, tema e significação são inseparáveis e não existe entre eles nenhuma fronteira precisa de demarcação (PONZIO, 2009, p. 91, grifo do autor).

A diferença entre o tema e a significação torna-se especialmente clara em relação ao “[...] *problema da compreensão*” (VOLÓCHINOV/BAKHTIN, 2017, p. 232, grifo do autor); quando um enunciado é verdadeiramente compreendido, ele é ativo e possui um embrião de resposta. Apenas a compreensão ativa pode dominar o tema, pois um processo que está em formação só é apreendido com o auxílio de outro processo também em formação: “[...]”

compreender um enunciado alheio significa orientar-se em relação a ele, encontrar para ele um lugar devido no contexto correspondente” (VOLÓCHINOV/BAKHTIN, 2017, p. 232).

Cada enunciado, em sua totalidade, é visto por Volóchinov/Bakhtin (2017) como outro contexto ativo e responsivo, o que significa dizer que toda compreensão é dialógica. A compreensão se opõe ao enunciado assim como a réplica se opõe a outra no diálogo. A compreensão busca uma “*antipalavra*” (VOLÓCHINOV/BAKHTIN, 2017, p. 232, grifo do autor):

[...] não se pode falar que a significação pertence à palavra como tal. Em sua essência, ela pertence à palavra localizada entre os falantes, ou seja, ela se realiza apenas no processo de uma compreensão ativa e responsiva. A significação não está na palavra, nem na alma do falante, nem na alma do ouvinte. A significação é *um efeito da interação entre o falante e o ouvinte no material de um dado conjunto sonoro*. É uma faísca elétrica surgida apenas durante o contato de dois polos opostos. Quem ignora o tema, acessível apenas a uma compreensão ativa e responsiva, e tenta, na definição da significação da palavra, aproximar-se ao seu limite inferior, estável e idêntico, na verdade quer acender uma lâmpada desligando-a da corrente elétrica. Apenas a corrente da comunicação discursiva atribui a palavra a luz da significação.

De acordo com Volóchinov/Bakhtin (2017, p. 233, grifo do autor), a palavra dita não possui apenas um tema e uma significação no sentido objetivo, ela possui, também, uma avaliação, visto que todos os conteúdos objetivos existem na fala viva, são escritos e ditos com ênfase valorativa (e sem a ênfase valorativa não há palavra). É por meio da entonação expressiva, a camada mais evidente e ao mesmo tempo mais superficial da avaliação social, que a palavra é transmitida. A entonação expressiva é definida pela situação mais próxima e pelas suas circunstâncias efêmeras. A entonação é essencial.

Mesmo que enunciemos a mesma palavra, o discurso pode parecer diferente: “[...] essa palavra é apenas um apoio para a entonação” (VOLÓCHINOV/BAKHTIN, 2017, p. 235). O discurso entre os sujeitos é realizado por meio de entonações que expressam a avaliação dos falantes, as avaliações e as entonações ficam inteiramente determinadas na situação social mais próxima do diálogo. Na interação cotidiana, “[...] a entonação costuma ter uma significação totalmente independente da sua construção semântica” (VOLÓCHINOV/BAKHTIN, 2017, p. 235), ou seja, o material entonacional interior acumulado tem vazão com frequência em construções linguísticas impróprias, completamente, para essa entonação. Dessa forma, a mesma palavra dita é pronunciada com uma enorme variedade de entonações, a depender das diferentes situações e emoções cotidianas.

Como define Volóchinov/Bakhtin (2017), o tema próprio de cada enunciado se realiza integralmente apenas por meio da entonação expressiva, sem o auxílio da significação das

palavras e das relações gramaticais. A avaliação não pode extrapolar os estreitos limites da situação mais próxima e do pequeno meio social íntimo:

A avaliação social tem uma enorme importância, mesmo em um enunciado com um sentido mais amplo e apoiado em um vasto auditório social. Apesar de essa avaliação não ser expressa adequadamente por meio de uma entonação, ela determinará a escolha e a ordem de todos os principais elementos significantes do enunciado. Não existe um enunciado sem avaliação. Todo enunciado é antes de tudo uma *orientação avaliativa* (VOLÓCHINOV/BAKHTIN, 2017, p. 236, grifo do autor).

No enunciado vivo, cada elemento não só significa mas também avalia. Apenas um elemento não compreendido percebido no sistema da língua e não na estrutura do enunciado aparece privado de avaliação. Como lembra Volóchinov/Bakhtin (2017, p. 237), a significação objetual é formada pela avaliação, pois é ela quem determina a inserção da significação objetual no horizonte mais próximo e mais amplo dos falantes desse grupo social, uma vez que “[...] a avaliação possui um papel criativo nas mudanças das significações”.

A mudança significativa da palavra é vista por Volóchinov/Bakhtin(2017) como uma reavaliação, isso é, há a transferência da palavra de um contexto valorativo para outro (ou a palavra é elevada a uma potência superior, ou é degradada a uma inferior). A diferença entre a significação da palavra e a avaliação resulta inevitavelmente no fato de que uma significação (privada de um lugar na constituição social viva) é ontologizada e transforma-se em uma existência ideal e abstraída da formação histórica. A avaliação social é relevante para compreender a formação histórica do tema e das significações que o realizam.

Segundo Volóchinov/Bakhtin (2017, p. 237), “[...] a formação do sentido na língua está sempre relacionada com a formação do horizonte valorativo do grupo social[...]”. Essa formação é compreendida como um conjunto de tudo o que possui significação e importância para determinado grupo, o que leva à ampliação do horizonte da existência acessível, compreensível e essencial para o homem:

O criador de gado primitivo não se interessa por quase nada e quase nada o afeta. O homem do fim da época capitalista se interessa por quase tudo, começando pelas regiões da terra mais remotas e terminando pelas estrelas mais distantes. Essa ampliação do horizonte valorativo se realiza de forma dialética. Os novos aspectos da existência que passam a integrar o horizonte de interesses sociais abordados pela palavra e pelo *pathos* humano não esquecem dos elementos da existência integrados anteriormente, mas entram em embate com eles, reavaliando-os, alterando o seu lugar na unidade do horizonte valorativo. Essa formação dialética se reflete na constituição dos sentidos linguísticos. Um sentido novo se revela em um antigo e com a ajuda dele, mas com o objetivo de entrar em oposição a ele e o reconstruir. Isso resulta em um embate incessante de ênfases em cada elemento semântico da existência. Na composição do sentido não há nada que esteja acima da formação e independente da ampliação dialética do horizonte social. A sociedade em formação amplia a sua

percepção da existência em formação. Nesse processo não pode haver nada de absolutamente estável. Por isso, a significação – elemento abstrato e idêntico a si – é absorvida pelo tema e dilacerada por seus conflitos vivos, para depois voltar como uma nova significação com a mesma estabilidade e identidade transitórias (VOLÓCHINOV/BAKHTIN, 2017, p. 238, grifo do autor).

Essa passagem elucida nosso tema de pesquisa, pois acreditamos que a vivência de experiências linguísticas, pelos sujeitos de nossa pesquisa, nas redes sociais digitais, produz em suas interações o embate incessante afirmado pelo autor. Não estamos afirmando que o uso de signos advindos das redes sociais digitais se resume na simples presença de uma forma ou outra no discurso mobilizado pelos sujeitos da pesquisa. Estamos, na verdade, compreendendo esse uso como revelador da ampliação dialética do horizonte social, o que significa dizer que tema e significação entram como constitutivos desse embate e revelam nas interações vividas entre os sujeitos novas significações. As redes sociais digitais, assim, veiculam novos aspectos da existência, os quais passam a integrar, via enunciação, o horizonte de interesses sociais que se abre frente aos sujeitos, cuja existência está em constante formação e se revela na interação discursiva.

Com esse olhar, na sequência, ocupamo-nos da discussão sobre gêneros do discurso, uma vez que entendemos que é na vivência concreta dos gêneros que os discursos se constituem.

4 OS GÊNEROS DISCURSIVOS: SUPERANDO AS NOÇÕES SIMPLISTAS SOBRE O DIZER

[...] toda compreensão é prenhe de resposta
Bakhtin

Estudos relacionados aos gêneros discursivos nos remetem a toda e qualquer atividade humana, a qual pode manifestar-se em diversas formas, tais como a linguagem verbal, a não verbal, o movimento, o tom musical, entre outras. É a partir dos gêneros discursivos que é construída toda a comunicação entre os interlocutores, essa que surge das necessidades comunicativas frequentes de um determinado grupo social, que possui características particulares. Bakhtin (2016, p. 11) salienta que “todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem”, dessa forma, a língua é empregada por meio de enunciados, que podem ser orais ou escritos, concretos e únicos. De acordo com Sobral (2014, p. 24, grifo do autor), o gênero é ideologia criadora, de forma que vem de uma dada esfera de atividade, e dele decorrem os demais processos que criam discursos:

O gênero não é uma forma fixa, mas algo sujeito a alterações as mais diversas, havendo, naturalmente, graus maiores e menores de *liberdade* do sujeito, entendido como um mediador entre o social possível e o efetivamente realizado e cujo papel varia conjunturalmente, isto é, nos termos de suas circunstâncias específicas.

Cada enunciado reproduz as condições específicas e as finalidades de cada campo comunicativo somando seu conteúdo (temático), o estilo da linguagem e sua construção composicional. Esses três elementos (conteúdo temático, estilo da linguagem e construção composicional) estão ligados no conjunto do enunciado e são determinados pela especificidade de um campo de comunicação.

Sobral (2009, p. 115) destaca que, quando se fala em gênero, do ponto de vista do *Círculo*, fala-se de algo que é estável e mutável ao mesmo tempo: “o gênero discursivo é estável porque conserva traços que o identificam como tal e é mutável porque está em constante transformação, se altera a cada vez que é empregado, havendo mesmo casos em que um gênero se transforma em outro”.

Nessa direção, com base em Faraco (2009, p. 123), compreendemos que a unidade de gênero servirá como uma unidade de classificação: “[...] reunir entes diferentes com base em traços comuns”. Já com Sobral (2016) entendemos que, quando Bakhtin conceitua o conteúdo temático, o estilo da linguagem e a construção composicional, está em busca de descrever o gênero em termos de recursos e considera:

Tema é um termo de grande riqueza sugestiva que não se confunde com “assunto”: pode-se falar de um dado assunto e ter outro tema; logo, *tema* é o tópico do discurso como um todo. A *forma de composição*, vinculada com a forma arquitetônica, que é determinada pelo projeto enunciativo do locutor, não se confunde com um artefato, ou forma rígida, porque pode se alterar de acordo com as alterações dos projetos enunciativos; trata-se da maneira de como o gênero mobiliza um texto, a estrutura textual do gênero. O *estilo* é o aspecto do gênero mais ligado à sua mutabilidade: é ao mesmo tempo expressão da relação discursiva típica do gênero e expressão pessoal, mas não subjetiva, do autor no âmbito do gênero (SOBRAL, 2016, p. 173-174, grifo do autor).

Em cada campo de atividade humana, são encontradas a riqueza e a diversidade dos gêneros, que são elaborados de acordo com o campo, crescendo e se diferenciando dos demais à medida que tal campo se desenvolve e ganha complexidade. Bakhtin (2016) salienta a extrema heterogeneidade dos gêneros, tanto orais quanto escritos, os quais devem ser incluídos com grande relevância nas breves réplicas do diálogo do cotidiano, nas diversas formas de relatos cotidianos, nas variadas formas das manifestações científicas e todos os gêneros literários.

Diacronicamente, na antiguidade, foram estudados os gêneros retóricos (a atenção era voltada para a natureza verbal desses gêneros como enunciados), a especificidade dos gêneros retóricos (encobrendo a sua natureza linguística geral), e os gêneros discursivos do cotidiano (tratando-se das réplicas do diálogo cotidiano). Assim, “jamais se deve minimizar a extrema heterogeneidade dos gêneros discursivos e a dificuldade daí advinda de definir a natureza geral do enunciado” (BAKHTIN, 2016, p. 15). A esse respeito, é importante atentar para a diferença essencial entre os gêneros discursivos primários (simples) e secundários (complexos).

Os gêneros primários são aqueles formados nas condições de comunicação imediata, esses integram os gêneros secundários (complexos) transformando-os e dando-lhes um caráter especial. Podem ser: os romances, os dramas, as pesquisas científicas e os grandes gêneros publicísticos. Nestes, o gênero primário perde o vínculo imediato com a realidade concreta e os enunciados reais alheios. Bakhtin (2016) exemplifica tal processo acerca da réplica do diálogo cotidiano ou da carta no romance, elementos que, ao manterem a sua forma e o significado cotidiano apenas no plano do conteúdo romanesco, integram a realidade concreta apenas através do conjunto do romance, ou seja, como acontecimento artístico-literário e não da vida cotidiana. Quando tomado pela forma concreta, o gênero primário passa, portanto, a ser secundário.

Os enunciados tanto orais quanto escritos são individuais e, por isso, refletem a individualidade de cada falante, isso é, seu estilo individual. Nem todos os gêneros são flexíveis a ponto de refletir a individualidade do falante. Os mais favoráveis a isso são os gêneros da literatura de ficção; já as condições menos propícias para o reflexo da individualidade são encontradas em documentos oficiais, ordens militares, etc.

Na imensa maioria dos gêneros discursivos (exceto nos artísticos-literários), o estilo individual não faz parte do plano do enunciado, não serve como um objeto seu mas é, por assim dizer, um epifenômeno do enunciado, seu produto complementar. Em diferentes gêneros podem revelar-se diferentes camadas e aspectos de uma personalidade individual, o estilo individual pode encontrar-se em diversas relações de reciprocidade com a língua nacional (BAKHTIN, 2016, p. 17-18).

A forma compõe o estilo de gênero de determinadas esferas da atividade humana e da comunicação. Essas esferas são compostas por gêneros que, de acordo com Faraco (2009), diferenciam-se e ampliam-se à medida que a própria esfera se desenvolve e fica mais complexa. Sobral (2009, p. 120, grifo do autor) afirma que os gêneros estão ligados aos espaços sociais que são designados pelo *Círculo* com a expressão “esferas de atividade”, as quais têm sua forma de produção, de circulação e de recepção de discursos próprio:

Detalhemos a definição de esferas de atividade. As esferas de atividade são “regiões” de recorte sócioistórico-ideológico do mundo, lugar de relações específicas entre sujeitos, e não só em termos de linguagem. São dotadas de maior ou menor grau de estabilização a depender de seu grau de formalização, ou institucionalização, no âmbito da sociedade e da história, de acordo com as conjunturas específicas. Assim, esfera deve ser entendida como a versão bakhtiniana marxista de “instituição”, ou seja, uma modalidade sócioistórica relativamente estável de relacionamento entre os seres humanos. A esfera vai das relações de intimidade familiar ao aparato institucional do Estado, passando por circunstâncias como as que tornam possíveis comentários causais que desconhecidos fazem um para o outro na rua sobre diversos assuntos cotidianos.

A função nada mais é do que certas condições de comunicação que geram determinados gêneros, ou seja, geram determinados enunciados estilísticos, temáticos e composicionais relativamente estáveis⁹: “o estilo integra a unidade de gênero do enunciado como seu elemento” (BAKHTIN, 2016, p. 18). Com o passar do tempo, os gêneros discursivos são desconstruídos pelas mudanças históricas dos estilos de linguagem, que refletem de modo imediato em todas as mudanças que transcorrem na vida social, estágio em que os enunciados – isso é, os gêneros – funcionam como uma ponte que liga a história da sociedade e a história da linguagem.

Faraco (2009, p. 126) destaca que falamos por meio de gêneros no interior de determinada esfera da atividade humana e chama atenção para o fato de que a fala não é utilizada apenas para atualizar o código gramatical, mas para moldar o nosso dizer às formas de um gênero no interior de uma atividade.

⁹ Ao referir-se aos tipos relativamente estáveis de enunciados, Bakhtin está dando relevo à historicidade dos gêneros e à necessária imprecisão de suas características e fronteiras. (FARACO, 2009, p. 127)

No estudo dos gêneros, é importante lembrar que é da coletividade que nasce a comunicação entre o falante e o ouvinte. Bakhtin (2016) defende, de fato, que o ouvinte nunca adotará uma postura passiva, pois, quando percebe e compreende o significado do discurso, ocupa em relação a ele uma ativa posição responsiva, podendo concordar ou discordar para assim completá-lo, aplicá-lo e usá-lo, ou seja, partilhá-lo de maneira responsiva para a comunidade linguística, e assim sucessivamente os enunciados vivos provenientes da compreensão da fala viva adotarão um natureza ativamente responsiva: “[...] toda compreensão é prenhe de resposta, e nessa ou naquela forma a gera obrigatoriamente: o ouvinte se torna falante” (BAKHTIN, 2016, p. 25).

A compreensão passiva é, para Bakhtin (2016), apenas um momento abstrato da compreensão ativamente responsiva real e plena, que se atualiza na subsequente resposta real, essa que pode ser em voz alta ou representada através de uma ação, ou até mesmo uma compreensão responsiva silenciosa. Essa última é considerada uma compreensão ativa de efeito retardado, mesmo assim, cedo ou tarde, o que foi ouvido e ativamente compreendido fará parte dos próximos discursos do sujeito, ou mesmo refletirá em seu comportamento, pois “[...] toda compreensão plena real é ativamente responsiva e não é senão uma fase inicial preparatória da resposta” (BAKHTIN, 2016, p. 25).

Ademais, todo falante é por si mesmo um respondente em maior ou menor grau: porque ele não é o primeiro falante, o primeiro a ter violado o eterno silêncio do universo, e pressupõe não só a existência do sistema da língua que usa mas também de alguns enunciados antecedentes – dos seus e alheios – com os quais o seu enunciado entra nessas ou naquelas relações (baseia-se neles, polemiza com eles, simplesmente os pressupõe já conhecidos do ouvinte). Cada enunciado é um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados (BAKHTIN, 2016, p. 26).

É importante salientar que o sujeito ancora-se nos discursos já exteriorizados para concretizar o seu. O ambiente social e a ideologia são os pilares principais para a compreensão do discurso entre os indivíduos pertencentes a uma mesma comunidade linguística; de outra forma, quando a compreensão não é estabelecida, remete-nos à deformação do quadro real da comunicação, quer dizer, de acordo com Bakhtin (2016), o papel ativo do outro no processo de comunicação discursiva sai extremamente enfraquecido.

É relevante compartilhar as considerações de Sobral (2016, p. 176, grifo do autor):

A partir da noção de gênero, pode-se explicar satisfatoriamente por que um texto que parece dizer “o mesmo” pode produzir sentidos distintos daqueles que “seriam de esperar”, provando que o texto não tem nada a “dizer” *per se*, dependendo precisamente das relações enunciativas a que serve, algo profundamente fincado na conjuntura sócio-histórica de produção de discursos.

O discurso só pode existir acerca de enunciados concretos provenientes da interação entre os interlocutores, enunciados esses que, mesmo sendo diferentes, de acordo com seu volume, conteúdo ou construção composicional, possuem em comum as unidades da comunicação discursiva, peculiaridades estruturais e também limites absolutamente precisos. A alternância dos sujeitos do discurso define os limites de cada enunciado concreto como unidade da comunicação discursiva, isso é, a alternância dos falantes é composta pela réplica, podendo ser apresentada em um diálogo cotidiano ou um grande romance, pois todo o gênero tem um princípio absoluto (os enunciados dos outros) e um fim absoluto (os enunciados responsivos dos outros) (BAKHTIN, 2016, p. 29).

Bakhtin (2016) observa que a alternância dos sujeitos do discurso tem uma natureza diferente e assume formas várias. Isso nos leva a pensar no diálogo real em que se alteram os enunciados dos interlocutores, denominados réplicas. Cada réplica tem uma conclusibilidade específica ao afirmar determinada posição do falante que provoca uma resposta; dessa forma, as réplicas são interligadas entre si. As relações existentes entre as réplicas do diálogo (as relações de pergunta-resposta, afirmação-objeção, afirmação-concordância) são consideradas impossíveis entre as unidades da língua, ou seja, palavras e orações, quer no sistema da língua ou no interior do enunciado. As réplicas do diálogo só podem acontecer entre enunciados plenos no processo de comunicação discursiva, em suma, os sujeitos do discurso pressupõem outros membros da comunicação discursiva.

Ao abordarmos o diálogo e suas réplicas, torna-se necessário voltar-se para o problema “[...] da oração *como unidade da língua* naquilo que a diferencia do *enunciado como unidade da comunicação discursiva*” (BAKHTIN, 2016, p. 31, grifo do autor), a fim de definir com precisão a relação da oração com o enunciado, elucidando com mais clareza o enunciado, de um lado, e a oração, do outro. Os limites da oração enquanto unidade da língua nunca serão determinados pela alternância dos sujeitos do discurso, pois é a alternância que emoldura as orações e as converte em enunciado pleno. A oração é um pensamento relativamente acabado, estabelecendo relação imediatamente com outros pensamentos do mesmo falante no conjunto do seu enunciado. Ao terminar a oração, o sujeito falante faz uma pausa para logo passar ao seu próximo pensamento, continuando, completando e fundamentando o primeiro. De acordo com Bakhtin (2016, p. 32):

O contexto da oração é o contexto da fala do mesmo sujeito do discurso (falante); a oração não se correlaciona de forma imediata nem pessoal com o contexto extraverbal da realidade (a situação, o ambiente, a pré-história) nem com os enunciados de outros falantes, mas tão somente através de todo contexto que a rodeia, isto é, através do enunciado em seu conjunto.

Se imaginarmos uma oração não cercada pelo contexto do discurso do falante, se ela é um enunciado pleno e acabado, estará diante da realidade e diante dos enunciados dos outros, e a esses já não se segue a pausa, espera-se que sejam seguidos de uma resposta ou de uma compreensão responsiva de outro falante. Aqui encontramos o que, para Bakhtin (2016) é entendido como “dixi”, isto é, a percepção que o leitor ou o ouvinte tem da conclusão do enunciado do outro, do seu fim. Comentários a respeito de um assunto pauta de uma palestra sobre educação, por exemplo, serão enunciados plenos e acabados, pois estarão carregados de ideias e conclusões do falante, mas que, ao mesmo tempo, permite que outro sujeito responda ao enunciado exteriorizado em um mesmo contexto.

A oração torna-se enunciado pleno quando em relação a ela pode-se ocupar uma posição responsiva em prol do contexto. Ela ganha a capacidade de determinar uma resposta apenas no conjunto do enunciado. Conforme Bakhtin (2016), a oração é caracterizada como não delimitada de ambos os aspectos pela alternância dos sujeitos do discurso, pois ela não tem contato imediato com a realidade (com a situação extraverbal) nem relação com os enunciados alheios, não dispondo de plenitude semântica nem capacidade de determinar imediatamente a posição responsiva do outro falante. Em outras palavras, não pode suscitar a resposta, pois “onde a oração figura como um enunciado pleno, ela aparece colocada em uma moldura de material de natureza diversa” (BAKHTIN, 2016, p. 33). Isso implica dizer que a oração é uma unidade da língua e o enunciado é uma unidade da comunicação discursiva. Os enunciados são construídos com o auxílio das unidades da língua (orações), mas isso não leva uma unidade da língua a transformar-se em unidade da comunicação discursiva.

Voltamos à forma mais simples e clássica da comunicação discursiva, o diálogo real. Nele, o limite dos enunciados é determinado pela alternância dos sujeitos falantes. As obras especializadas dos diferentes gêneros científicos e ficcionais também são unidades da comunicação discursiva e estão nitidamente delimitadas pela alternância dos sujeitos, um romance, por exemplo, revela a individualidade do estilo, que difere determinada obra das demais: “a obra é um elo na cadeia da comunicação discursiva; como réplica do diálogo, está vinculada a outras obras” (BAKHTIN, 2016, p. 34-35).

A alternância dos sujeitos do discurso emoldura o enunciado e cria uma massa firme, rigorosamente delimitada dos outros enunciados a ele vinculados. Essa é a primeira peculiaridade constitutiva do enunciado como unidade da comunicação discursiva, intimamente vinculada à segunda; a segunda peculiaridade diz respeito à conclusibilidade específica do enunciado, a qual tem relação com a alternância dos sujeitos do discurso, mas por um aspecto interno, e pode ocorrer porque o falante escreveu ou disse tudo o que quis dizer em um dado contexto e em uma dada condição. O mais relevante critério da conclusibilidade do enunciado é a possibilidade de o interlocutor responder a ele.

Uma oração absolutamente compreensível e acabada, se é oração e não enunciado constituído por uma oração, não pode suscitar atitude responsiva: isso é compreensível mas ainda não é *tudo*. Esse *tudo* – indício de *inteiriza* do enunciado – não se presta a uma definição nem gramatical nem abstrato-semântica (BAKHTIN, 2016, p. 35-36, grifo do autor).

De acordo com Bakhtin (2016), a plenitude acabada do enunciado que possibilita a resposta é determinada por três elementos intimamente ligados: 1) a exauribilidade semântico-objetiva; 2) o projeto de discurso ou vontade de discurso do falante; 3) as formas típicas de composição e do acabamento de gêneros. O primeiro diz respeito ao tema do enunciado que compõe os gêneros discursivos; esses são padronizados e fogem de qualquer criatividade, contexto que nos leva a referirmo-nos a uma posição responsiva mínima e acabada; o objeto é inesgotável, mas, ao se tornar tema do enunciado, ganha uma relativa conclusibilidade. O segundo elemento, visto como inseparável do primeiro, faz referência aos enunciados em que sentimos a intenção discursiva ou a vontade de produzir sentido por parte do falante, determinando a totalidade do enunciado, o seu volume e suas fronteiras.

Na comunicação, imaginamos o que o falante pretende dizer (interpretação nossa) e a partir disso medimos a conclusibilidade do enunciado. Na enunciação, o objeto é escolhido e junto com ele são determinados os seus limites criativos presentes na posição responsiva. Também é definida a escolha da forma do gênero na qual será produzido o enunciado, mesmo interpretando, antecipadamente, o que ocorrerá na troca enunciativa, a intenção é rapidamente percebida pelos participantes da comunicação que se orientam sobre as situações e dos enunciados antecedentes, restringindo-os e vinculando-os com uma situação concreta discursiva, somando todas as suas circunstâncias individuais, seus participantes e suas intervenções.

O terceiro elemento, o estilo, é considerado por Bakhtin (2016) como o mais importante, é determinante das formas estáveis de gênero do enunciado, ou seja, das formas típicas da composição e do acabamento do gênero: “a vontade discursiva do falante se realiza antes de tudo na *escolha de certo gênero discursivo*” (BAKHTIN, 2016, p. 37-38, grifo do autor). As escolhas são determinadas pela especificidade de um campo da comunicação discursiva, pelas considerações semântico-objetais, pela situação concreta da comunicação discursiva e pela composição pessoal de seus participantes. Todas essas condições são carregadas por uma intenção discursiva do falante interpelada pela sua individualidade e subjetividade. Dessa forma, é aplicada e adaptada ao gênero escolhido, incluindo desde o gênero familiar ao mais íntimo.

Falamos apenas através de certos gêneros do discurso, isto é, todos os nossos enunciados têm *formas* relativamente estáveis e típicas de *construção do conjunto*. Dispomos de um rico repertório de gêneros de discurso orais (e escritos). *Em termos práticos*, nós os empregamos de forma segura e habilidosa, mas *em termos teóricos* podemos desconhecer inteiramente a sua existência (BAKHTIN, 2016, p. 38, grifo do autor).

Delineamos nosso discurso por certas formas de gêneros, os quais nos são dados quase da mesma forma que nos é dada a língua materna. A língua chega ao nosso conhecimento a partir de enunciados concretos que nós mesmos ouvimos e reproduzimos na comunicação discursiva. Bakhtin (2016) afirma que as formas da língua e as formas típicas dos enunciados – isso é, os gêneros discursivos – chegam à nossa experiência e à nossa consciência juntas e estreitamente vinculadas.

Moldamos nosso discurso sob a forma de gênero e quando ouvimos o discurso alheio já imaginamos o seu gênero pelas primeiras palavras, criamos certa expectativa acerca de seu percurso atentando para seu volume e construção composicional, pois, segundo Bakhtin (2016, p. 39), “se os gêneros do discurso não existissem e não o dominássemos, se tivéssemos de criá-los pela primeira vez no processo do discurso, de construir livremente cada enunciado e pela primeira vez, a comunicação discursiva seria impossível” (BAKHTIN, 2016, p. 39).

Dessa forma, ancoramos nosso discurso em discursos já existentes, ou seja, fazemos uso das formas típicas de enunciados já existentes para criar novos, assim, moldamos o discurso às formas do gênero. A diversidade dos gêneros discursivos é muito grande, há uma série de gêneros difundidos no cotidiano, esses são de tal forma padronizados que a vontade discursiva

individual do falante só se manifesta na escolha de um determinado gênero e na sua entonação expressiva.

De acordo com a situação, os gêneros diferem entre si, a posição social e a reciprocidade entre os participantes também contribuem para a diversidade e para a elevação dos gêneros discursivos que apresentam concomitância com as formas familiares. Nosso dia a dia é envolto por gêneros discursivos, os quais, na maioria das vezes, utilizamos sem nem mesmo perceber. Quanto mais dominamos os gêneros, os empregamos com maior desenvoltura e, ao mesmo tempo, descobrimos nossa individualidade. Cabe salientar também que, ao falante, não são dadas apenas as formas da língua, mas também as formas igualmente obrigatórias de enunciados, ou seja, os gêneros discursivos: “[...] estes são tão indispensáveis para a compreensão mútua quanto as formas da língua” (BAKHTIN, 2016, p. 41).

O indivíduo falante não cria o gênero, mas o recebe do ambiente social, visto que os gêneros estão em constante mutação e flexibilidade. Ao selecionarmos uma oração para nossa comunicação, a escolhemos do ponto de vista do enunciado inteiro, como ressalta Bakhtin (2016).

Diante do já dito com respeito à oração e ao enunciado, passamos a retomar alguns apontamentos considerados necessários por Bakhtin (2016). A oração só é capaz de determinar imediata e ativamente a posição responsiva do falante depois de se tornar enunciado pleno, pois, analisando uma oração isolada pertencente a um contexto pleno, o sujeito a promove a um enunciado pleno, atingindo o grau de conclusibilidade que lhe permite suscitar uma resposta. A oração terá conclusibilidade de significado e de forma gramatical como acabamento do elemento, mas não como acabamento do conjunto. A oração não é de ninguém e só funciona como enunciado pleno tornando-se expressão da posição do falante individual em uma situação concreta da comunicação discursiva. Nesse caso, percebemos a estreita relação do enunciado com o próprio falante e com os outros participantes da comunicação: “todo enunciado é um elo na cadeia da comunicação discursiva. É a posição ativa do falante nesse ou naquele campo do objeto e do sentido” (BAKHTIN, 2016, p. 46-47). Ponzio (2009) ressalta que, como enunciado, a enunciação é considerada em sua singularidade do “aqui e agora”, a compreensão responsiva não repetirá a enunciação se tratando de algo singular e irrepitível:

Uma frase repetida é sempre a mesma frase; um enunciado repetido não é o mesmo enunciado; em outros termos: não pode ser repetido, ou o que se repete, ao se repetir uma enunciação, é a frase, não o enunciado. Cada vez que a enunciação se repete, o enunciado requer uma compreensão responsiva diferente (PONZIO, 2009, p. 95)

As escolhas feitas pelo falante acerca dos meios linguísticos e dos gêneros é determinada, primeiramente, pela ideia do sujeito do discurso centrada no objeto e no sentido, caracterizando-se como o primeiro elemento do enunciado que determina as suas peculiaridades estilístico-composicionais. O segundo elemento, que determina a composição e o estilo do enunciado, é o elemento expressivo; esse realiza as ligações subjetivas emocionalmente valorativas do falante com o conteúdo do objeto e do sentido do enunciado.

Bakhtin (2016, p. 47) assegura que “[...] um enunciado absolutamente neutro é impossível”. O aspecto expressivo determina o estilo individual do enunciado que sempre, dependendo de seu contexto, pode traduzir uma expressão positiva ou negativa.

Por essa razão, vemos, no ato enunciativo marcado pelo uso de signos advindos das redes sociais digitais, um estilo de enunciado capaz de traduzir uma avaliação positiva ou negativa do sujeito, o que é altamente dependente da sua experiência enunciativa com os gêneros discursivos que figuram em tais redes.

Há palavras que adquirem um peso específico de acordo com a vida político-social, como sugere Bakhtin (2016). Ponderamos, sobre isso, que os signos que caracterizam os discursos nas redes sociais digitais e que passam a figurar em outros gêneros discursivos para além dessas redes apontam para o fato de que não estamos diante de palavras isoladas como unidades da língua, nem de seus significados apenas. O que temos são enunciados acabados e com sentidos concretos, ou seja, determinados pelo seu tema. O significado da palavra refere uma realidade concreta em condições igualmente reais de comunicação discursiva e isso implica que o significado da palavra não é compreendido tão somente como unidade da língua ou no modo como respondemos ativamente a ela, mas que “[...] a entonação expressiva pertence aqui ao enunciado e não à palavra” (BAKHTIN, 2016, p. 50).

Guiamos o tom emocional próprio de cada palavra isolada quando a escolhemos para compor o enunciado. Partimos do conjunto projetado do enunciado e esse conjunto é sempre expressivo. Cada palavra escolhida vem acompanhada da expressão do conjunto. Somente o contato da língua com a realidade, que se dá no enunciado, gera a centelha da expressão, a qual não existe nem no sistema da língua nem na realidade objetiva que se efetiva fora de nós (BAKHTIN, 2016, p. 51). Ao escolhermos as palavras para a comunicação estabelecida pela construção de enunciados, não nos importamos com a forma neutra da língua, derivamo-nas de outros enunciados já ditos antes compostos por um mesmo tema, por uma mesma composição e por um mesmo estilo, ou seja, selecionamos as palavras que farão parte de nossos enunciados

segundo a sua especificação do gênero, esse que não é uma forma da língua, mas, sim, uma forma típica do enunciado. De acordo com Bakhtin (2016, p. 52),

No gênero a palavra ganha uma certa expressão típica. Os gêneros correspondem às situações típicas da comunicação discursiva, a temas típicos, por conseguinte, a alguns contatos típicos dos significados das palavras com a realidade concreta em circunstâncias típicas.

A expressividade típica do gênero não pertence, por certo, à palavra enquanto unidade da língua refletindo apenas a relação da palavra e de seu significado com o gênero, ou seja, com enunciados típicos. A expressão e a entonação típicas que correspondem ao enunciado carecem da força de coerção, que têm as formas da língua, tornando-se normatividade do gênero mais livre. Em alguns casos, o tom expressivo da palavra não condiz com a tipicidade dessa: “as palavras da língua não são de ninguém, mas ao mesmo tempo nós as ouvimos apenas em certos enunciados individuais [...]” (BAKHTIN, 2016, p. 53). Palavras podem ser lidas em obras individuais, nesse caso, já não carregam consigo uma expressão apenas típica, mas sim uma expressão individual exteriorizada e determinada pelo contexto. O emprego das palavras na comunicação discursiva viva pertence sempre a uma índole individualmente-contextual, seus significados apenas lexicográficos asseguram a sua identidade e compreensão entre todos os falantes.

Bakhtin (2016) observa que a palavra existe para o falante em três aspectos: primeiro, como palavra da língua neutra e não pertencente a ninguém; segundo, como palavra alheia dos outros, cheia de ecos de outros enunciados; terceiro, como a minha palavra, porque uma vez que eu opero com ela em uma situação determinada, com uma intenção discursiva determinada, ela já está compenetrada da minha expressão. A palavra alheia, que é composta por ecos de outros enunciados, juntamente com a palavra do eu, dá-se pela forma expressiva, nascendo do ponto do contato da palavra com a realidade concreta dada em uma situação real. Esse contato é realizado pelo enunciado individual. Em cada tempo, em cada meio social, criam-se enunciados ancorados em tons de autoridade, como as obras de arte, as ciências, ou o jornalismo político, nos quais as pessoas se baseiam para citar, imitar ou seguir determinado padrão de enunciado.

Sendo assim, ao usar em suas interações os signos advindos das redes sociais digitais, os sujeitos deles se apropriam e os revestem de novas significações, as quais são afetadas pelos “ecos” dos gêneros discursivos construídos nas redes sociais e de onde foram “captados”. Isso porque a experiência discursiva individual de qualquer sujeito forma-se e se desenvolve com

base na interação constante e contínua com os enunciados individuais dos outros (BAKHTIN, 2016, p. 54). O filósofo chama essa experiência como um possível processo de assimilação, mais ou menos criador das palavras do outro, em suma, ancoramos nosso discurso em enunciados já socializados para que assim criemos o novo, utilizando da alteridade e da assimilabilidade e fazendo uso de um grau variado de aperceptibilidade e de relevância, visto que as palavras exteriorizadas pelos outros são interpeladas pelas expressões e tom valorativo de cada sujeito, os quais podemos assimilar, reelaborar e reacentuar.

A expressividade de algumas palavras não se dá por meio de uma propriedade da própria palavra como unidade da língua, não decorrendo imediatamente do significado dessas palavras. A expressão apresenta-se como uma expressão típica de gênero ou como um eco da expressão individual alheia, “[...] que torna a palavra uma espécie de representante da plenitude do enunciado do outro como posição valorativa determinada” (BAKHTIN, 2016, p. 55). Enquanto unidade da língua, a oração tem uma entonação gramatical específica e não expressiva. Consideramos as entonações específicas como a entonação de acabamento, a explicativa, a disjuntiva e a enumerativa; já as entonações narrativa, interrogativa, exclamativa e exortativa são intrinsecamente cruzadas pela entonação gramatical e pela entonação de gênero: “a oração só ganha entonação expressiva no conjunto do enunciado” (BAKHTIN, 2016, p. 56).

Ao analisarmos uma oração, costumamos carregá-la de certa entonação típica, transformando-a em um enunciado acabado. O enunciado é composto pelo elemento expressivo, seu estilo e sua composição, que são estabelecidos pelo elemento semântico-objetal e por seu elemento expressivo, ou seja, pela relação que o falante traça com o elemento semântico-objetal do enunciado. Por um lado, o falante interpelado por uma ideologia tem sua visão de mundo, seus juízos de valor e suas emoções (alguns já cristalizados, outros em constante mutação) e também o objeto de seu discurso e o sistema da língua; por outro lado, o enunciado é determinado pelo seu estilo e pela sua composição.

Os enunciados concretos são o elo na cadeia da comunicação discursiva de um ambiente determinado. A alternância dos sujeitos pertencentes a esse mesmo ambiente social determina os limites do enunciado, esses que não são indiferentes entre si nem se bastam a si mesmos individualmente, visto que uns conhecem os outros e se refletem mutuamente uns nos outros. Todo enunciado é interpelado por ecos de outros enunciados, portanto, deve ser visto como uma resposta aos enunciados precedentes. O enunciado ocupa uma posição definida com base na esfera da comunicação; é irreal o sujeito definir sua posição sem correlacioná-la com outras posições. Devido a isso, afirmamos que todo enunciado é repleto de variadas atitudes responsivas que podem ser expressas de diferentes formas: os enunciados dos outros podem ser

introduzidos diretamente no contexto do enunciado, podem ser introduzidas somente palavras isoladas ou orações ou enunciados plenos e palavras isoladas que podem conservar sua expressão alheia, mas não podem ser reacentuados.

A expressão do enunciado é determinada pelo conteúdo semântico-objetivo, mas também, por certo, pelos enunciados do outro sobre o mesmo tema, e, a partir desse, respondemos, polemizamos, determinam-se certos elementos, sobressaem-se as repetições e as expressões mais duras e o tom. Ao fazer isso, a expressão do enunciado responde à relação do falante com os enunciados do outro e não somente a relação com os objetos do seu enunciado. As formas responsivas do enunciado são diversas, mas é relevante lembrar que tudo o que expressarmos por meio de um determinado gênero é interpelado por respostas àquilo que já foi dito sobre dado objeto. Mesmo que não tenha adquirido uma expressão externa nítida, essa responsividade irá manifestar-se na tonalidade do sentido, da expressão, na tonalidade do estilo e nos matizes mais sutis da comunicação, pois “o enunciado é pleno de *tonalidades dialógicas*, e sem levá-las em conta é impossível entender até o fim o estilo de um enunciado” (BAKHTIN, 2016, p. 59, grifo do autor).

Sobral (2016, p. 176) ressalta que, quando Bakhtin refere-se ao aspecto central – dialogismo –, esse se desdobra sobre uma entoação avaliativa e responsividade ativa, e, quando parte da questão do texto, o filósofo faz uma análise reconhecidamente filosófica das questões da linguagem: “retoma as bases de seu pensamento dialógico e situa o texto no âmbito dos gêneros, mostrando que o gênero não pode ser abordado sem conexão com o dialogismo”. A ideia própria do sujeito nasce e se forma no processo de interação e luta com os pensamentos dos outros, assim, encontramos seu reflexo nas formas de expressão verbalizada do nosso pensamento (BAKHTIN, 2016, p. 57-58-59). Os enunciados do outro e suas palavras isoladas, apreendidas e destacadas como do outro e introduzidas no enunciado, inserem nele algo irracional do ponto de vista da língua como sistema.

A entoação que isola o discurso do outro (marcado por aspas no discurso escrito) é um fenômeno de tipo especial: é uma espécie de *alternância dos sujeitos do discurso* transferida para o interior do enunciado. Os *limites* criados por essa alternância são aí enfraquecidos e específicos: a expressão do falante penetra através desses limites e se dissemina no discurso do outro, que podemos transmitir em tons irônicos, indignados, simpáticos, reverentes (essa expressão é transmitida com o auxílio de uma entoação expressiva – no discurso escrito é como se a adivinhássemos e a sentíssemos graças ao contexto que emoldura o discurso do outro – ou pela situação extraverbal – ela sugere a expressão correspondente). Assim, o discurso do outro tem uma dupla expressão: a sua, isto é, a alheia, e a expressão do enunciado que acolheu esse discurso (BAKHTIN, 2016, p. 59-60, grifo do autor).

Nossos enunciados, quando estudados com mais profundidade, em situações concretas discursivas, são vistos cheios de palavras do outro, dessa forma, o enunciado é carregado por ecos, mesmo que distantes, das alternâncias dos sujeitos. Pelas tonalidades dialógicas, se cruzam, convergem e divergem diversos pontos de vista construídos pela ideologia mantendo uma expressão verbalizada. Tudo isso é discurso do outro, conforme preceitua Bakhtin (2016, p. 61): “o enunciado está voltado não só para o seu objeto mas também para os discursos do outro sobre ele”. Mesmo que o enunciado seja como um elo da cadeia da comunicação discursiva, também deve ser percebido como um elo subsequente dessa comunicação; quando o enunciado é criado pelo falante, levando em consideração a ativa¹⁰ compreensão responsiva, tais elos ainda não existem e passam a existir a após a socialização do enunciado.

O falante aguarda a resposta¹¹ do interlocutor desde o início de sua comunicação, “é como se todo enunciado se construísse ao encontro dessa resposta” (BAKHTIN, 2016, p. 62), pois a ativa compreensão responsiva soa um tanto óbvia para nós quando pensamos que o falante sempre endereça seu discurso a alguém, uma vez que, quando construímos nosso enunciado, procuramos defini-lo de maneira ativa e, perante isso, já o antecipamos. Essa resposta antecipada exerce uma ativa influência sobre o enunciado do falante.

A compreensão ativa do enunciado colaborará para a escolha do gênero do enunciado e os procedimentos composicionais desse que determinará o seu estilo. Os gêneros e os estilos considerados íntimos pelos interlocutores são impregnados com muita confiança em sua sensibilidade e na boa vontade da sua compreensão responsiva. Quando percebe ter domínio do gênero e de seu estilo, o falante revela suas ideias, determinando a expressividade específica e a franqueza interior desses estilos. Sem levarmos em conta a relação entre o falante e seu interlocutor e os enunciados que por eles são exteriorizados, torna-se impossível compreender o gênero ou o estilo do discurso.

Dessa forma, o direcionamento e o endereçamento constituem o enunciado e, sem ambos, não poderiam ser formados. As diversas formas características de direcionamento e suas diferentes concepções típicas de destinatários constituem e determinam os diferentes gêneros do discurso.

¹⁰ “Nossos enunciados emergem – como respostas ativas que são no diálogo social – da multidão de vozes interiorizadas. Eles são, assim, heterogêneos (FARACO, 2009, p. 85).

¹¹ De acordo com Faraco (2009), os enunciados manifestam-se como uma tomada de posição axiológica, como uma resposta do já dito. Ao ser dito, o enunciado espera uma resposta e por ser heterogeneamente constituído está atravessado por uma dialogização interna.

4.1 Os gêneros na mídia virtual: redes sociais

Mais do que nunca, hoje proliferam gêneros novos dentro das novas tecnologias, principalmente na mídia eletrônica (digital, redes sociais). A mídia virtual é a responsável pela ampliação do horizonte valorativo dos sujeitos usuários, esse horizonte se expande a cada nova significação proporcionada pela palavra que se encontra nesse campo tecnológico. A partir disso, o sujeito acresce ao seu repertório ideológico um novo saber linguístico, possibilitado pelo vasto horizonte de interesses sociais que a mídia viabiliza. Dessa forma, a interação online traz a possibilidade de acelerar a propagação, o nascimento e a evolução de novos gêneros. Esse meio propicia uma interação altamente participativa. Lembramos Marcuschi (2008, p. 198, grifo do autor),

Se tomarmos o gênero enquanto texto concreto, situado histórica e socialmente, culturalmente sensível, recorrente, “relativamente estável” do ponto de vista estilístico e composicional, servindo como instrumento comunicativo com propósitos específicos como forma de ação social, é fácil perceber que um novo meio tecnológico, que interfere em boa parte dessas condições, deve também interferir na natureza do gênero produzido.

Podemos afirmar que algo novo está acontecendo em relação à linguagem quando nos voltamos para o uso acelerado da língua nos ambientes digitais, mas logo desconstruímos a ideia de que a cada novo avanço tecnológico o mundo se renova por completo. A escrita continua sendo utilizada nos ambientes digitais e a fala ainda é compartilhada a fim de propagar informações existentes nos ambientes interacionais: “novidades podem até acontecer, mas com o tempo percebe-se que não era tão novo aquilo que foi tido como tal” (MARCUSCHI, 2008, p. 199).

Crystal (2001), citado por Marcuschi (2008), tenta apontar para a função e o efeito da linguagem na internet. A pesquisadora frisa três aspectos importantes, dos quais trataremos apenas do último: é incontestável o fato de que todos os gêneros estão ligados à internet, causando eventos textuais fundamentalmente baseados na escrita. Tudo indica, portanto, que a internet seja uma revolução dos modos sociais de interagir linguisticamente e não uma revolução tecnológica apenas.

A comunicação que se torna possível por meio do computador, tablet ou celular, abrange todos os formatos de comunicação e os gêneros que emergem apenas nesse contexto comunicativo: “futuramente, é provável que a expressão *internet* assumam a carga semântica e

pragmática do sistema completo, já que se trata da rede mundial de comunicação ininterruptamente interconectada a todos os computadores ligados a ela” (MARCUSCHI, 2008, p. 199, grifo do autor). Observamos um conjunto específico de novos gêneros textuais desenvolvidos no contexto da mídia virtual, identificada na era da tecnologia computacional, daí surge um novo tipo de comunicação, a qual Marcuschi (2008) chama de comunicação eletrônica.

Dell’Isola (2006, p. 67) comenta que alguns gêneros circulam em ambientes peculiares com um alto nível de especificidade, restringindo-se apenas a um grupo de usuários. Nesse grupo, vincula-se a situação social específica que demanda respostas de uma interação. Nessa interação, operam o discurso e o texto.

No caso específico de nossa pesquisa, não nos voltamos para os gêneros como objeto de estudo, mas acreditamos que o uso das redes sociais digitais, em especial o Facebook e o Whatsapp, é responsável por novas configurações interativas, com enunciações muito particulares, as quais são afetadas pelo formato a partir do qual se estruturam os enunciados. Sendo assim, em nossa investigação acerca da ampliação do horizonte valorativo, vemos a mobilização dos signos advindos das redes sociais digitais como resultado da experiência do sujeito em interações em gêneros digitais específicos, os quais circulam nas redes sociais digitais Facebook e Whatsapp e que assumem valores para além dos gêneros digitais.

Chegando ao fim da explanação de nossa fundamentação teórica neste trabalho, vemos a necessidade de retomar os principais conceitos que se presentificaram até aqui. Fazemos a retomada por meio do Quadro 1:

Quadro 1 - Quadro-síntese

Para investigar a ampliação do horizonte valorativo dos sujeitos envolvidos no ato enunciativo marcado pelo uso de signos oriundos das redes sociais digitais, mobilizamos os seguintes conceitos teóricos:

1. Dialogismo: toda enunciação é uma resposta a outras enunciações e não se encontra em nenhuma enunciação o caráter monologal. Assim, em nosso trabalho, as enunciações analisadas representam também outras enunciações, com as quais dialogam. Ainda, de forma mais específica, podemos afirmar que as enunciações produzidas nas interações dos sujeitos de nossa pesquisa revelam as relações dialógicas constituídas nas redes sociais digitais com os discursos delas característicos.

2. Discurso alheio: todo discurso é um ato social, falamos sempre através das palavras dos outros, essas palavras carregam determinado ponto de vista sobre diversos assuntos. Dessa forma, em nosso trabalho, podemos afirmar que o discurso alheio se presentifica na interação dos sujeitos via uso da palavra que provém das redes sociais digitais, o que, de forma dialética, amplia seu horizonte valorativo.

3. Tema e significação: o tema é essencialmente indissolúvel, isto é, único e irrepetível; já a significação se decompõe em uma série de significações, ou seja, pode ser desigual a cada enunciado. O signo ideológico, determinado pelo horizonte social, se realiza no processo de comunicação, então, a relevância do estudo do tema e da significação em nosso trabalho representa a enunciação e a compreensão da palavra como efeitos da interação, que é a troca enunciativa essencial para a ampliação do horizonte valorativo dos sujeitos de nossa pesquisa.

4. Horizonte valorativo: conceito principal de nossa pesquisa. O horizonte valorativo permite que os sujeitos em interação compreendam o significado das palavras e ampliem seu repertório linguístico. Em nosso trabalho, os sujeitos ampliam seu horizonte valorativo dando às palavras novas formas de significar ao fazerem seu uso em novas enunciações. A nova significação se dá na compreensão do signo ideológico e do ajuste desse ao tema, dessa forma, os sujeitos a ampliação do horizonte valorativo dos sujeitos cujas interações analisamos se revela por meio do uso de signos advindos da interação nas redes sociais digitais em situações vivenciadas para além dessas redes.

5. Gêneros discursivos: em nosso trabalho, voltamo-nos para os gêneros presentes nas novas tecnologias, em especial, a mídia eletrônica. Tais gêneros estabelecem grande parte da comunicação humana virtual, uma vez que é na vivência desses que se constitui a interação nas redes sociais digitais dos sujeitos cujas interações analisamos. A mídia virtual é a responsável pela proliferação do gênero e, por conseguinte, pela ampliação do horizonte valorativo dos sujeitos usuários, esse horizonte se expande a cada nova significação proporcionada pela palavra que se encontra nesse campo tecnológico. Dessa forma, a mídia viabiliza e desperta um vasto horizonte de interesses sociais aos sujeitos desta pesquisa

Fonte: elaborado pela pesquisadora

Estando situado teoricamente o objeto de nosso estudo, no próximo capítulo, trilharemos os caminhos metodológicos escolhidos para a análise do *corpus*.

5 TRILHANDO OS CAMINHOS METODOLÓGICOS

Não se nasce pesquisador; vem-se a sê-lo, a merecê-lo, a receber-lhe o selo, na coerência teórico-metodológica, na consistência ética, na consciência estética, no espelho da esfera em que ser pesquisador faz, e cria, sentido.

Adail Sobral

Para iniciarmos as reflexões feitas ao longo deste capítulo, referentes à metodologia e à análise, temos necessidade de organizar ambos os sedimentos de forma clara e precisa, justamente porque direcionam o trabalho que fez uso de recortes significativos de interações vivenciadas na troca enunciativa entre dois sujeitos interioranos como *corpus* desta pesquisa. O ambiente familiar é um espaço aberto, não limitado, e dali emergem variados assuntos que são discutidos entre o marido, a esposa e a filha do casal. Mesmo havendo um terceiro sujeito (filha) participando da interação, nosso estudo limitou-se ao diálogo entre o marido e a esposa. Dispomos de alguns recortes neste trabalho em que os sujeitos da pesquisa interagem com outras pessoas, enquanto em outros interagem entre eles mesmos. Em nossa avaliação, entendemos que os recortes selecionados mostram, de uma forma ou de outra, aspectos relevantes para a interação entre eles. Sendo assim, podemos afirmar, novamente, que não existem limitações sociais específicas de interação entre ambos, pois se trata de um ambiente descontraído e familiar que não limita a tipologia enunciativa¹² e imprime especificidades da conversação do espaço familiar.

Essas especificidades se encarregam de determinadas ocorrências interacionais específicas: o diálogo entre os sujeitos se dava, muitas vezes, de maneira rápida e acessível¹³, os argumentos eram rapidamente modificados e a troca de turno entre os sujeitos era veloz e imprecisa. É possível, assim, reconhecer alguns contornos interacionais que fundamentam o movimento enunciativo no espaço familiar, imprimindo-lhe alguma singularidade.

No decorrer da análise e nos passos que a antecedem, como o fazer investigativo e a busca por referências concretas, há a dependência metodológica empreendida pelo pesquisador. Algumas dessas questões fazem parte deste capítulo, que trata do encontro entre a questão norteadora e os objetivos que norteiam a pesquisa; as escolhas teóricas que sustentam a reflexão movida sobre o *corpus*, e o próprio *corpus*. Sobre isso, Sobral (2017, p. 116, grifo do autor)

¹² Referimo-nos aqui aos variados tipos de assuntos que transitam no ambiente familiar de forma espontânea, como, por exemplo, assuntos domésticos, assuntos econômicos, assuntos sobre o ambiente social no qual estão inseridos, entre outros.

¹³ Considera-se aqui, *acessível*, a forma simples e direta com que os signos ideológicos são compartilhados entre os sujeitos.

sintetiza: “em suma: o pesquisador deve ver o fenômeno, o objeto. O percurso da pesquisa, no espelho do próprio objeto, claro que refratado por seu olhar e atravessado por tudo o que envolve as pesquisas. Afinal, como diz Beth Brait, ‘o *corpus* fala!’”.

Cada autor-pesquisador tem sua singularidade investigativa, que se edifica de acordo com o olhar, o qual se volta para o tema desta pesquisa e o direciona para os possíveis apontamentos referentes a ele. Cabe salientar que as considerações feitas pelo Círculo de Bakhtin apontam para o fato de que nenhum dizer pode estar desassociado do caráter axiológico e da historicidade do sujeito responsável pelo seu dizer. É acerca disso que a arquitetônica¹⁴ da pesquisa se constitui, as escolhas do autor-pesquisador, tanto próprias quanto teóricas, constituem um todo que se complementa e completa a cada linha redigida. Este trabalho recebe a contribuição de outros pesquisadores, mas, mesmo assim, não deixa de ser singular, pois as escolhas próprias do autor-pesquisador – como, o *corpus*, suas escolhas e suas relações interrogativas – são próprias da autoria.

Em primeira instância, abordamos as características gerais desta pesquisa; em segunda instância, apresentamos o espaço familiar onde foram realizados os registros que constituem o *corpus* desta pesquisa. Posteriormente, fazemos referência à constituição do *corpus* e às possibilidades de análise.

5.1 Descrevendo o percurso da pesquisa: um olhar voltado para a metodologia

Este trabalho visa analisar a ampliação do horizonte valorativo dos sujeitos envolvidos no ato enunciativo marcado por signos oriundos das redes sociais digitais. Dessa forma, revelar-se o caráter exploratório e descritivo da pesquisa. Por se tratar de um trabalho em que, a partir de visitas ao casal em seu ambiente familiar, realizamos os registros enunciativos a serem explorados, não podemos deixar de dizer que corresponde a uma pesquisa de campo, que está delimitada a um estudo de caso específico, e está entrelaçada aos estudos referentes à *enunciação*.

A pesquisa configura-se como qualitativa quando se relaciona com a abordagem do problema e com a análise que fazemos dos dados levantados. A pesquisa de campo, parte fundamental deste trabalho, é caracterizada pelo levantamento de dados realizado pelo autor-pesquisador no ambiente onde ocorrem os movimentos enunciativos. De acordo com Bragagnolo (2016, p. 82, grifo do autor), “as ‘certezas’ traçadas na origem da pesquisa já não

¹⁴ Bakhtin (2016).

encontram âncoras, pois outros elementos agregam-se, formando outras relações através das descobertas de que se revelam”, pois a cada nova inserção a campo, a cada nova enunciação, a cada novo contexto interativo, a pesquisa sempre nos surpreende.

A pesquisa não é considerada por Sobral (2017) como uma mera repetição de uma fórmula, mas é vista como um enquadramento numa forma arquitetônica, que vai além do composicional: “toda pesquisa é ‘mais uma’ pesquisa; no entanto é ‘a’ pesquisa de um dado pesquisador e sua contribuição para o gênero”; dessa forma, “[...] o composicional é a exigência formal, mas o arquitetônico desta, e não de outra, pesquisa é a exigência maior, porque, se bastasse seguir normas, toda pesquisa seria a ‘mesma’ [...]” (SOBRAL, 2017, p. 117, grifo do autor).

O tempo médio de quatro meses não se revelam suficiente para compreendermos e abordarmos mais aspectos enunciativos, as observações e anotações foram realizadas – em sua grande parte, mas não somente — na residência dos dois sujeitos, que, por questões éticas, chamaremos de *Ana* e *Ricardo*, nomes escolhidos por nós e que não correspondem aos seus nomes reais. A observação caracterizou-se por ser direta e não intensiva (direta por tratar-se da presença do investigador, e não intensiva porque as visitas não apresentavam uma linearidade (data/hora), não sistemática (pois as visitas eram feitas de maneira aleatória e nunca no mesmo horário, eram feitas de acordo com a disponibilidade do casal), e observação participante (por algumas vezes, o investigador interferiu no movimento enunciativo do casal a pedido de ambos). Também não foram realizadas entrevistas propriamente ditas, o *corpus* é resultado do registro das interações espontâneas entre o casal, deles com algumas outras pessoas, como médico, por exemplo.

Tendo início em 27/02/2018 e término em 20/06/2018, a pesquisa de campo contabilizou, exatamente, dez encontros com os sujeitos. Como autor-pesquisador que nos constituímos, levávamos conosco um diário de campo, que utilizamos para anotar as interações. A presença do pesquisador não poderia ser invisível aos sujeitos, tanto de forma física, quanto de forma interacional. Sobral (2016, p. 171) nos direciona para alguns parâmetros presentes nas obras de Bakhtin: “o sujeito e sua imagem em discurso: o tempo e o espaço na enunciação; as múltiplas vozes presentes a toda voz”, e esses elementos nos permitem chamar de dialógica a experiência de investigação qualitativa.

Esta pesquisa é motivada pelas interações no espaço familiar em que habitam Ana e Ricardo. Não podemos negar que os sujeitos estão inseridos em um ambiente que nos permite a observação, comparamos o material produzido nessa observação a um gênero discursivo, por estar inserido em um contexto específico e adaptar-se ao diálogo espontâneo. Sobral (2016)

relembra a definição de gêneros feita por Bakhtin e os considera como tipos relativamente estáveis de enunciados que envolvem a valoração:

Toda valoração envolve uma relação ativa entre locutor e destinatário, mostrando que gênero não é uma categoria textual, mas discursiva. Não se trata de uma forma fixa, mas forma sujeita a alterações as mais diversas, com graus maiores e menores de “liberdade” do *sujeito entendido como mediador entre o socialmente possível e o efetivamente realizado e cujo agir varia conjunturalmente, isto é, nos termos de suas circunstâncias específicas* (SOBRAL, 2016, p. 176, grifo nosso).

A residência está localizada no interior de Alto Alegre, uma pequena cidade do estado do Rio Grande do Sul. Ana e Ricardo vivem com a filha em uma casa com um grande jardim ao seu entorno, composta por sete cômodos na parte superior e três cômodos na parte inferior (garagem). O trabalho dos sujeitos volta-se para a agricultura e pecuária, o que os faz adotar uma ideologia própria de valores e costumes de regiões interioranas.

O nível de escolaridade de Ana e Ricardo é baixo, Ana estudou até a 5ª e Ricardo até a 8ª série, ambos abandonaram seus estudos e foram trabalhar na lavoura. Naquela época, por volta da década de 1970, essa era considerada a melhor alternativa para os filhos de agricultores que nasciam na roça e dali tiravam o seu sustento. Ademais, as famílias eram grandes (tinham doze, quinze, dezoito filhos), e era inevitável que a maioria deles não tivesse a oportunidade de se dedicar aos estudos por falta de recursos.

O casal tem duas filhas, apenas a mais jovem reside com eles, a outra, já casada, tem dois filhos, um de três anos e outro de doze, que, por várias vezes, auxiliam e orientam Ana e Ricardo a interagir com as novas práticas relacionadas às redes sociais. A filha que com eles reside auxilia com frequência na construção de enunciados, para que, assim, possam ser socializados entre os grupos sem receio de estarem incorretos¹⁵.

Depois de uma conversa com o casal, realizada no dia 15.12.2017, houve o consentimento para que registrássemos as interações entre eles. A partir dessa autorização, os documentos e os modelos de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) a serem entregues para Ana e Ricardo foram encaminhados ao Comitê de Ética (CEP) da Universidade de Passo Fundo. Em 22 de fevereiro de 2018, foi recebida a aprovação do projeto pelo CEP. A segunda conversa, dessa vez formalmente, se fez necessária para a entrega dos TCLE e a explicação de como seriam realizadas as visitas e os registros a fim de construir o *corpus* desta pesquisa.

¹⁵ Incorretos: referimos, aqui, os erros ortográficos presentes nos enunciados, como a troca de ç por s, ou a supressão de um r quando são necessários dois (rr), etc.

O encontro entre o pesquisador e os sujeitos que fazem parte da pesquisa representa um dos momentos mais significativos para o investigador, pois é desse momento que brotarão os dados para a análise. Na seção a seguir, detalharemos os aspectos observados nesses encontros, esses que são de grande importância para o autor-pesquisador neste trabalho.

5.2 Em busca da construção do *corpus*: os bastidores

Ao irmos rumo ao *corpus* para nossa pesquisa, atentamos para a expressão coleta de dados e refletimos sobre sua significação. Anunciamos nossa discordância para com a terminologia e substituímo-la por *busca*, afinal, este trabalho está em constante construção e, para isso, utilizamos a observação e o registro a respeito da interação entre os sujeitos. É inegável que o autor-pesquisador e os sujeitos da pesquisa estejam envolvidos ativamente com o material de análise; temos uma pessoa, um tempo e um espaço a ser fundamentado e vivido por todos os participantes da enunciação.

Os sujeitos estão familiarizados conosco, facilitando a interação e compartilhando de uma enunciação descontraída; dessa forma, o processo de registro transcorreu de forma satisfatória. Na sequência, apresentaremos a Tabela 1 correspondente à nossa participação como pesquisadora no espaço familiar em que vivem Ana e Ricardo.

Tabela 1 - Inserções realizadas do início (27.02.2018) ao fim (20.06.2018) das idas a campo

<i>Data</i>	<i>Inserção</i>	<i>Contexto Geral</i>	<i>Duração Total</i>
27.02.2018	Visita com registro	Ambientação	2h 52min
01.03.2018	Visita com registro	Atividades domésticas	1h 35min
10.03.2018	Visita com registro	Atividades domésticas	3h 15min
06.04.2018	Visita com registro	Atividades domésticas	40min
14.04.2018	Visita com registro	Atividades domésticas	1h 27min
02.05.2018	Visita com registro	Atividades domésticas	2h 56min
16.05.2018	Visita com registro	Atividades domésticas	1h 45min
03.06.2018	Visita com registro	Atividades domésticas	2h 13min
15.05.2018	Visita com registro	Atividades domésticas	1h 07min

20.06.2018	Visita com registro	Atividades domésticas	4h 10min
Total de horas de observação e registro de dados formalizada		22h	

Fonte: elaborada pela pesquisadora

Desde o primeiro encontro, o material para registro de dados foi levado a campo. Mesmo com nossa inserção anterior no dia a dia dos sujeitos, o primeiro encontro foi um tanto inusitado. Ricardo era cuidadoso com o que falava, já Ana, adotando uma postura mais espontânea, não mantinha controle algum sobre o que enunciava. Os demais encontros foram realizados com maior naturalidade.

Os espaços em que os registros ocorreram eram vários, por se tratar de um contexto interiorano em que Ana é responsável pelos afazeres domésticos, e Ricardo pelos afazeres do campo, as visitas eram feitas normalmente à noite, em horários em que os dois frequentassem o mesmo ambiente. Voltando ao espaço, Ana ocupava-se do celular enquanto Ricardo, por muitas vezes, socializava cuias de chimarrão. Os dois sujeitos possuíam apenas um smartphone, de uso compartilhado, por meio do qual se dava a participação dos dois nos ambientes digitais. Mesmo que as visitas cotidianas fossem dispersivas por tratar de inúmeros tipos de assunto, não deixamos de lado os objetivos da análise, relacionando ao que consideram Fávero et al. (2010, p. 98-99):

[...] deixemos os dados falarem e que por meio de sua voz possamos descrever as realizações da linguagem efetivamente em uso nas interações faladas. Não que o pesquisador não possa iniciar seu trabalho a partir de seus parâmetros teórico-metodológicos a priori definidos. O que ele precisa é estar aberto à possibilidade de discernir e rever os seus princípios à luz das revelações do novo estudo. A teoria, portanto, se constitui e se renova a partir do que revelam os dados.

Os sujeitos foram observados desde a primeira visita, sempre, a partir de nossa chegada ao espaço familiar. Muitos registros já haviam sido feitos em 20.06.2018, então era o momento de encerrar as idas a campo. Dos muitos recortes realizados, escolhemos apenas dez que, conforme nosso ponto de vista, podem, de certa forma, responder ao problema de pesquisa deste trabalho e nos conduzir ao objetivo geral. Isso quer dizer que os registros feitos e o material disponível no *corpus* desta pesquisa não são equivalentes, logo, torna-se necessário trilhar o percurso de constituição do *corpus*, que será abordado na próxima seção.

5.3 Constituinto o *corpus*: antecipação e elaboração da análise

Como fase prévia da pesquisa, usamos a preparação para eleger o espaço e os sujeitos que fariam parte da pesquisa. Feito isso, voltamo-nos para a participação, quando nos referimos às observações no aqui/agora e no espaço da interação, tendo o autor-pesquisador em que nos constituímos compartilhado do mesmo espaço e tempo dos sujeitos pesquisados. Depois da preparação e da participação, foi necessária uma revisão dos registros que constituiriam o *corpus*. É nessa etapa que articulamos o objetivo geral do trabalho de acordo com as marcas enunciativas consideráveis que integram os registros; e, por último, e não menos importante, é imprescindível a reconstituição que consiste na passagem dos registros para o *corpus*, pois é nessa etapa que utilizamos a transcrição, de acordo com a perspectiva investigativa, para transcrever os registros que constituem o *corpus* e merecem maior cuidado.

Não repetiremos apenas o já dito, nosso interesse de pesquisa é renovado uma vez que nossa reflexão procura dar conta da ampliação do horizonte valorativo dos sujeitos envolvidos no ato enunciativo marcado por signos oriundos das redes sociais digitais. Preocupamo-nos, nesse momento, com a transcrição e encontramos em Diedrich (2017, p. 714) contribuições teórico-metodológicas: “[...] a passagem do oral para o escrito, movimento que exige do transcritor a tomada de decisões acerca de como lidar com esse registro”. A transcrição exige um olhar atento do pesquisador, pois há uma tentativa de reconstituição da fala para o texto escrito, e, mesmo, estando atentos a tudo, não conseguiremos registrar toda a experiência de linguagem, como exemplifica Diedrich (2017, p. 714):

Paradoxalmente, sabemos que uma experiência na linguagem não poderá jamais ser registrada por completo, pois ela extrapola o âmbito do registro e se constitui na efemeridade do aqui e do agora de cada enunciação. Além disso, a atividade de transcrição, sem dúvida, é altamente influenciada pelo olhar interpretativo do transcritor sobre o fato a ser transcrito, uma vez que esta etapa da investigação leva o pesquisador a uma tomada de decisões frente aos fatos. Por essa razão, a transcrição é entendida (...) como um ato subjetivo, uma nova enunciação, marcada pelo agir do transcritor.

Diante do que afirma autora, ao transcrevermos os fatos de linguagem já estamos cumprindo uma das etapas da análise. A transcrição envolve implicações próprias de cada espaço, isso faz com que o pesquisador pense com mais afinco no método de transcrever. A autora (2017, p. 715) salienta não ser fácil adotar um modelo de transcrição único e definido “[...] já que o pesquisador se depara com as singularidades de cada ato, de cada fato, o que exige uma decisão de registro sempre renovada”. Dessa forma, faz-se necessário buscar recursos na

transcrição que enfatizam esses movimentos: “a transcrição não é uma operação mecânica, mas uma tentativa de reconstituição de produção do ato enunciativo” (DIEDRICH, 2017, p. 716).

Com base em Diedrich e Rigo (2017), é importante refletir sobre o papel do pesquisador. Nesse cenário, podemos afirmar que o pesquisador deverá assumir suas próprias normas de transcrição, a fim de manter fidelidade ao transcrever o verbal para o escrito. Segundo Diedrich (2017, p. 720), a tentativa de reconstituição da enunciação adotada pelo próprio pesquisador vai ao encontro do uso de normas já definidas em outras pesquisas: “[...] o ato se renova a cada fato enunciativo, levando também o pesquisador transcritor, em seu gesto de interpretação do dizer do outro, a renovar suas escolhas realizadas na transcrição”.

Para realizar a transcrição de dados nesta pesquisa, nos apoiamos no quadro de normas estabelecidas por Diedrich (2015) utilizado em sua tese referente à *Aquisição da linguagem e que se volta para o aspecto vocal da enunciação na experiência da criança na linguagem*. Tais normas são atualizadas em nosso trabalho conforme os objetivos desta pesquisa e representadas a seguir, pela Tabela 2.

Tabela 2 - Normas de transcrição

Procedimentos	Recursos de registro
Entonação de interrogação	Ponto de interrogação ?
Entonação de exclamação	Ponto de exclamação !
Pausas breves, com duração de até 3 segundos	...
Pausas longas, com duração de mais de 1 minuto
Gesticulação, movimentos corporais do sujeito	Comentários descritivos do pesquisador em trilha específica para esse fim denominada “corpo” e relacionada à trilha da enunciação com a qual há concomitância com o sinal :
Concomitância entre a gesticulação, movimentos faciais e corporais e o enunciado verbalizado	::::::
Enunciação apenas de um dos sujeitos, sem ter réplica enunciativa do interlocutor	/
Risos em tons irônicos	[
Entonação de fechamento de frase, marcada somente quando a situação exigir a explicitação de tal entonação na interpretação dos fatos	Ponto final .
Comentários contextualizadores	Comentários descritivos do pesquisador, em trilha específica para esse fim denominada “comentários”, em relação ao aqui-agora da enunciação que não envolvem gesticulação, movimentos corporais e faciais
Enunciado finalizado em tom contínuo (aguardando réplica)	---

Fonte: elaborado pela pesquisadora

Ao escolhermos adaptar a tabela para fins de nossa pesquisa, vamos ao encontro da ideia de compreensão e interpretação de cada pesquisador diante dos recortes enunciativos, como Diedrich (2017, p. 730) afirma: “o que se tem, dessa forma, na transcrição, é o ato interpretativo do pesquisador transcritor, o que funda uma nova enunciação derivada da relação de interpretância por ele vivida”.

Diante de tal consideração, acreditamos que uma pesquisa que se volta para atos enunciativos com interesse na análise da ampliação do horizonte valorativo dos sujeitos envolvidos no ato enunciativo marcado por signos oriundos das redes sociais digitais cumpre o propósito de refletir acerca da língua e da sua vida em sociedade. Com a finalidade de construir um caminho que nos encaminhe para os procedimentos da análise, faz-se necessária a reapresentação do objetivo geral desta pesquisa, e, com ele, os objetivos específicos.

O objetivo geral consiste em analisar a ampliação do horizonte valorativo dos sujeitos envolvidos no ato enunciativo marcado por signos oriundos das redes sociais digitais. Para que se consiga detalhar e explicar com mais clareza o objetivo geral, fazemos dos objetivos específicos nossos pequenos alicerces que arquitetarão nossa pesquisa, são eles: a) identificar, no discurso analisado, a influência dos novos recursos tecnológicos como possibilitadores de novas interações verbais nas redes sociais digitais e fora delas; b) reconhecer, no discurso analisado, os signos advindos das redes sociais digitais e identificar o modo como eles constituem novos temas e significações nos novos contextos em que passam a figurar; c) investigar como a experiência marcada pelo uso de signos oriundos das redes sociais digitais possibilita a vivência da ampliação do horizonte valorativo que marca a enunciação.

As idas a campo, no espaço em que convivem Ana e Ricardo, fazem com que os aspectos teóricos e os objetivos permitam que a pesquisa se molde em favor da busca de respostas para o problema de pesquisa. De acordo com Sobral (2017, p. 117), se na pesquisa não respondermos a coisa alguma, ela “não tem razão de ser”. Nesse sentido, esta pesquisa visa responder às seguintes perguntas: como se caracteriza a ampliação do horizonte valorativo dos sujeitos envolvidos no ato enunciativo marcado pelo uso de signos oriundos das redes sociais digitais? Como se constituem tema e significação nesses atos enunciativos?

Para tanto, de posse dos fundamentos teóricos que direcionaram nosso trabalho, delineamos princípios teórico-metodológicos que guiam nossas análises. Fazemos isso com base no que afirma Volóchinov/Bakhtin (2017, p. 220, grifo do autor) acerca da ordem metodológica para o estudo da língua:

- 1 Formas e os tipos de interação discursiva em sua relação com as condições concretas;
- 2 Formas dos enunciados ou discursos verbais singulares em relação estreita com a interação da qual são parte, isto é, os gêneros dos discursos verbais determinados pela interação discursiva na vida e na criação ideológica;
- 3 Partindo disso, revisão das formas da língua em sua concepção linguística habitual.

O autor apresenta, assim, uma direção metodológica que procuramos seguir em nossa análise, uma vez que somos guiados pelos princípios teórico-metodológicos que consistem no quadro 2:

Quadro 2 - Princípios teórico-metodológicos

1 Toda enunciação revela a língua viva e sua evolução histórica na comunicação verbal concreta, marcada por relações dialógicas.

Esse princípio nos direciona a olhar para as formas da língua reveladas nas interações dos sujeitos da pesquisa, em especial, para aquelas advindas de interações vivenciadas nas redes sociais digitais, como manifestação da língua viva que está em constante evolução histórica e, que, por essa razão, se constitui parte da sociedade e das relações de conflito e de apaziguamento que a caracterizam. As formas da língua não podem ser vistas, portanto, de forma monológica ou isolada, mas como parte de um movimento incessante de evolução social.

2 Toda enunciação revela marcas de discursos alheios e carrega nessas marcas uma determinada direção ideológica.

O uso de signos advindos das redes sociais digitais nas interações vivenciadas pelo casal sujeito da pesquisa são entendidas como marcas de discursos alheios, mas não se trata apenas de considerá-las discursos de outrem, mas da valoração que carregam consigo ao se manifestarem nas interações para além das redes sociais, na convivência cotidiana, corriqueira da intimidade da vida doméstica do casal.

3 Todo tema, único e singular, revela significações diversas da palavra a cada enunciação, dessa forma, ocorre a ampliação do horizonte valorativo.

Na interação, as palavras revelam significações distintas quando adaptadas a um tema específico. Em nosso trabalho, os sujeitos descobrem novas significações dos signos advindos das redes sociais digitais, ampliando seu horizonte valorativo. Essa ampliação nos remete aos interesses do indivíduo, os quais abarcam todas as situações de forma dialética, desde as mais próximas e comuns até as mais distantes e desconhecidas. A ampliação do horizonte valorativo, ou seja, os novos aspectos que passam a integrar a existência, não deixam de lado os elementos que foram integrados anteriormente, mas entram em conflito com eles alterando o seu lugar no horizonte valorativo e refletindo na constituição de novos sentidos. Um sentido novo é, portanto, revelado sob um antigo, numa profusão de forças antagônicas ou não, mas que sempre leva a determinadas reconstruções.

Fonte: elaborado pela pesquisadora

Com base nesses princípios, voltamo-nos, no próximo capítulo, para os recortes enunciativos selecionados para análise. Esclarecemos que a expressão *recorte enunciativo* utilizada por nós nesta pesquisa é referente às partes mais relevantes da interação entre o casal face aos objetivos de nossa pesquisa. Além disso, tais recortes foram escolhidos com base em nosso tema, o qual consiste na ampliação do horizonte valorativo dos sujeitos envolvidos no ato enunciativo marcado por signos oriundos das redes sociais digitais.

Ademais, a análise dos recortes visa responder às seguintes perguntas: como se caracteriza a ampliação do horizonte valorativo dos sujeitos envolvidos no ato enunciativo marcado pelo uso de signos oriundos das redes sociais digitais? Como se constituem tema e significação nesses atos enunciativos?

Visto isso, dedicamo-nos, no Capítulo 6, à análise e a ampliação do horizonte valorativo.

6 ANÁLISE: A AMPLIAÇÃO DO HORIZONTE VALORATIVO

Este momento da análise qualifica-se por determinar, por meio do discurso composto em alguns recortes representativos, o desdobrar da interação entre os sujeitos. Esse movimento interativo permite a análise da representação da socialização do signo à medida que acompanha a enunciação compartilhada nos ambientes sociais. A partir da interação nas redes sociais digitais, os sujeitos mobilizam a ideologia que se revela nesses ambientes e que, mais tarde, será compartilhada pelo discurso, com outros auditórios, uma vez que os signos que caracterizam o discurso das redes sociais digitais passam a figurar no vocabulário dos sujeitos e a caracterizar suas interações para além das redes sociais constituídas nos ambientes digitais, confrontando ideias e conceitos já cristalizados em sua consciência com ideias e conceitos socializados em tais redes.

Para tanto, voltamo-nos para os recortes enunciativos representativos e encontramos relevância na perceptível evolução discursiva dos dois sujeitos, Ana e Ricardo. Importa-nos aqui como o discurso se (re)constrói, ampliando o horizonte valorativo.

O *corpus* consiste em 22 horas de observação e registro. Tal volume de dados fez com que não fosse possível analisar toda enunciação dos dois sujeitos, nem era esse nosso propósito. Assim, a partir da necessidade de proceder a uma seleção, analisamos dez recortes que foram transcritos com o auxílio de um diário de campo, que nos acompanhou em todas as visitas feitas ao casal. De fato, os recortes eleitos como oportunos para esta análise não pretendem esgotar as potencialidades que os registros apresentam, mas, neste trabalho, são observados a fim de revelar as incertezas fundamentais que o movem.

Dessa forma, os dez recortes enunciativos serão dispostos de forma linear, com relação ao tempo, e analisados de acordo com as possibilidades teóricas encontradas em cada recorte. Na análise de cada um dos recortes apresentados, são apresentados os princípios teórico-metodológicos que fundamentam a pesquisa de forma a iluminar o fenômeno analisado.

6.1 A língua está na sociedade: interação

O sujeito, pertencente a uma sociedade específica, passa a fazer uso dos novos meios de interação tecnológica, podendo interagir com o que ali é compartilhado. Adapta-se ao gênero e, por meio dele, socializa signos ideológicos desse ambiente, utilizando-os na enunciação

cotidiana. Nada disso seria possível se não interagíssemos, de alguma forma, com os outros indivíduos da sociedade. É o que encontramos nos recortes a seguir:

Recorte 1 - Jair está nas imediações...

Participantes: Ana e Ricardo

Data do recorte: 27/02/2018

Circunstância: Ana e Ricardo acabam de almoçar. Ricardo deita no sofá, pois é hora de seu cochilo, e Ana está em pé com o celular na mão olhando o Facebook ao lado dele.

Ana: Jair está nas imediações...

Ricardo: O que tem o Jair?! Que imediações?!

Ana: O Face tá dizendo que ele tá nas imediações... ..

Ricardo: Mas e daí?! Como isso?!

Ana: Dá pra saber por causa dos seguidores!

O primeiro recorte revela o compartilhamento de um dos signos presentes na rede social Facebook. Nesse caso, a usuária Ana, portadora do smartphone, interage com Ricardo quando diz que Jair, um amigo do casal, *está nas imediações*. Ricardo desconhece o signo, e Ana justifica o uso dessa expressão afirmando que quem está dizendo isso é o Facebook.

Ricardo replica a resposta de Ana, indagando como seria possível ela saber que o amigo estava nas imediações, tentando, dessa forma, compreender de outra maneira a socialização da palavra e contexto que originou seu uso. A justificativa para a informação é tecida por Ana de forma espontânea, mas não corresponde à especificidade do que realmente deve ser feito para que o aplicativo indique que os usuários estão nas imediações.

Para sabermos quem está nas imediações, é necessário ativar a localização do smartphone e permitir que os demais usuários possam ver onde você está. Percebemos que mesmo que as justificativas de Ana não correspondam às especificidades técnicas do aplicativo, a interação faz com que ambos criem formas interpretativas do signo; de acordo com o contexto, Ricardo percebe que *imediações* pode significar “estar por perto”.

Percebemos uma adaptação para com a rede social e a familiarização com o novo signo. A palavra *imediações* foi interiorizada pelos dois sujeitos que, mesmo desconhecendo o signo em sua totalidade, interpretaram-no e acabam por compartilhá-lo em uma situação e/ou contexto posterior semelhante, o que estamos chamando de interação para além das redes sociais. Isso porque o uso do signo advindo das redes sociais se faz presente numa interação cotidiana e corriqueira do casal.

De acordo com Volóchinov/Bakhtin (2017), é relevante que o signo passe por um processo de compreensão e interpretação para que possa ser interiorizado de maneira significativa para o sujeito. A interiorização acontece por meio de um processo de comunicação social, o qual é determinado como *horizonte social*: “*somente aquilo que adquiriu um valor social poderá entrar no mundo da ideologia, tomar forma e nele consolidar-se*” (VOLÓCHINOV/BAKHTIN, 2017, p. 111, grifo do autor).

Vale ressaltar: para que um signo adquira valor social, é necessário que haja interação entre os sujeitos participantes de uma sociedade específica, tal qual ocorre no diálogo entre Ana e Ricardo. Nesse universo, é no uso efetivo do signo, na interação, que ele assume seu valor ideológico. Mesmo não compreendendo o uso do signo *imediações*, entende-se que ele é significativo e que pode e deve ser compartilhado na interação, pois seu uso está autorizado pelo Facebook.

Ana compreende o valor semântico das novas palavras, advindas do meio digital, mas não completamente. O fato de Ana não substituir a palavra *imediações* pela expressão *está por perto*, por exemplo, nos leva a perceber um misto de valores que recobrem a expressão *imediações*, e nos voltamos para as formas da língua reveladas nas interações dos sujeitos da pesquisa como manifestação de língua viva. Não se trata do uso da palavra em si, mas do conjunto de forças ideológicas que revestem tal palavra, tais como modernidade, tecnologia, inovação. Trata-se, portanto de uma manifestação dialógica, em que o dizer de Ana se vê atravessado por múltiplos outros dizeres.

É evidente também que o signo *imediações* faz parte do discurso alheio possibilitado pelo Facebook, mas que passa a ser também o discurso de Ana e de Ricardo, e que, simultaneamente, possibilita novas significações para o signo e amplia o horizonte valorativo dos sujeitos. Ana não quer apenas informar sobre as proximidades de Jair, ela quer dizer também que seu repertório linguístico agora é outro, mostrando, portanto, que suas relações sociais também são ou podem ser de outra natureza.

Tais relações só podem ser vivenciadas se seu interlocutor – no caso específico dessa interação, Ricardo – aceitar esse novo repertório significativo como possível em seu meio. A necessidade dessa aceitação faz com que o signo advindo das redes sociais, *imediações*, passe a ser objeto de atenção e discussão na interação vivenciada entre eles, explicitando-se, por meio da afirmação “O Face tá dizendo”, tratar-se de discurso alheio incorporado ao discurso do casal.

Vemos nesse recorte a dinamicidade e a complexidade do uso de signos. Um trabalho de análise enunciativa pautado em princípios bakhtinianos certamente não se volta à busca e à identificação de determinadas marcas enunciativas ou signos definidos a priori. Trata-se de um

movimento muito mais complexo. Por isso, é importante dizer que o que chama nossa atenção não é apenas o uso da expressão *está nas imediações*, mas o que esse uso revela em termos de dinamicidade enunciativa.

Nenhuma enunciação pode ser repetida, por isso, entendemos que, ao usar os signos oriundos do Facebook em sua interação cotidiana com o marido, Ana vivencia tal dinamicidade, o que somente é possível em função de outros dizeres, anteriormente experimentados na rede social da qual agora faz parte. Seu repertório linguístico se amplia a partir das relações sociais já estabelecidas.

Tanto Ana quanto Ricardo passam a ser protagonistas desse processo, uma vez que tomam o signo em questão como novo elemento a constituir significação em suas interações, o que fazem de forma ativa, como demonstra a discussão em torno da referida expressão. Tal experiência confirma o que diz Volóchinov/Bakhtin (2017) sobre a significação: ela não está na palavra, mas é o efeito da interação entre locutor e receptor produzido através do material de um determinado complexo sonoro. Dessa forma, à medida que a língua se desenvolve e ao tempo em que se amplia a reserva dos conjuntos sonoros, as significações solidificam-se, conciliando com as linhas gerais e mais frequentes da vida da coletividade.

Recorte 2 - Eu não sei mexer.

Participantes: Ana e filha

Data do recorte: 01/03/2018

Circunstância: Ana está falando ao telefone com a secretária de seu dentista para alterar o horário de sua consulta.

Ana: [...] tá, então altera o horário e diz pra Fernanda me mandar o horário no Whats. Obrigada. Tchau.

Filha: Mãe, se você marcou, por que quer que ela te mande o horário pelo Whats?

Ana: Ah... se ela manda nesse ::::::: eu não sei mexer.

Comentário: a palavra 'nesse' refere-se a um celular antigo que não possui android e é usado somente para ligações e mensagem de texto.

Recorte 3 - Ah, daí teria que ter intimidade demais.

Participantes: Ana, filha, médico

Data do recorte: 14/04/2018

Circunstância: A filha leva Ana ao médico e Ana precisa fazer alguns exames.

Médico: Faça esses exames e depois tragam ou mandem por alguém...

Ana: Não pode ser por E-mail?!

Médico: [pode... Nossa, que moderna...

Filha: Ainda que ela não pediu o Whats [---

Ana: Ah, daí teria que ter intimidade demais.

Aqui, o recorte 2 e o recorte 3 se complementam. Embora eles não evidenciem alguma interação entre o casal, consideramos relevante analisar o que ocorre nessas situações, por se tratar da explicitação do papel social de Ana mediado pelas redes sociais digitais. No recorte 2, Ana deseja estar inserida no universo tecnológico de todas as maneiras, pois, sendo leiga em algumas coisas, compartilha a ideia de que o celular antigo, o qual ela usava até há pouco tempo, deixou de ser útil, tanto que ela afirma não saber mais mexer nele.

Quando pede para que o horário de sua consulta seja enviado pelo Whatsapp, a usuária pensa estar inserida no meio social e deve ser atualizada por intermédio dela, afinal, todos se comunicam por esse canal. Ao encerrar a ligação, Ana já tem conhecimento do novo horário de sua consulta, mas aguarda a confirmação pelo Whatsapp, o que nos leva a acreditar que a usuária já ouviu enunciados dessa natureza, os quais transitam na sociedade, a fim de facilitar a comunicação, como, por exemplo: “Me manda o horário pelo Whats depois” ou “Me avise pelo Whats”. Ponderamos que é possível inferir, da fala de Ana, que o fato de ter feito essa solicitação à secretária, mesmo sem consultar a profissional se essa é uma prática comumente adotada, revela que Ana tem a convicção de que a secretária faz uso dessa ferramenta para a comunicação com os pacientes e de que os horários podem ser confirmados por meio de mensagens virtuais.

Ao solicitar à secretária que envie seu horário pelo Whatsapp, Ana marca seu discurso de forma muito particular: apropria-se de outros discursos, alheios, ouvidos algumas vezes por ela e agora socializados na particularidade desse discurso. O discurso alheio é visto pelo falante como o enunciado de outro sujeito, carregado de valores que sustentam pontos de vista sobre diversos assuntos. Como nos lembra Volóchinov/Bakhtin (2017), o discurso alheio é visto como um ato social íntegro que possui uma posição semântica indivisível do falante, isso é, percebemos o *que* do discurso, enquanto o *como* está fora dos limites da percepção.

Ana conhece a possibilidade do horário ser enviado pelo aplicativo, o que é relevante para ela, pois contribui para que se mantenha a interação por meio das redes. Amplia-se, com esse uso, o repertório linguístico de Ana e ela não só passa a usar a tecnologia em seu dia a dia, para facilitar suas tarefas e compromissos, mas principalmente recorre a novas formas de interação, as quais marcam a evolução histórica da língua em sociedade.

Ao socializar o discurso alheio, Ana nos direciona a olhar para as formas da língua reveladas na interação, dela, de Ricardo e dos outros sujeitos sociais, sejam eles interactantes nas redes sociais digitais ou fora delas. Como lembra Bakhtin (2016), na explicação, existe apenas uma consciência, mas na compreensão temos duas consciências e dois sujeitos, o que implica dizer que a compreensão é sempre dialógica. O discurso que Ana reproduz advém de outras enunciações de outros sujeitos que representam inscrições na vida em sociedade, caracterizada pela ampliação do universo cultural via ferramentas tecnológicas. A manifestação das relações desses sujeitos com a palavra é altamente responsiva e responsável pelo delineamento de novos valores.

O contexto e a situacionalidade que demarcam o tema fazem com que a enunciação de Ana tenha uma significação clara, a de que ela quer ser avisada pelo Whatsapp indiferentemente se a data e o horário da consulta serão lembrados ou não. O horizonte valorativo de Ana se amplia ao socializar o discurso advindo das redes sociais e o uso dessas redes para além dessas, trazendo para seu cotidiano palavras novas, usos novos, carregados de diferentes significações e valores. Lembramos Faraco (2009) quando atentamos para a significação dos signos, a qual sempre envolve uma dimensão axiológica, ou seja, a relação de Ana e Ricardo com o mundo é sempre atravessada por valores.

Acreditamos, portanto, que a sociedade específica em que vive Ana está totalmente inserida no universo tecnológico, e socializa, com frequência, a comunicação, seja ela oral ou escrita, por meio do Whatsapp. Quando Ana é questionada pela filha, justifica que não sabe mais usar o celular antigo, distanciando sua ligação com o uso desse aparelho. Cada vez mais, percebemos uma grande inserção de Ana no uso do smartphone, considerado um suporte capaz de dispor de variados gêneros discursivos que permitem a interação entre os usuários.

Da interação cotidiana, emergem diversos tipos de gêneros discursivos que se diferem dos demais, antigos ou contemporâneos, à medida que se desenvolvem e ganham complexidade. Bakhtin (2016) salienta que os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem, acerca disso, os gêneros discursivos são relevantes porque que nesses permeiam o uso dos signos ideológicos, visto que para cada gênero discursivo há uma

adaptação do signo a fim de representar o tema, o estilo e a construção composicional do gênero; esses três pilares vão ao encontro da significação sígnica.

No recorte 3, percebemos o envolvimento de Ana quanto ao uso das ferramentas tecnológicas e ao modo como essas ferramentas passaram a fazer parte de seu dia a dia. O e-mail não é um suporte de uso comum em seu cotidiano, mas ela reconhece que, por meio dele, podem ser enviados documentos e mensagens.

O Whatsapp também poderia ser o suporte que intermediasse a comunicação entre o médico e a paciente, mas Ana não se sentia tão íntima do médico para fazer esse pedido. A hipótese é de que Ana, ao estar em ambientes em que as pessoas comunicam-se de maneira formal ou ao observar a filha enviando documentos por e-mail, percebeu a importância do suporte a fim de estabelecer uma comunicação que contenha conteúdo relevante. Há, nessa interação, o reconhecimento de um certo código de conduta nas relações mediadas pelas redes sociais digitais: há interações permitidas via redes digitais, outras, não; há redes mais e menos apropriadas para determinadas interações, caracterizadas por graus de intimidade. Tal reconhecimento revela a ampliação do horizonte apreciativo: Ana não somente usa as redes sociais digitais, mas realiza um movimento de compreensão das interações vivenciadas nessas redes e dos valores sociais e afetivos que as circundam.

Ainda sob a teoria de Bakhtin (2016), a comunicação humana se dá a partir do seguinte viés: a verdadeira essência da enunciação sempre se desenvolve na fronteira de duas consciências, isso é, de dois sujeitos. A atitude responsiva ativa de enunciados que habitam a comunicação confirma, portanto, que enunciação é uma resposta a outras enunciações e não pode ser, em hipótese alguma, considerada de caráter monológico.

Compreendemos que o suporte é um meio estritamente necessário para estabelecer a comunicação e caracterizar o gênero que nele transita, e recorremos ao dizer de Marcuschi (2008) para acolher que os suportes são, ao mesmo tempo, modos de transporte e de fixação, que interferem no discurso compartilhado. O suporte pode definir o tema e delimitar o significado dos signos.

Ana faz uso da entonação expressiva para questionar sobre a forma de envio de seus exames. Em tom ascendente, pergunta se não poderia enviar os exames por e-mail, dando vida à palavra e, conseqüentemente, significação e valor. Já o médico, que também faz uso da entonação, atesta, de forma bem-humorada, que Ana está muito moderna. Observamos o fenômeno da avaliação abordado por Volóchinov/Bakhtin (2017) quando enunciamos que cada palavra dita não tem apenas um tema e uma significação no sentido objetivo, mas contém uma

avaliação. Todos os conteúdos objetivos existem na fala viva, são ditos ou escritos com certa ênfase valorativa. Sem essa ênfase, não há palavra.

Toda enunciação revela marcas de discursos alheios e carrega nessas marcas uma direção ideológica. Diante disso, compreendemos o emprego dos signos e da entonação expressiva do médico como um aporte que sustenta a ideologia de que os sujeitos que não são jovens não conseguem manusear qualquer ferramenta que esteja ligada ao uso da tecnologia, em especial, as redes sociais digitais. Aqui, nos voltamos para as formas concretas dos textos e nas condições concretas da vida desses textos, sua inter-relação e interação. O dialogismo é o princípio constituidor da vida e do social, a relação estabelecida pela enunciação constrói os sujeitos e os sentidos do discurso.

A ideologia compartilhada pelo médico é pontuada por Ponzio (2009), que reflete que a ideologia não existe fora do material sógnico, pois o sógnico tem caráter social. O signo e o ideológico não são extratos separados, mas intervêm ativamente em todas as formas de relação social. O signo não reflete passivamente as desigualdades e as contradições sociais, mas forma parte da organização social em duas diferentes formas.

Refletimos sobre a palavra *intimidade*, que compõe o discurso de Ana, e compreendemos que a relação entre paciente e médico não é contínua, não é diária, a interação é estabelecida quando necessário, apenas. Ana sabe que o médico e ela não são íntimos, pois, se fossem, poderia ter substituído o enunciado por outro qualquer, como por exemplo: “Exame é um documento, deve ser enviado por e-mail” ou “Isso é uma conversa formal, vamos enviar os exames por e-mail”; mas essas palavras não costumam fazer parte do repertório linguístico de Ana, dessa forma, é mais fácil enunciar uma palavra cujo significado lhe é familiar.

Sendo assim, é relevante que Ana faça uso das ferramentas tecnológicas para compartilhar seus enunciados, representando os campos da atividade humana na qual os indivíduos de uma sociedade específica comunicam-se.

No próximo recorte, Ana preocupa-se em compartilhar o signo na rede social de maneira correta, afinal, como ela faz uso constante desse meio, precisa socializar ideias e posicionamentos sintaticamente corretos.

Recorte 4 - Não! Não é assim que se escreve...

Participantes: Ana, Ricardo e filha

Data do recorte: 06/04/2018

Circunstância: Ana e Ricardo estavam olhando juntos o *Facebook*. Ana queria perguntar se um carro que estava à venda era flex. O corretor do aplicativo deixava a palavra sublinhada, assinalando estar incorreta.

Ricardo: Não! Não é assim que se escreve... É com 'k'!

Filha: O que estão tentando escrever?

Ricardo: Flex...

Filha: Pai, flex é com 'x'. F – L – E – X ...

Ricardo: Ahh... [[[... Corrige aí, Ana...

Ana: Com 'x' tá certo? Vocês têm certeza? Não pode, tá errado!

Nesse recorte, Ana e Ricardo estão navegando na rede social Facebook quando necessitam, por meio de comentários, perguntar se o carro que está à venda é flex ou não. O casal interage com o dono do veículo e conseqüentemente com todos os outros sujeitos que estão interessados, ou que, por algum motivo, estão acompanhando os comentários e as suas réplicas.

Ao estarem expostos no ambiente social, Ricardo preocupa-se com a postagem de Ana, com relação ao valor do enunciado compartilhado, e busca encontrar a forma correta de redigir o signo *flex*. Nesse meio tempo, a filha, que por perto estava, questiona sobre o que está sendo compartilhado. Ricardo afirma com convicção que a palavra deve ser redigida com k, mas a filha interage e replica que a palavra deve ser redigida com x. É possível que Ricardo afirme ser com k devido às questões fônicas do signo. Ana prefere não opinar sobre a grafia da palavra, mas usa a réplica para perguntar se os dois estavam certos do que estavam dizendo.

Ana, antes de compartilhar, preocupa-se com a forma de apresentação da palavra. Certamente tal preocupação aponta para um cuidado em preservar a face nas redes sociais digitais, revestindo a grafia correta da palavra de um determinado valor social. A significação do signo *flex* está imbricada com a temática, e, no recorte, a palavra só poderia significar a possibilidade de abastecer o carro com álcool ou gasolina, pois o contexto enunciativo circulava em torno do tema veículos e suas descrições. Mas não se trata de uma preocupação em relação ao sentido da palavra em si. Compreendemos esse uso como revelador da ampliação do horizonte valorativo desses sujeitos, ou seja, tema e significação ganham caráter constitutivo em um embate e revelam, nas interações entre o casal, novas significações.

Isso é decorrente dos fatores sociais determinantes da vida concreta do indivíduo pertencente a uma sociedade específica. É por meio da interação entre os indivíduos que os signos brotam do movimento enunciativo, e, com isso, agregam significado. Tal contexto é o que justifica a constituição da palavra como tal, pois tudo que é ideológico, tudo que está no meio social, tem significação sógnica.

Como ressalta Volóchinov/Bakhtin (2017), a interação brota da enunciação dos signos, assim sendo, as relações dialógicas são essenciais para a compreensão e a interpretação do signo, esse que revela marcas dos discursos de outros sujeitos e traz consigo uma direção ideológica de valores e culturas. Provavelmente, a rede social possibilitou que Ana e Ricardo, dialogicamente, discutissem sobre a grafia da palavra, mas a situação também aponta para um aspecto cultural de exposição, via língua, nas redes sociais digitais.

Voltamos a refletir sobre as formas da língua e reafirmamos que estas não podem ser vistas de forma monológica ou isolada, devendo ser compreendidas em seu caráter integrante de uma incessante evolução histórica ideológica. O signo é considerado por Volóchinov/Bakhtin (2017) como um fenômeno ideológico por excelência, pois a realidade é absorvida na função de ser signo, é colocada na esfera das relações dialógicas, isso é, na esfera da autêntica vida da palavra.

Recorte 5 - Essas coisas que a gente não sabe!

Participantes: Ana e filha

Data do recorte: 10/03/2018

Circunstância: Ana está conversando no *Whatsapp* quando aparece um lembrete na tela do celular.

Ana: Filha! Vem cá! Olha o que apareceu!!! ...

Filha: Mãe, isso é um lembrete que aparece no teu celular, é só sair...

Ana: Da onde vem isso?!

Filha: Bah... não sei... aparece...

Ana: Como não sabe?!!! Essas coisas que a gente não sabe!

Nesse recorte, percebemos em Ana a insegurança advinda das experiências anteriores relacionadas ao uso do dispositivo, e, conseqüentemente, do compartilhamento de enunciados no ambiente digital. A usuária acredita que a filha conheça um pouco mais sobre o funcionamento dos ambientes digitais e passa a consultá-la com mais frequência sobre questões que envolvem esse universo que lhe é novo. Esse recorte, entre vários outros, mostra o desconforto de Ana diante de qualquer situação incomum em seu smartphone ou nas redes.

Quando algo aparece na tela de seu celular, Ana fala em tom ascendente¹⁶ com a filha, parecendo estar preocupada por não saber que medida deve tomar para que o pop-up desapareça. Com calma, a filha orienta a mãe de que isso acontece, e a solução é apenas sair, ou seja, fechar a mensagem exibida; mas diz não saber o porquê isso acontece. Ana se mostra inconformada com a posição da filha, e, depois desse dia, começa a ter mais autonomia e deixa de lado alguns questionamentos que fazia.

Uma das características importantes desse recorte é a forma com que Ana enuncia o signo. A sua entonação reflete a palavra e a ela dá a significação sobre a ênfase valorativa. Entonação expressiva, como é denominada por Volóchinov/Bakhtin (2017), dá-se pela situação e pelas circunstâncias mais próximas. Nesse caso, o signo é visto como um apoio para a entonação, pois o discurso está determinado pela situação social dos sujeitos que enunciam.

Ana manifesta o que sente por meio da entonação expressiva, sentimento esse que pode estar transmitindo dúvida, indignação ou até mesmo receio de fazer algo que possa prejudicar suas atividades virtuais. Para retomarmos brevemente a significação, lembramos Volóchinov/Bakhtin (2017), quando ressalta que a significação não está na palavra, ela é o efeito da interação entre locutor e receptor produzido através do material de um determinado complexo sonoro, esse complexo sonoro define o uso temático das diferentes palavras.

A significação da palavra pode variar de acordo com a entonação expressiva. Nesse recorte, Ana eleva seu tom de voz a fim de mostrar indignação: Como não sabe?!!! E faz uso também de tom irônico para marcar seu último enunciado: Essas coisas que a gente não sabe! Sua manifestação revela sua percepção de que a filha deve saber o porquê, mas não está lhe dizendo. Percebemos o reconhecimento do horizonte social do qual Ana faz parte, que se distingue do da filha, mais adepta às tecnologias: a gente não sabe, mas você sabe, alguém sabe. Ana interage com esse alguém que pode ajudá-la a compreender certas coisas. Isso se trata do reconhecimento da linha que separa determinados grupos, pessoas e habilidades em sociedade. Há uma significação, que é vista além de sua forma, e a maneira com que a enunciação é compartilhada revela intencionalidades e pontos de vista, que, muitas vezes, são percebidos nos discursos alheios.

É por meio do discurso alheio que agregamos ao nosso enunciar, de maneira ideológica, entonações expressivas que significam além do que a palavra apenas redigida pode transparecer. A forma com que o outro nos dirige a palavra contabiliza em grande escala nossa atitude responsiva ativa, tanto na comunicação oral quanto na escrita. Na oralidade, o tom de

¹⁶ Tom ascendente, por nós compreendido, refere-se ao uso distintivo do tom de voz do sujeito que enuncia, referindo um movimento tonal que parte de um ponto relativamente baixo para um ponto relativamente alto.

voz marca a significação; já, na escrita, as letras maiúsculas e a pontuação (!) fazem com que compreendamos nosso interlocutor de maneira diferente. O discurso de Ana é caracterizado por sua individualidade, o que evidencia, conforme salienta Volóchinov/Bakhtin (2017), que a percepção dos diferentes aspectos do enunciado pode ser extremamente aguçada.

Ana e Ricardo estão expostos a tudo isso. Depois de um certo tempo fazendo uso das redes sociais digitais por meio da interação que os direciona ao discurso alheio carregado de ideologia, os sujeitos passaram a adaptar-se com mais facilidade à significação dos signos oriundos das redes, e, conseqüentemente, ampliaram seu horizonte valorativo de maneira surpreendente. Não queremos afirmar aqui que a ampliação do horizonte valorativo ocorre de forma marcada. Ao contrário, ponderamos que ela ocorre de maneira natural e espontânea. É o que, aos nossos olhos, podemos chamar de *evolução discursiva*, marcada por um contexto no qual, na interação, são agregados novos signos, ou quando os já existentes são carregados de nova significação e valor.

Dessa forma, é inevitável perceber o emprego das palavras advindas das redes sociais no discurso de Ana e Ricardo, e a inserção desse léxico em contextos enunciativos direcionados, o que revela uma ampliação linguística evidente desses sujeitos. O próximo recorte mostra a interação entre o casal quando Ana participa de um teste que o Facebook disponibiliza e acredita que o suporte dispunha de resultados assertivos de como é sua personalidade, já Ricardo compartilha de uma opinião mais realista e afirma que Ana não deve considerar os resultados.

Recorte 6 - Uhum...

Participantes: Ana e Ricardo

Data do recorte: 02/05/2018

Circunstância: Ana e Ricardo estão sentados na sala quando Ana começa fazer um teste do Facebook que fala sobre os defeitos do sujeito usuário e lê o resultado do teste em voz alta.

Ana: Qual é seu maior defeito? Ser honesta demais, você fala sinceramente...

Comentário: Ana lê todo o resultado olha para Ricardo e diz:

Ana: Eu posso magoar, mas sou sincera... ...

Ricardo: Depois que pararmos de trabalhar vamos criar cachorros[? ...

Ana: Uhum...

Ricardo: Agora tu não tá sendo sincera!!! Falou ‘uhum’ mas não convenceu...

Ana: Sim, concordei pra não perder a amizade...

Ricardo: Então o Face tá errado... tu não é sincera!

Ana: Tá nada!!! Tá certo!!!

Ricardo: Tu acha que vão saber da tua vida como tu é lá longe?!... Isso é bobagem! Acha que é pelas coisas que tu posta?!

Ana: Eu não sei, mas é verdade... ...

Os testes disponíveis no Facebook são vistos pela maioria dos usuários como brincadeiras que expõem a preferência, o gosto, o futuro, etc, e Ana costuma realizá-los com frequência. Dessa vez, o teste propõe-se a revelar os maiores defeitos do sujeito e indicou que Ana é muito sincera, principalmente quando fala. O resultado é lido por inteiro e Ricardo ouve com atenção e fica pensativo. Ana confia no resultado do teste e confirma que ela “até pode magoar, mas é sincera”. Faz-se silêncio por um tempo até que Ricardo questiona Ana, de forma irônica, acerca da validade do teste.

O signo *uhum* compartilhado por Ana soou de maneira significativa aos ouvidos de Ricardo, pois é percebido por ele como uma resposta que transmite falta de interesse e insignificância. Ana ignora a pergunta de Ricardo, pois a palavra *uhum* é marcada pela entonação expressiva, que não convence o marido. A réplica era aguardada de maneira mais completa, era preciso que mais palavras fossem postas no enunciado para que o diálogo continuasse, mesmo que fosse a fim de provocar a descontração entre os dois. Quando Ana despreza a pergunta de Ricardo, ele afirma que ela não está sendo sincera.

É notável a importância da entonação expressiva na enunciação do signo *uhum*, que, na relação dialógica entre Ana e Ricardo, desencadeia o surgimento de novas discussões. Se Ana o enunciasse em tom ascendente, mostrando interesse pela ideia, Ricardo não a julgaria dizendo que não era sincera. A significação é ímpar nessa situação, Ana não está interessada no que Ricardo quer fazer ou não depois que pararem de trabalhar, ela somente está interessada no que o teste revela sobre sua personalidade. Nesse contexto, consideramos que, conforme afirma Volóchinov/Bakhtin (2017), a entonação é definida pela situação mais próxima, e também, pelas circunstâncias efêmeras. Na fala cotidiana, como a de Ana e Ricardo, a entonação costuma ter um significado totalmente independente da sua construção semântica.

A manifestação do marido que põe em dúvida a sinceridade de Ana, sugerindo que o teste do Facebook não está correto, faz com que ela se manifeste, usando a entonação expressiva como marca de um enunciado que deve ser confirmado, pois, em sua concepção, o Facebook não pode estar errado. Ana defende a veracidade dos resultados dos testes e revela acreditar, ideologicamente, no que lê na rede social. A ideologia preservada por Ana se materializa na crença em tudo o que é socializado no Facebook, já Ricardo tenta desconstruir a crença que envolve a rede, mas a tentativa parece ser em vão.

O discurso alheio, ou seja, o compartilhamento de resultados de testes por outros usuários da rede, pode fazer com que Ana aumente cada vez mais sua convicção. Tudo isso se deve às relações dialógicas, tanto as das redes quanto as fora dessas. O discurso que Ana

socializa nas/das redes é trazido para o ambiente familiar, gerando discussões e colocando em dúvida crenças e valores.

A avaliação social é necessária justamente para compreender, de acordo com Volóchinov/Bakhtin (2017), a formação histórica dos temas e das significações que o realizam. A formação de sentido na língua está sempre relacionada com a formação do horizonte valorativo do grupo social, e essa formação – que é compreendida como um conjunto de tudo que possui significação e importância para o grupo – é determinada pela ampliação da base.

Atentamos, nesse contexto, para o diálogo compartilhado no ambiente familiar advindo de testes presentes no suporte Facebook. O resultado de uma brincadeira compartilhada por Ana nas redes sociais desperta uma discussão fundamentada sobre a publicação, atentando para o caráter verídico do que está sendo socializado. O confronto de ideias entre Ana e Ricardo, por meio do diálogo, permite que ambos busquem a compreensão do que um quer enunciar ao outro. Ricardo duvida que os testes tragam resultados verídicos, e tenta fazer com que Ana perceba isso e não acredite com tanto afincamento em tudo que está ali. A questão que destacamos nesse recorte, obviamente, não envolve a confiabilidade ou não do teste realizado por Ana, mas o fato de que novas ferramentas de interação, como os testes disponibilizados e facilitados pelas redes sociais, passam a fazer parte do horizonte social dos sujeitos envolvidos, promovendo novas interações, para além dos próprios testes. No próximo segmento, as certezas de Ana para com os compartilhamentos no Facebook já parecem ameaçadas.

Recorte 7 - Não deu certo o experimento.

Participantes: Ana e Ricardo

Data do recorte: 16/05/2018

Circunstância: Onde Ana e Ricardo moram, o sinal do celular é muito fraco. Ana resolve fazer um experimento que viu no Facebook relacionado ao sinal do celular. Se funcionasse, ela poderia usá-lo em lugares em que o sinal não é bom. Ana pegou uma garrafa pet e colocou em seu interior areia e pedras pequenas, com o intuito de que o sinal melhorasse. O experimento não deu certo.

Ricardo: Nossa... Viu como tá pegando sinal[?!]

Ana: Não deu certo o experimento.

Ricardo: Sim! Só na tua cabeça mesmo que isso vai dar certo... Imagina! Pedra com areia] nada a ver isso! E depois, vai saber se onde o homem que fez o vídeo tava não pegava sinal... Assim, até eu faço pegar sinal!

Esse recorte nos mostra a confiabilidade que Ana cultiva no que é compartilhado na rede social. No recorte 7, percebemos que a usuária concorda e reforça o discurso apresentado

a ela por meio de um teste disponível no Facebook. Nesse recorte, Ana faz um experimento exposto em forma de vídeo (gênero discursivo) que foi compartilhado no suporte Facebook. O sujeito que demonstrava a experiência falava, gesticulava e montava o objeto que possivelmente faria com que o celular acessasse um sinal melhor.

Os vídeos compartilhados no Facebook são gravados, muitas vezes, espontaneamente por pessoas que querem dividir alguma experiência ou dica com outros usuários. Como o vídeo tem caráter demonstrativo, é possível que Ana tenha acreditado que o experimento funcionaria. Ricardo, que utiliza da entonação expressiva para ser irônico, desperta em Ana a réplica, que é enunciada em tom calmo e compreensivo, afinal, ela não tinha mesmo razão alguma para defender o experimento que não havia dado certo. O que Ricardo enuncia possivelmente tem duplo sentido, uma ironia, pois é claro que o sinal não havia melhorado.

Atentamos para a significação do enunciado de Ricardo, dotada de duplo sentido: Nossa... Viu como tá pegando sinal[?! A significação da enunciação só pode ser compreendida quando interpretada em seu tema, em seu contexto e situação. Ricardo está presenciando o experimento que Ana fez e está vendo que não deu certo. Seu enunciado, portanto, só pode ser interpretado de forma negativa: Não, não está pegando sinal! A ampliação do horizonte valorativo é inegável, e a entonação expressiva dá vida às palavras e faz com que elas sejam carregadas de novas significações e valores, adaptando-se ao contexto.

O diálogo socializado na interação entre Ana e Ricardo nos faz refletir acerca da significação social marcadamente positiva, que, de acordo com Faraco (2009), nos remete à solução de conflitos, ao entendimento e à geração de consenso. A réplica do diálogo ocorre após seu efetivo entendimento, pois toda compreensão é um processo ativo e dialógico, mas tenso, que traz em seu cerne uma resposta que implica sujeitos.

A entonação expressiva de Ana relacionada com a pergunta de Ricardo faz com que ele pense que estava certo com relação aos testes e experimentos do Facebook. A usuária já havia sido orientada pelo marido quanto aos compartilhamentos da rede social. O dialogismo, mais uma vez, é estabelecido entre o casal em consequência da socialização de conteúdos na rede social. Se atentássemos apenas para o enunciado “Não deu certo o experimento”, poderíamos perceber a decepção de Ana ao comprovar que nem tudo o que está na rede é confiável ou funciona, tanto que ela não tenta convencer Ricardo, por exemplo, de que a experiência frustrada pudesse ser justificada porque ela não realizou o experimento da maneira correta.

Ricardo, ao final do diálogo, traz à tona uma questão importante: ele afirma que o sujeito que realizou o vídeo pode estar em um local com um ótimo acesso ao sinal e que Ana não pode averiguar isso. Acreditamos que o signo *experimento* não fazia parte da realidade do casal, não

era uma palavra muito usada no dia a dia e que passou a fazer parte do repertório linguístico de ambos e possivelmente estará presente em interações futuras. Depois do ocorrido, a crença de Ana em torno dos compartilhamentos na rede social passou a ser limitada, e, ao longo dos dias, ela procura a fonte do gênero compartilhado para poder averiguar a veracidade do que foi socializado.

Ressaltamos a importância do discurso de Ricardo quanto às direções ideológicas que marcam as crenças. Elegemos Ricardo como *o outro* no dia a dia de Ana, mesmo que ela utilize de outros discursos emergentes das redes sociais digitais. É Ricardo quem a direciona para uma ideologia mais realista, uma ideologia conservada há mais tempo pelos dois, e despreza, na maioria do tempo, os compartilhamentos que a rede faz. Lembramos Volóchinov/Bakhtin (2017) para destacar que a ideologia firma-se na palavra e penetra em todas as áreas da comunicação social. Isso implica dizer que será a palavra que sempre causará as mudanças sociais, tanto as que estão se formando quanto as que ainda não se constituíram em sistemas ideológicos organizados. A ideologia muda de acordo com os movimentos sociais e os acontecimentos históricos. Crenças e valores são desconstruídos e reconstruídos novamente, marcando a evolução histórica da palavra de maneira incessante.

A relação dialógica estabelecida entre Ana, Ricardo e as redes são de suma importância para a ampliação do horizonte valorativo dos sujeitos e revela, sempre, a língua viva e sua evolução histórica na troca enunciativa. No próximo recorte, Ana e Ricardo precisam vender uma churrasqueira elétrica e tentam direcionar o enunciado para uma significação única que não deixe qualquer dúvida sobre a qualidade do produto.

Recorte 8 - Vão achar que não presta!

Participantes: Ana, Ricardo e filha

Data do recorte: 03/06/2018

Circunstância: Ana e Ricardo têm duas churrasqueiras elétricas, uma a gás e outra a luz, e gostariam de vender uma delas.

Ana: Filha, tira uma foto da churrasqueira a luz e posta no desapego.

Filha: Daí escrevo que quero vender porque comprei outra?

Ricardo: Não! Fala que quer vender porque tem duas, se dizer que comprou outra, ninguém vai querer!

Ana: É! Vão achar que não presta!

Nesse recorte, atentamos para o valor de cada signo que compõe os enunciados. O que nos interessa é como o discurso é construído a fim de conseguir vender a churrasqueira. Quando a filha questiona a forma com que deve anunciar a venda, Ricardo responde prontamente, de maneira negativa. A intencionalidade é vender, então, é importante deixar claro que o produto não está à venda por ser ruim, mas em razão de o usuário possuir duas unidades e querer se desfazer de uma. O propósito do anúncio é fazer com que o sujeito leitor, que acompanha a rede social, não atribua qualquer desvalorização ao produto.

Todo enunciado, conforme destaca Fiorin (2016), possui dupla dimensão e revela duas posições, a sua e a do outro. A discrepância entre os conjuntos de palavras *comprei outra* e *porque tem duas* é relevante na construção do anúncio para venda. Se o enunciado fosse construído afirmando que Ana estava querendo vender, pois havia comprado outra, ficaria explícito que outra churrasqueira havia sido comprada porque a que está à venda não funciona. Se Ana afirmasse que estava vendendo uma porque tem duas, o sujeito leitor poderia pensar, por exemplo, que ela havia sido presenteada com outra churrasqueira.

Percebemos que Ana e Ricardo já dominam as ferramentas do Facebook, tanto que reconhecem a forma com que um produto deve ser enunciado. A preocupação com o sujeito leitor do anúncio e a revelação de marcas do discurso alheio, quando se atenta para a valoração que as palavras carregam consigo quando se presentificam nas interações dentro e fora das redes sociais, podem justificar o fato de Ana e Ricardo, espontaneamente, trazerem para sua convivência cotidiana e para a intimidade da vida doméstica do casal signos com diferentes significados que se adaptam a enunciações específicas. Na venda da churrasqueira, é altamente relevante a escolha do signo e sua disposição no enunciado, a fim de persuadir o comprador.

O Facebook é composto por diversos grupos que reúnem usuários com preferências similares. O Desapego é um grupo em que os usuários disponibilizam para venda coisas como roupas, sapatos, carros, casas, etc. Podemos afirmar que os sujeitos vinculados a esses grupos compartilham de uma mesma ideologia, qual seja a de comprar algo mais em conta ou a facilidade em vender os produtos que não utiliza mais.

Nesse recorte, a interação se inicia no ambiente familiar e se estende até a rede social. São interações diferentes: no ambiente familiar, os sujeitos compartilham de um mesmo espaço em um determinado tempo, o que ali é enunciado ou gesticulado é replicado logo em seguida; já na rede social, a réplica não é instantânea e a interação pode ocorrer de três maneiras – por comentários, curtidas ou mensagem no Messenger (bate-papo). Os usuários podem perguntar sobre o tamanho, o tempo de uso, forma de pagamento, como funciona, etc, despertando a atitude responsiva ativa continuamente.

É notável a evolução histórica de Ana e Ricardo, evidenciada pela visível ampliação do horizonte valorativo marcado pelas relações dialógicas. Esse crescimento se materializa quando Ana e Ricardo se preocupam com o que o outro (usuário) vai pensar sobre o que está sendo anunciado (discurso do outro) e quando atentam para o uso e a significação da palavra que está sendo empregada com o intuito de vender o produto. O enunciado é visto como expressão da consciência que reflete, o que, de acordo com Bakhtin (2016), consiste no reflexo do reflexo, quando a enunciação se torna objeto de nosso conhecimento e é interpretada e compreendida.

A interação que se estende desde o ambiente familiar até as redes sociais digitais revela marcas do discurso dos outros, dessa forma, palavras são intencionalmente organizadas para que a compreensão do sujeito leitor não seja duvidosa, valorizando o produto. A reflexão que aqui fazemos ancora-se nos princípios bakhtinianos, quando nos referimos às relações dialógicas e percebemos que essas estabelecem sentido entre qualquer espécie de enunciados na comunicação discursiva, ou seja, os confrontos no plano do sentido são constituídos pelas relações dialógicas, e, como afirma Bakhtin (2016), a língua e a palavra são quase tudo na vida humana.

Recorte 9 - Deve ser de verdade.

Participantes: Ana e filha

Data do recorte: 15/06/2018

Circunstância: Ana envia um link para o bate-papo do Facebook da filha, o link é sobre um concurso que terá na região.

Filha: Mãe, o que é isso que você mandou?

Ana: É um link sobre um concurso que a Lia postou hoje e é do Ministério da Educação!...

Filha: Opa! Sabe das fontes? É verídico?

Ana: Deve ser de verdade, foi a Lia que postou e ela dá aula na faculdade.

Esse recorte pode ser relacionado ao recorte 7. Quando Ana realiza o experimento que deveria melhorar o sinal do telefone celular e esse não funciona, algumas crenças relacionadas às publicações que circulam nas redes foram desconstruídas. Após muitos pedidos da filha e de Ricardo, Ana passou a dar atenção para as fontes dos compartilhamentos, a partir de reflexões como: quem compartilhou? Quando? Onde? De que site vem essa informação? A partir de uma nova postura, a usuária busca interligar a publicação com o sujeito que a publicou, isso é, passa a avaliar se ela conhece o sujeito, que, em caso afirmativo, dará caráter confiável à publicação.

Com Volóchinov/Bakhtin (2017), defendemos a ideia de que os indivíduos de uma sociedade específica partilham ideologias afins, e, ao mesmo tempo, divergem em relação a outras, fazendo com que a comunicação se estabeleça de variadas formas. A respeito disso, percebemos uma forte direção ideológica, pois Ana acredita em informações compartilhadas por sujeitos que ela conhece e em quem confia. Isso não foi cristalizado apenas pelo uso da rede social, trata-se de uma crença que Ana carrega consigo há muito tempo. O fato de ela estender essa confiabilidade para os usuários da rede social Facebook advém de relações dialógicas digitais, isso é, os mesmos sujeitos que Ana conhece pessoalmente são seus amigos na rede social, o que estreita o vínculo e aumenta a confiabilidade.

Como a filha é estudante, Ana compartilha com ela alguns links relacionados a cursos, concursos, eventos e curiosidades. Dessa vez, o link compartilhado é sobre um concurso do Instituto Federal do Rio Grande do Sul (IFRS). Ana socializa com a filha o edital e afirma ser verídico em razão de a fonte do compartilhamento ser uma professora de uma universidade (Lia), que, por seu cargo e função, não compartilharia qualquer informação que não fosse fidedigna.

Afora isso, além de a publicação ser compartilhada por uma usuária que “dá aula na faculdade”, o edital é nomeado como um concurso promovido pelo Ministério da Educação, o que certifica a seriedade e a confiabilidade da informação.

Os conjuntos de signos “*deve ser de verdade, foi a Lia que postou*” e “*ela dá aula na faculdade*” nos conduzem a refletir sobre o valor da ação “dar aula em uma universidade”. A ideologia de Ana aponta para que isso seja sinônimo de seriedade, comprometimento, sabedoria, etc. Lia é vista por Ana como uma pessoa confiável por lecionar em uma universidade, ideologia essa construída por uma sociedade específica que aprecia o professor universitário. Todos esses valores são mobilizados na interação decorrente das redes sociais digitais.

Nesses mesmos conjuntos de signos, são exprimidas significações, em uma mesma temática, que direcionam o discurso de Ana como fonte segura. Ana faz uso de enunciados que, entre suas diferentes formas de significar, defendem um mesmo tema.

Encontramos em Volóchinov/Bakhtin (2017) algumas linhas fundamentais para a possível definição do que ocorre no discurso de Ana. A significação vista como única e determinada, de acordo com o estudioso, pertence a qualquer enunciado como uma totalidade, e o sentido dessa totalidade, do que foi enunciado, será chamado de tema. O tema é único, irrepetível e individual, ou seja, como o próprio enunciado, expressa uma situação histórica concreta que o gerou.

No próximo recorte, encontramos no discurso de Ricardo signos advindos das redes sociais e que passaram a fazer parte da interação cotidiana no ambiente familiar.

Recorte 10 - Não sabe que as pesquisas dizem que tomar muito chá faz mal?!

Participantes: Ricardo e filha

Data do recorte: 20/06/2018

Circunstância: A filha está tomando um chá antes de ir dormir quando Ricardo sugere que ela tome um café.

Ricardo: O que tu tá tomando?

Filha: Chá, pai!

Ricardo: Por que tu não toma café?!

Filha: Pai, você sabe que café não me faz muito bem!

Ricardo: Sim, mas chá é pior! Não sabe que as pesquisas dizem que tomar muito chá faz mal?!

Filha: Que pesquisas, pai?

Ricardo: As que compartilham no Face...

Nesse recorte, voltamo-nos para as indagações que Ricardo faz quando a filha adentra na sala bebendo chá. Possivelmente, sabe que a filha está tomando chá – pois, além de esse ser um hábito cotidiano da filha, ele tem conhecimento de que ela, por raras vezes, toma café –, mesmo assim, ele inicia a interação exigindo a réplica por meio da interrogação e da entonação expressiva. Volóchinov/Bakhtin (2017) nos motiva a refletir sobre a atitude responsiva ativa e assegura que toda compreensão é ativa e possui um embrião de resposta. Apenas a compreensão ativa domina o tema, pois um processo de formação só pode ser apreendido com a ajuda de outro processo também em formação.

O diálogo com a filha é construído por meio de um signo específico em especial: pesquisas. Essa palavra pertence ao universo linguístico da filha e Ricardo possivelmente pensou que seu enunciado seria visto com mais seriedade e atenção se utilizasse palavras familiares para a filha. Com base em Volóchinov/Bakhtin (2017), compreendemos que cada elemento semântico isolável do enunciado, assim como o enunciado em sua totalidade, é traduzido para outro contexto ativo e responsivo.

A palavra *pesquisas* não é de comum uso na enunciação de Ricardo, tanto que a filha responde ativamente a ele com admiração e pergunta a que pesquisas ele se refere. Ricardo reporta-se ao Facebook como um suporte que comporta informações que podem auxiliar na saúde da família, não delimitando, é claro, a fonte específica ou particular dessas pesquisas. Ricardo exalta-se quando a filha enuncia que o café faz mal para ela e replica, utilizando de

entonação expressiva para acentuar sua admiração, pois a filha não sabe que tomar muito chá faz mal. Nessa passagem, o que Ricardo enuncia parece desconhecido pela filha. A esse respeito, refletimos, com base em Bakhtin (2016), sobre o confronto de enunciados alheios. Nesse caso, isso se materializa no fato de que, mesmo nada sabendo um do outro, querem tocar o mesmo tema, ainda que de leve, entrando em relações dialógicas entre si.

Na interação vivida no ambiente familiar, Ricardo recorre às postagens do Facebook para valorizar sua fala, voltando novamente para o contexto familiar. O Facebook é visto por Ricardo como um suporte que auxilia nas informações importantes que possam ser úteis para sua família. Possivelmente, o sujeito leu alguns compartilhamentos que reportassem à conclusão de que tomar muito chá faz mal. Pertinente ponderar, nesse cenário, que, conforme destaca Bakhtin (2016), as relações dialógicas não podem ser reduzidas a relações lógicas apenas, nem a meramente linguísticas, elas só são possíveis entre enunciados integrais de diferentes sujeitos do discurso.

A significação do signo *pesquisas* advém da enunciação do outro, no caso, da filha, que, em seu cotidiano, faz uso da palavra para compartilhar seus afazeres, como: *Preciso pesquisar sobre isso* ou *Eu pesquisei e descobri que estava errada*. A ampliação do horizonte valorativo de Ricardo é evidente, e, junto com essa ampliação, sua enunciação é carregada de marcas ideológicas. De acordo com Volóchinov/Bakhtin (2017), o discurso alheio é visto pelo falante como um enunciado de outro sujeito, que carrega pontos de vista sobre assuntos diversos, sendo uma forma de relação ativa de um enunciado com o outro, a que as formas estáveis da língua permitem, esse estudioso comenta que esse fenômeno é chamado da reação da palavra à palavra. O contexto familiar faz com que Ricardo tenha contato com o signo *pesquisas* e perceba que esse é relevante para afirmar enunciados verídicos que advêm da rede social. Nessa direção, Volóchinov/Bakhtin (2017) assegura que o enunciado alheio é percebido não por um ser mudo, que não sabe falar, mas por um ser humano responsivo.

O conjunto de 10 recortes analisados aqui contribui para entendermos nosso objeto de pesquisa: a ampliação do horizonte valorativo dos sujeitos envolvidos no ato enunciativo marcado por signos oriundos das redes sociais digitais. Esse olhar nos possibilitou observar e compreender as relações sociais dadas por meio dos discursos que os sujeitos enunciaram, resultando uma evolução social materializada pelo discurso. Nas considerações finais, próximo e último capítulo, especificaremos essas constatações, relacionando-as aos nossos objetivos nesta pesquisa.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo – que tem como temática a ampliação do horizonte valorativo dos sujeitos envolvidos no ato enunciativo marcado por signos oriundos das redes sociais digitais – tem sua contribuição justificada pelo fato de que possibilita a compreensão das relações sociais e dos discursos que os sujeitos enunciam e de que propicia um apurado olhar direcionado para a evolução social via discurso, conduzindo para a formação do horizonte valorativo de determinado grupo social. Além de interesses pessoais, a pesquisa também é pautada pelo desejo de contribuir para com os estudos da Linguística e ampliá-los a partir da interação, pilar principal de nossa pesquisa e conceito chave na teoria e Bakhtin, juntamente com os conceitos de tema e significação que determinam e movem a compreensão e a atitude responsiva ativa.

A intenção de abordar a ampliação do horizonte valorativo como constructo discursivo do casal escolhido como *corpus* de pesquisa foi possibilitada pelos recursos da interação, do tema e da significação (VOLÓCHINOV/BAKHTIN, 2017). Cada um dos recortes analisados forneceu aporte para ancorar a teoria e para compreendermos que os signos advindos das redes sociais digitais passam a fazer parte da enunciação dos sujeitos que interagem nas redes e fora delas. O entrelaçar dos recortes nos permite perceber uma evolução social do casal, que participa de relações dialógicas, se apropriando dos discursos alheios, compreendendo-os e tornando-os comuns na socialização de interesses, saberes e valores.

Esta dissertação se desenvolveu com vistas a responder às seguintes perguntas: como se caracteriza a ampliação do horizonte valorativo dos sujeitos envolvidos no ato enunciativo marcado pelo uso de signos oriundos das redes sociais digitais? Como se constituem tema e significação nesses atos enunciativos? Com o propósito de trilhar um percurso investigativo que nos conduzisse a respostas elucidativas, elaboramos três hipóteses para guiar nossa pesquisa: a primeira atesta que o sujeito é vigorosamente dominado pelos novos recursos tecnológicos de interação social, e, junto com esses, emergem novos signos ideológicos, realidade que é investigada e compreendida por meio dos estudos discursivos. Os resultados obtidos apontam para o fato de que os dois sujeitos, Ana e Ricardo, são amplamente influenciados pelas redes sociais digitais e, naturalmente, passam a se familiarizar com as novas palavras que fazem parte do universo tecnológico. Assim, a pesquisa mostrou que o uso das redes sociais digitais não se limita a ele mesmo, mas funciona nas demais relações sociais e discursivas dos sujeitos envolvidos, mesmo em momentos em que as redes não estão sendo acessadas.

Isso nos leva à hipótese seguinte, a qual sugere que, ao interagir em redes sociais digitais, o sujeito se apropria de signos característicos desses meios e passa a usá-los também em outros contextos, o que implica um movimento de constituição de novos temas e significações. De fato, constatamos que, com o passar dos dias, os sujeitos passaram a apropriar-se de novos signos e a utilizá-los em diferentes contextos e situações. O surgimento de novos temas e significações que dão vida às palavras ocorreu nas interações domésticas e cotidianas, de acordo com o processo de interiorização de signos novos ou de signos já existentes que ganham novas formas de significar a cada uso.

A terceira e última hipótese supõe que, ao experienciar o uso dos signos oriundos das redes sociais digitais em outros contextos, o sujeito vivencia a ampliação do horizonte valorativo que marca a enunciação. Ao trabalharmos com essa temática, ratificamos que a ampliação do horizonte valorativo ocorre nas interações cotidianas e a percebemos como um processo que abarca vários princípios defendidos por Bakhtin, como o uso do signo ideológico, a interação, as relações dialógicas, o enunciado concreto, os temas e as significações. Tudo isso nos faz colocar em evidência aquilo que Volóchinov/Bakhtin (2017) destaca ao final do capítulo 4 do Círculo, Tema e significação na língua, quando defende a evolução de interesses do criador de gado primitivo e do homem do final da época capitalista. Esse interesse justifica a ampliação do horizonte valorativo advindo de todas as direções, refletindo na constituição dos sentidos linguísticos. Vimos isso ocorrer com Ana e Ricardo, os quais passam a assumir em suas conversas cotidianas temas e significações que até então não moviam seus interesses, mas que passam agora a ocupar o centro de suas discussões, em função do acesso às redes sociais digitais e do reconhecimento de que estão pisando em um terreno novo, que exige cuidado e atenção.

Após esclarecermos o problema e infirmarmos as hipóteses de pesquisa, o objetivo geral foi analisar a ampliação do horizonte valorativo dos sujeitos envolvidos no ato enunciativo marcado por signos oriundos das redes sociais digitais. As manifestações linguísticas aparecem, especificamente, na interação entre os sujeitos, no ambiente familiar e no meio social, e são decorrentes do uso que fazem das redes sociais digitais. Assim, Ana e Ricardo passam a incorporar palavras alheias ao seu próprio discurso, mesmo sem o saber. Para melhor explicitarmos nossas constatações de pesquisa, organizamos o Quadro 3 que é representativo das conclusões a que chegamos. Apresentamos tais conclusões em relação aos objetivos a que nos propomos:

Quadro 3 - Objetivos específicos e considerações

Objetivos específicos	Considerações
Identificar, no discurso analisado, a influência dos novos recursos tecnológicos como possibilitadores de novas interações verbais nas redes sociais digitais e fora delas.	A análise realizada mostrou que o uso do smartphone incrementou as interações sociais dos sujeitos para além das redes sociais digitais, uma vez que suas interações cotidianas são marcadas por temas advindos do uso das redes. Ações como vender um utensílio doméstico ganham novos contornos, uma vez que são, agora, marcadas por valores constituídos nas redes sociais digitais.
Reconhecer, no discurso analisado, os signos advindos das redes sociais digitais e identificar como eles constituem novos temas e significações nos novos contextos em que passam a figurar.	As análises mostraram que não se trata do uso apenas de um ou outro signo, mas do valor que tais signos assumem nos novos usos que constituem. A apreciação social que os reveste é que torna singular o seu uso.
Investigar como a experiência marcada pelo uso de signos oriundos das redes sociais digitais possibilita a vivência da ampliação do horizonte valorativo que marca a enunciação.	O uso dos signos oriundos das redes sociais digitais para além dessas redes revela sujeitos com novos interesses e novas preocupações, que envolvem, por exemplo, o modo como se escrevem corretamente determinadas palavras. Entendemos essa ampliação de interesses como um indicativo da ampliação do horizonte valorativo, pois, como afirma Volóchinov/Bakhtin (2017), são novos aspectos da existência.

Fonte: elaborado pela pesquisadora

Por fim, entendemos que nosso objetivo geral foi alcançado, uma vez que chegamos a esta conclusão:

Quadro 4 - Objetivo geral

Objetivo geral	
Analisar a ampliação do horizonte valorativo dos sujeitos envolvidos no ato enunciativo marcado por signos oriundos das redes sociais digitais.	A análise nos permitiu reconhecer, no uso dos signos oriundos das redes sociais digitais, novos temas e significações renovados para além das interações nas redes, mas particularizados nas relações cotidianas domésticas vivenciadas pelos sujeitos. Tal cenário revelou diálogos que se mesclam em situações sociais diferenciadas e que carregam, nos signos mobilizados, resquícios de outros discursos e de outras ideologias. O horizonte social, assim, é ampliado pela vivência, via linguagem, de experiências diferenciadas.

Fonte: elaborado pela pesquisadora

Concebemos este estudo como um empreendimento inacabado, de modo que a análise realizada permitiu acessar apenas algumas facetas da interação do casal interiorano Ana e Ricardo. Por ora, apresentamos os resultados garimpados como uma singela contribuição para as futuras pesquisas voltadas para a Linguística Moderna, que compreendem o estudo da interação como pilar principal que amplia de forma dialética o horizonte social. A sociedade em formação amplia sua percepção da existência em formação, dessa forma, a significação é absorvida pelo tema e dilacerada por seu conflitos vivos, para, depois, voltar como uma nova significação com a mesma estabilidade e identidades transitórias. Para finalizar, relembramos um pequeno excerto de Volóchinov/Bakhtin (2017, p. 238), que nos motiva a dar continuidade a esta pesquisa:

O criador de gado primitivo não se interessa por quase nada e quase nada o afeta. O homem do fim da época capitalista se interessa por quase tudo, começando pelas regiões da terra mais remotas e terminando pelas estrelas mais distantes. Essa ampliação do horizonte valorativo se realiza de forma dialética. Os novos aspectos da existência que passam a integrar o horizonte de interesses sociais abordados pela palavra e pelo *pathos* humano não esquecem dos elementos da existência integrados anteriormente, mas entram em embate com eles, reavaliando-os, alterando o seu lugar na unidade do horizonte valorativo. Essa formação dialética se reflete na constituição dos sentidos linguísticos. Um sentido novo se revela em um antigo e com a ajuda dele, mas com o objetivo de entrar em oposição a ele e o reconstruir. Isso resulta em um embate incessante de ênfases em cada elemento semântico da existência.

Ana e Ricardo não são criadores de gado, mas são motivados por uma sociedade específica a interessarem-se por tudo o que os variados horizontes proporcionam. É por meio da cultura e da ideologia que se ampliam os novos interesses que compõem um sentido para o sujeito social, resultando na formação da ampliação dialética do horizonte social. Uma sociedade em formação amplia sua percepção de existência, e, nesse processo, tudo é instável e novo, ampliando o horizonte valorativo do sujeito em sociedade.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. *Os gêneros do discurso*. Organização, tradução, posfácio e notas Paulo Bezerra. 1. ed. São Paulo: Editora 34 Ltda., 2016.
- BRAIT, Beth; MELO, Rosineide de. Enunciado/enunciado concreto/enunciação. In: BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. 5. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2017. p. 61-78.
- BRAGAGNOLO, Adriana. *A interação verbal entre professoras e crianças de Educação Infantil: um encontro com a palavra*. 2016. 227 p. Tese de Doutorado. Faculdade de Educação. Universidade de Passo Fundo, 2016.
- DELL'ISOLA, Regina L. Péret. Gêneros híbridos: contornos difusos. In: Evento PG Letras 30 Anos UFPE, Recife, Vol. 1: 66-80, 2006. Disponível em: <<http://www.pgletras.com.br/Anais-30-Anos/Docs/Artigos/1.%20Est%20p%C3%B3s%20doutoramento/1.6%20Regina%20L.P%C3%A9ret%20Dell%C2%B4Isola.pdf>>. Acesso em: 25 out. 2018.
- DIEDRICH, Marlete Sandra. *Aquisição da linguagem: o aspecto vocal da enunciação na experiência da criança na linguagem*. 2015. 147 p. Tese de doutorado. Instituto de Letras. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2015. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/130026>>. Acesso em: 16 maio. 2018.
- _____. Os registros da experiência da criança na linguagem: o ato enunciativo de transcrição. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v.25, n.2, p. 711-737, 2017. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/10587>>. Acesso em: 23 jun. 2018.
- DIEDRICH, Marlete Sandra; RIGO, Karina de Almeida. *A língua mobilizada na conversação: princípios metodológicos para um trabalho de investigação*. Desenredo, Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo, v.13, n.3, p.694-705, 2017. Disponível em: <<http://seer.upf.br/index.php/rd/article/view/7404>>. Acesso em: 24 jun. 2018.
- FARACO, Carlos. A. *Linguagem & Diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin*. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2009. 168 p.
- FIORIN, José Luiz. Interdiscursividade e intertextualidade. In: BRAIT, Beth(Org.). *Bakhtin: outros conceitos-chave*. 2. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2016. p. 161-193.
- MACHADO, Irene. Gêneros discursivos. In: BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. 5. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2017. p. 151-176.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais no ensino de língua. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. p. 144-225.

PIRES, Vera Lúcia. Dialogismo e alteridade ou a teoria da enunciação em Bakhtin. *Cadernos IL*, Porto Alegre, v. 6, p. 35-48, 2002. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/index.php/organon/issue/view/1699/showToc>>. Acesso em: 26 out. 2018.

PISTORI, Maria Helena C. *Volóchinov, Valentin (Círculo de Bakhtin)*. Marxismo e filosofia da linguagem. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. *Revista Bakhtiniana*, São Paulo, v.13, n.2, p. 194-202, 2018. Disponível em:< <https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/36646>>. Acesso em: 24 jul. 2018.

PONZIO, Augusto. *A revolução bakhtiniana*. 1. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2009.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. de. Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013. Disponível em: [http://www.feevale.br/Comum/mídias/8807f05a-14d0-4d5b-blad-1538f3aef538/E-book Metodologia do Trabalho Científico.pdf](http://www.feevale.br/Comum/mídias/8807f05a-14d0-4d5b-blad-1538f3aef538/E-book%20Metodologia%20do%20Trabalho%20Científico.pdf)>. Acesso em: 12 maio 2018.

SOBRAL, Adail. Ver o mundo com os olhos do gênero. In: SOBRAL, Adail (Org.). *Do dialogismo ao gênero: as bases do pensamento do Círculo de bakhtin*. 1. ed. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2009. p. 115-133.

_____. Uma proposta bakhtiniana de estudo dos gêneros discursivos. In: BRAIT, Beth; MAGALHÃES, Anderson Salvaterra (Orgs.). *Dialogismo: teoria e(m) prática*. 1. ed. São Paulo: Terracota Editora, 2014. p. 19-36.

_____. Estética da criação verbal. In: BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin: dialogismo e polifonia*. 1. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2016. p. 167-187.

_____. Ato/atividade e evento. In: BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. 5. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2017. p. 11-36.

VOLÓCHINOV, Valentin. *Marxismo e Filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2017. 376 p.

ZADWAIS, Ana. Bakhtin/Voloshinov: condições de produção de marxismo e filosofia da linguagem. In: BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin e o círculo*. 1. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2016.